



Ricardo Valadão Siqueira Matos

ESTUDANTES EQUIPADOS:

As representações sociais da escola pública
em audiovisuais postados no *Youtube*

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-
graduação em Educação do Departamento de
Educação do Centro de Teologia e Ciências
Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Rosália Maria Duarte

Rio de Janeiro
Abril de 2016



Ricardo Valadão Siqueira Matos

ESTUDANTES EQUIPADOS:

As representações sociais da escola pública
em audiovisuais postados no *Youtube*

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Rosália Maria Duarte

Orientadora

Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof^a. Zena Winona Eisenberg

Departamento de Educação – PUC-Rio

Prof^a. Maria Cristina Monteiro P. de Carvalho

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof^a. Rita Rezende Vieira Peixoto de Carvalho

UCP/RJ

Prof^a. Andrea Müller Garcez

Colégio Pedro II

Prof^a. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de
Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 29 de Abril de 2016.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Ricardo Valadão Siqueira Matos

Graduou-se em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2003. Concluiu o curso de Especialização em Literatura, Memória Cultural e Sociedade pelo CEFET-CAMPOS em 2006. MBA em Gestão da Educação na UFF em 2015. Mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio em 2008. Professor de Filosofia e Sociologia da Escola SESI de Macaé, do CIEP 393 Prefeito Carlos Emir Mussi, do Colégio Irene Meirelles, do Colégio EXAME e Professor das cadeiras de Ética no Contexto Empresarial, Fundamentos da Filosofia e Metodologia de Pesquisa na Faculdade Miguel Ângelo da Silveira – FeMASS.

Ficha Catalográfica

Matos, Ricardo Valadão Siqueira

Estudantes equipados : as representações sociais da escola pública em audiovisuais postados no Youtube / Ricardo Valadão Siqueira Matos ; orientadora: Rosália Maria Duarte – 2016.

162 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2016.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Representações sociais. 3. Escola. 4. Youtube. 5. Juventude. I. Duarte, Rosália Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Para minha família, meus alunos e alunas da cidade de Macaé.
Para os meus sobrinhos Pedro Lucas Matos, Ana Júlia Matos e João Sales.
Para os meus pais, Valdelir da Silva Siqueira Matos e Selma Valadão Tereza Matos.
Para todas as crianças, principalmente das comunidades da Aroeira, Malvinas e Botafogo.
Para Dona Silvia (*In Memoriam*).
Para o meu querido tio Paulo César - PC (*In Memoriam*).

Agradecimentos

A Deus, por orientar e proteger a minha vida e a existência dos meus familiares e adoráveis amigos.

À minha estimada orientadora, professora Rosália Duarte, pelo carinho, atenção, dedicação e seriedade oferecida às minhas ideias e questionamentos, mesmo nos momentos mais críticos.

Aos professores do curso de Doutorado em Ciências Humanas – Educação da PUC-Rio, em especial à professora Zena Eisenberg, que sempre se mostrou interessada pela minha produção.

Às professoras que participaram da banca examinadora, oferecendo sabedoria e carinho à minha pesquisa.

Aos meus queridos colegas do GRUPEM, pelos questionamentos, críticas e dicas à minha investigação.

Aos meus queridos colegas do Curso de Doutorado da PUC-Rio, pelas trocas de saberes.

Às minhas eternas orientadoras, Maria Regina Cândido (UERJ), Analice de Oliveira Martins (CEFET-CAMPOS) e Andréa França (PUC-Rio), fundamentos da minha transformação de estudante em pesquisador social.

Às minhas amigas Soraya Cristina Fernandes e Ana Eliza Adami pelo suporte que me ofereceram durante o período em que atuei como gestor escolar.

Aos meus amigos e familiares pelo incentivo infinito.

À minha maravilhosa, dedicada e atenciosa namorada Roberta Sales.

À minha amiga Raquel Donegá, pelo auxílio na correção da tese.

À Prefeitura Municipal de Macaé, por me conceder a licença para estudos para desenvolver esta investigação social.

À PUC-Rio e todos os membros do Departamento de Educação pelos auxílios concedidos, sem os quais esta pesquisa não teria sido realizada.

Resumo

Matos, Ricardo Valadão Siqueira; Duarte, Rosália (orientadora). **Estudantes equipados: as representações sociais da escola pública em audiovisuais postados no *Youtube***. Rio de Janeiro, 2016. 162p. Tese de Doutorado. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Podemos encontrar múltiplas representações sociais da escola pública em diversos sujeitos sociais, instituições sociais e através de variados mecanismos textuais e imagéticos. Mas como os jovens constroem as representações sociais da sua escola? Quais são as temáticas mais recorrentes nos audiovisuais que circulam no *Youtube*? Essas são algumas das reflexões dessa pesquisa que tem como objetivos identificar e analisar as representações sociais que os estudantes das escolas públicas da cidade de Macaé têm sobre suas escolas nos audiovisuais postados nas redes sociais. Partindo do referencial teórico-metodológico da teoria das representações sociais, originária de Serge Moscovici, buscamos compreender os discursos e as imagens nos vídeos sobre as escolas públicas que encontramos na internet. Realizamos um trabalho investigativo fundamentado em duas etapas: primeiramente, coletamos audiovisuais postados no *Youtube* que fazem referências a duas escolas públicas da rede estadual do Rio de Janeiro; em seguida, através da técnica da análise temática, fundamentada no referencial teórico, analisamos o material discursivo e visual. Percebemos que parcela significativa dos audiovisuais selecionados e analisados apresenta o universo escolar como *locus* de brincadeiras, diversão, prazer e cultura, construindo uma representação social da escola carnavalizada. Por fim, essa pesquisa aponta para a importância de ouvirmos e observarmos o que os jovens produzem, compartilham e consomem no cyberspaço, pois seus anseios e desejos no interior e exterior dos muros das escolas são múltiplos e complexos.

Palavras-chave

Representações Sociais; Escola; *Youtube*; Juventude.

Abstract

Matos, Ricardo Valadão Siqueira; Duarte, Rosália (Advisor). **Students equipped: the social representations the public school in audiovisual posted on *Youtube***. Rio de Janeiro, 2016. 162p. Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

We can find multiple social representations of public school in various social subjects, social institutions and through various textual and image mechanisms. However, how young people build the social representations of your school? What are the recurrent theme in audiovisuals circulating on *Youtube* about their school units? These are some of th this research's reflections intend to identify and analyze the social representations that public schools students of Macaé city have on your school posted as audiovisual on social networks. Starting from the theoretical-methodology of the social representations theory, from Serge Moscovici, we seek to understand the speeches and the images in the movies about the public schools that we find on the internet. We conducted an investigative work in two steps: first, collect audiovisual posted on Youtube that make references to two public schools of the state of Rio de Janeiro; then, through the thematic analysis, based on the theoretical framework, we analyzed the discursive and visual material. We note that a significant portion of the selected audiovisual and analyzed presents the school universe as locus of play, fun, pleasure and culture, building a social representation of a carnivalized school. Finally, this research points to the importance of listening to and look at what young people produce, share and consume in cyberspace, as their concerns and wishes inside and outside the schools walls are multiple and complex.

Keywords

Social Representations; School; YouTube; Youth.

Sumário

Apresentação	14
1. Introdução: visão e imagem, dos pensadores gregos ao tema da pesquisa	16
2. Dispositivos midiáticos: juventude equipada, juventude produtora de audiovisuais	23
3. O fenômeno do <i>Youtube</i> : produção, consumo e compartilhamento de audiovisuais na internet	35
4. Construção teórica e metodológica	41
4.1. Pesquisas no campo das representações sociais sobre escola	45
4.2. Procedimentos metodológicos	48
4.3. O tratamento dos dados: análise temática	52
4.4. Procedimentos analíticos: apresentação e descrição do material empírico	54
4.5. Classificação dos audiovisuais de acordo com as categorias temáticas	60
4.6. Rir e provocar o riso: carnavalização da instituição escolar	82
4.7. Amizade na instituição escolar	85
5. Alunos equipados e as representações sociais da escola pública em audiovisuais postados no <i>Youtube</i> : brincar, rir e provocar o riso na carnavalização da escola	90
5.1. Amizade como modo de vida: representações da amizade escolar nos audiovisuais postados no <i>Youtube</i>	123
6. Considerações finais	133
7. Referências bibliográficas	142
8. Videografia	158
9. Anexo	161

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Proporção de Usuários de Internet, segundo faixa etária	27
Gráfico 2 – Proporção de crianças/adolescentes, por frequência de uso da internet, segundo faixa etária	28
Gráfico 3 – Proporção de crianças/adolescentes, por frequência escolar de uso da internet para cada atividade realizada no último mês – assistir vídeo	40

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Nº DE VÍDEOS COLETADOS NO <i>YOUTUBE</i>	49
Tabela 2 - Título do audiovisual – Colégio Estadual Matias Neto	56
Tabela 3 - Título do audiovisual - Colégio Estadual Luiz Reid	57
Tabela 4 - Categorias/Temáticas	59
Tabela 5 - Categoria: Denúncias	68
Tabela 6 - Categoria: Eventos	68
Tabela 7 - Categoria: Conflitos	69
Tabela 8 - Categoria: Atividades Escolares	69
Tabela 9 - Categoria: Amizade	71
Tabela 10 - Categoria: Brincadeiras	72

Lista de Figuras

Figura 1 - Diário de Classe	61
Figura 2 – Merenda	62
Figura 3 - Estrutura	63
Figura 4 – Youtube 1	75
Figura 5 - Youtube 2	76
Figura 6 - Youtube 3	77
Figura 7 - Youtube 4	78
Figura 8 - Youtube 5	78
Figura 9 - Youtube 6	79

Figura 10 - Youtube 7	80
Figura 11 - Youtube 8	81
Figura 12 - Youtube 9	82
Figura 13 - Youtube 10	91
Figura 14 - Youtube 11	92
Figura 15 - Youtube 12	93
Figura 16 - Youtube 13	94
Figura 17 - Youtube 14	94
Figura 18 - Youtube 15	95
Figura 19 - Youtube 16	96
Figura 20 - Youtube 17	96
Figura 21 - Youtube 18	97
Figura 22 - Youtube 19	98
Figura 23 - Youtube 20	98
Figura 24 - Youtube 21	99
Figura 25 - Youtube 22	100
Figura 26 - Youtube 23	100
Figura 27 - Youtube 24	101
Figura 28 - Youtube 25	102
Figura 29 - Youtube 26	103
Figura 30 - Youtube 27	104
Figura 31 - Youtube 28	105
Figura 32 - Youtube 29	105
Figura 33 - Youtube 30	106
Figura 34 - Youtube 31	107
Figura 35 - Youtube 32	107
Figura 36 - Youtube 33	108
Figura 37 - Youtube 34	108
Figura 38 - Youtube 35	109
Figura 39 - Youtube 36	109
Figura 40 - Youtube 37	110
Figura 41 - Youtube 38	111
Figura 42 - Youtube 39	112
Figura 43 - Youtube 40	112

Figura 44 - Youtube 41	113
Figura 45 - Youtube 42	114
Figura 46 - Youtube 43	114
Figura 47 - Youtube 44	115
Figura 48 - Youtube 45	116
Figura 49 - Youtube 46	116
Figura 50 - Youtube 47	117
Figura 51 - Youtube 48	118
Figura 52 - Youtube 49	118
Figura 53 - Youtube 50	119
Figura 54 - Youtube 51	120
Figura 55 - Youtube 52	121
Figura 56 - Youtube 53	121
Figura 57 - Youtube 54	122
Figura 58 - Youtube 55	123
Figura 59 - Youtube 56	124
Figura 60 - Youtube 57	125
Figura 61 - Youtube 58	125
Figura 62 - Youtube 59	127
Figura 63 - Youtube 60	127
Figura 64 - Youtube 61	128
Figura 65 - Youtube 62	128
Figura 66 - Youtube 63	129
Figura 67 - Youtube 64	129
Figura 68 - Youtube 65	130
Figura 69 - Youtube 66	131
Figura 70 - Youtube 67	131
Figura 71 – Cartaz Ocupa Matias Neto	135
Figura 72 – Página Virtual Ocupa Matias Neto	136
Figura 73 - Youtube 68	137
Figura 74 – Facebook Ocupa Matias Neto 1	137
Figura 75 – Facebook Ocupa Matias Neto 2	138

Eis aí a função das parteiras; muito inferior à minha. Em verdade não acontece às mulheres parirem algumas vezes falsos filhos e outras vezes verdadeiros, de difícil distinção... porém, a grande superioridade da minha arte consiste na arte de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conhecer é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro.

Platão.

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade evidencia como a juventude está diretamente inserida nas novas tecnologias e na internet, o que gera diversas indagações e temas de pesquisa social. Essa investigação se situa nesse contexto e tem como objetivos principais identificar e analisar as representações sociais que alunos de escolas públicas estaduais têm da sua unidade escolar nos audiovisuais que eles postam nas redes sociais, mais especificamente no *Youtube*.

O desejo de pesquisar os audiovisuais sobre as situações que os alunos vivenciam dentro da escola surgiu de várias percepções e reflexões advindas da minha profissão de professor de filosofia e, principalmente, da minha função de diretor de uma escola pública estadual de Macaé, cidade situada na região Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro¹.

Exerci a função de diretor adjunto do segundo semestre de 2007 ao segundo semestre de 2014, quando solicitei a minha dispensa do cargo para me dedicar à produção desta tese de doutorado. Durante esse período, participei de vários encontros, reuniões e dialoguei com muitos diretores da Regional à qual minha unidade escolar pertencia, que incluía os municípios de Macaé, Campos dos Goytacazes, Casemiro de Abreu, Rio das Ostras, Conceição de Macabú e Itaperuna. Nesses encontros, tornavam-se temáticas as questões administrativas, disciplinares e pedagógicas, mas sempre que possível tentava buscar informações sobre a produção e o consumo dos alunos nas mídias e na internet. Tinha o interesse em investigar como os alunos lidavam com a internet, o que eles faziam com as mídias sociais dentro da escola e desejava saber o que os diretores, coordenadores pedagógicos e professores entendiam sobre a produção e o consumo de bens simbólicos dos seus estudantes no universo virtual.

Em algumas conversas tive a percepção de que alguns dos meus colegas também se questionavam sobre o que os jovens fazem com as novas tecnologias, com as mídias e com a internet. Alguns gestores escolares desejavam se deslocar do senso comum, da reprodução dos discursos limitados que dizem que os jovens só “buscam porcarias na

¹ Esse texto de apresentação é a única parte da tese que escrevi empregando a primeira pessoa do singular, pois construí o meu estilo de escrita na primeira pessoa do plural e acredito que a minha produção tem um toque de coletividade, com a participação da orientadora, de vários docentes, dos autores citados, dos colegas do GRUPEM, dos colegas de turma do doutorado e de todos que dialogaram comigo sobre a temática.

internet”, “só querem saber de sexo e pornografia”, “só bate-papo”, “ver filmes de violência” ou “copiar e colar para fazer trabalhos da escola”. Dessa forma, foi se estabelecendo a minha convicção de que o senso comum pouco sabia sobre o que os alunos produzem, consomem, fazem e postam na realidade virtual, gerando a possibilidade de uma investigação que revelasse alguns discursos e imagens que os jovens desejam expor através das redes sociais.

Fazendo uma rápida pesquisa no *Youtube* com o nome da escola onde eu trabalho, encontrei uma boa quantidade de vídeos sobre o cotidiano dos alunos todos sem o conhecimento geral dos profissionais da unidade escolar. Os discentes se expressavam através daqueles audiovisuais postados, apresentavam a sua instituição, seus colegas, seus professores, sua rotina, as coisas que consideravam positivas e negativas da sua comunidade escolar.

A partir desse momento, o meu desejo foi se consolidando na busca de um tema de pesquisa relevante para a minha tese de doutorado, e tudo girava em torno das questões indicadas acima.

Por fim, tal investigação me aproximou ainda mais do universo cultural e social dos meus alunos, compreendendo melhor comportamentos, anseios, culturas expressadas e amplamente divulgadas nas redes sociais. Dessa forma, espero que esta tese de doutorado possibilite a aproximação entre a cultura dos jovens e a dos seus educadores, promovendo conhecimento e abertura para novos horizontes sobre a identidade, a diversidade e a cultura juvenil, eliminando estereótipos, visões homogêneas e preconceituosas que distanciam os vários sujeitos sociais que compõem a comunidade escolar.

1. INTRODUÇÃO: visão e imagem, dos pensadores gregos ao tema da pesquisa

Para apresentar a temática dessa tese de doutoramento, decidimos recorrer à nossa formação acadêmica em Filosofia, resgatando reflexões na tradição dos poetas e filósofos da Grécia Antiga. Acreditamos que os pensadores gregos podem nos oferecer boas contribuições para analisar, compreender e discutir as questões da contemporaneidade.

Desde a Antiguidade Clássica os poetas e os filósofos gregos já identificavam o poder que o olhar e as imagens exercem sobre os seres humanos. Sófocles (2005), poeta grego do século V a.C., na famosa tragédia grega *Rei Édipo*, oferece-nos um claro exemplo da importância do sentido da visão para os helênicos.

Édipo, rei da *pólis* de Tebas, após decifrar o enigma da Esfinge, posteriormente sabendo que ele mesmo foi o assassino do pai e que tinha se casado com a própria mãe, tendo filhos com ela, aplica a si mesmo a maior punição que um grego poderia sofrer: a cegueira, ele fura os próprios olhos. Questionamo-nos: diante de tal situação trágica, o parricídio e o incesto, por que Édipo decide se cegar e não infringir-se outro tipo de punição? Tal fato evidencia a importância da visão para os gregos antigos, dado que a perda desse valioso sentido tirava o principal acesso ao conhecimento do mundo exterior, advindo através da contemplação das imagens.

CORIFEU

Que horrível coisa fizeste, ó Édipo! Como tiveste coragem de ferir assim os olhos? Que divindade a isso te levou?

ÉDIPO

Foi o Apolo! Sim, o Apolo, meus amigos, o autor de meus atroz sofrimentos! Mas ninguém mais me arrancou os olhos; fui eu mesmo! Desgraçado de mim! Para que ver, se já não poderia ver mais nada que fosse agradável a meus olhos?

CORIFEU

Realmente! É como dizes!

ÉDIPO

Que mais posso eu contemplar, ou amar na vida? Que palavra poderei ouvir com prazer? Oh! Levai-me para longe daqui, levai-me depressa para bem longe. Eu sou um réprobo, um maldito, a criatura mais odiada pelos deuses, entre os mortais! (...)

CORIFEU

Teria sido razoável tua resolução, ó Édipo? Não sei dizer, na verdade, se te seria preferível a morte, a viver na cegueira. (SÓFOCLES, 2005).

O Corifeu chega a sugerir a morte como punição mais aceitável do que a cegueira para Édipo, pois a ausência da visão seria uma tortura maior do que o suicídio, gerando a impossibilidade de contemplar o real, a limitação de ver os fatos com seus próprios olhos.

O filósofo grego Aristóteles (1979), na obra *Metafísica*, afirma que todos os homens desejam por natureza o conhecimento e que a visão desperta um prazer e um acesso ao conhecimento diferenciado dos outros órgãos sensoriais.

Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e mais que todas as outras as visuais. Com efeito, não só para agir, mas até quando não nos propomos operar coisa alguma, preferimos, por assim dizer, a vista aos demais. A razão é que ela é, de todos os sentidos, o que melhor nos faz conhecer as coisas e mais diferenças descobre (ARISTÓTELES, 1979).

Platão (1997), no clássico mito da caverna, narra o processo de conhecimento através de uma metáfora que também destaca a importância da visão para a humanidade. Depois de liberto das correntes que o aprisionavam dentro do mundo sensível, que o levava a ver apenas sombras projetadas no fundo da caverna, o filósofo passa por um processo de adaptação do olhar fora da escuridão, fora do mundo das sombras. Para Platão, é através da visão que os seres humanos podem contemplar a ideia de bem e chegar ao conhecimento da realidade no mundo inteligível, mesmo sendo um processo lento e doloroso.

SÓCRATES

Vejam agora o que aconteceria, se se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que laboravam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz. Não poderia fazer tudo isso sem grande pena; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via.

Que te parece agora que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos, o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados? (...)

SÓCRATES

Precisaria de algum tempo para se afazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros seres refletidos nas águas; finalmente erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia (PLATÃO, 1997).

Dessa forma, a sabedoria, a contemplação da ideia de bem passa pelo olhar do indivíduo, pelo poder da visão que pouco a pouco vai se adaptando aos elementos iluminados pelo sol, pela ideia de bem do mundo intelectual.

Muitos são os filósofos, artistas e pensadores que percebem o prazer e a importância que a visão e as imagens trazem aos seres humanos. Isto se evidencia entre os jovens, que atualmente vivem numa sociedade midiática (MORAES, 2006) repleta de imagens, audiovisuais e outras produções simbólicas que seduzem e atraem a atenção, o olhar e outras percepções. Podemos compreender o ser humano como um ser imagético, pois o homem descobriu na imagem uma forma eficaz de comunicação. Dessa forma, a imagem acompanha o homem na construção da cultura, nas interações, nas mediações e criações de imaginários e símbolos.

Na contemporaneidade temos um dilúvio de imagens e audiovisuais. O pensador francês Pierre Lèvy (2010) diz que:

As telecomunicações geram esse novo dilúvio por conta da natureza exponencial, explosiva e caótica de seu crescimento. A densidade bruta de dados disponíveis se multiplica e se acelera. A densidade dos links entre as informações aumenta vertiginosamente nos bancos de dados, nos hipertextos e nas redes. Os contatos transversais entre os indivíduos proliferam de forma anárquica. É o transbordamento caótico de informações, a inundação de dados, as águas tumultuosas e os turbilhões da comunicação, a cacofonia e o psitacismo ensurdecedor das mídias, a guerra das imagens, as propagandas e as contrapropagandas, a confusão dos espíritos.

A internet possibilitou a proliferação de bens culturais, “o dilúvio” ou “a guerra das imagens”, de tal modo que as charges, as HQ, as fotografias, os desenhos, os filmes, as imagens da TV, as mídias digitais, dentre outros aparatos e artefatos midiáticos inundam nossa percepção, nossa visão e compreensão da realidade. Tornou-se uma regra do senso comum a máxima de São Tomé, transformada em dito popular: “ver para crer”. Seria sem lógica parafrasearmos tal máxima do poder da visão em: “ver na mídia para crer”? Talvez, mas uma ideia se apresenta como evidente para muitos indivíduos: as imagens oferecem um alto grau de verdade e confiabilidade, principalmente a iconografia midiática, como fotos, imagens e audiovisuais.

No entanto, destacamos que, com o avanço tecnológico, o advento das mídias digitais e o desenvolvimento da chamada *web 2.0*, novas produções e diferentes formas de circulação de imagens e discursos se destacam na cena midiática contemporânea. Muitos indivíduos, na denominada era da internet, saíram do patamar de consumidores de bens midiáticos e passaram a ser também produtores de imagens, audiovisuais, discursos e outros bens simbólicos digitais.

Atualmente, com uma simples câmera digital, celular ou *smartphone*, qualquer pessoa é capaz de produzir uma obra midiática que pode ganhar destaque nacional ou internacional através das redes sociais. A frase do cineasta Glauber Rocha que identifica o Cinema Novo Brasileiro “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, ganha um novo sentido na contemporaneidade. Ter uma câmera na mão, hoje, indica uma multidão equipada, mas sem necessariamente ter uma ideia definida na cabeça para a produção de um audiovisual.

Sem dúvida alguma, uma das grandes plataformas que possibilita a diversos sujeitos divulgarem suas ideias e representações sociais é o site de compartilhamentos de audiovisuais *Youtube*. Esta plataforma é um fenômeno de uso na internet, pois

permitiu a um grande público apresentar suas ideias, identidades, ideologias, conhecimentos, informações, culturas e representações sem precisar passar pelo crivo das grandes e tradicionais corporações midiáticas.

Identificamos o *Youtube* como uma base para a captação e compreensão de discursos nos formatos audiovisuais onde diversos sujeitos sentem a necessidade de transmitir e visualizar seus desejos, angústias, medos, necessidades, valores, culturas e representações sociais.

A partir da importância das imagens e do olhar apontados pelos pensadores gregos, do ambiente social de produção e proliferação de audiovisuais nas redes sociais que vivenciamos na era contemporânea, essa pesquisa ganhou forma e sentido. Com as observações indicadas acima, definimos a temática, traçamos os objetivos, os métodos e todas as ações necessárias para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A investigação indicou a necessidade de estabelecermos uma delimitação rigorosa, pois se tornou necessário definir o período de coleta do material empírico nas redes sociais e que instituições escolares seriam as referências para pesquisa. Selecionamos duas escolas estaduais da cidade de Macaé como referências e o trabalho de coleta de dados foi realizado durante o período de janeiro de 2014 e dezembro de 2015.

A escolha da cidade foi baseada no critério da proximidade social do pesquisador e a seleção das escolas priorizou as que têm maior quantidade de alunos matriculados, ambas com mais de mil estudantes, segundo dados do censo escolar de 2014².

As duas escolas estaduais selecionadas foram o Colégio Estadual Luiz Reid e o Colégio Estadual Matias Neto, pois são os maiores colégios em quantidade de alunos na cidade. Tais colégios estão localizadas no centro de Macaé, recebendo alunos de diversas localidades da região central, fator que permite o encontro da diversidade juvenil da cidade, e ainda possuem boa estrutura física, tecnológica e de recursos pedagógicos. Dessa forma, pelo histórico e tradição dessas duas instituições escolares públicas na sociedade macaense, ambas fundadas na primeira metade do século XX, pelo seu grande quantitativo de estudantes na região e pela sua localização, determinamos que as escolas supracitadas seriam as mais adequadas para nossa investigação social.

Para alcançar os objetivos do trabalho, fundamentamos nossa investigação no referencial teórico-metodológico da teoria das representações sociais, proposto por Moscovici (2011), em reflexões filosóficas sobre o poder da imagem e do audiovisual na

² Cf. www.portal.inep.gov.br (Todos os sites consultados estão referenciados nas notas de rodapé).

sociedade contemporânea e no conceito antropológico de carnavalização proposto por Roberto DaMatta (1997a).

Além do embasamento teórico-conceitual, realizamos uma investigação nas redes sociais estruturada em duas etapas complementares: na primeira etapa coletamos audiovisuais que os alunos postaram no *Youtube* sobre as escolas selecionadas; na segunda etapa, analisamos os temas dos dados empíricos, verificando as representações sociais presentes nos vídeos gravados no interior do espaço escolar. Para analisar os materiais simbólicos coletados do *Youtube*, empregamos a técnica da análise temática, com o suporte da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) e Bauer (2011), destacando as práticas e representações mais recorrentes nas obras.

A produção textual da pesquisa está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado “Dispositivos midiáticos: juventude equipada, juventude produtora de audiovisuais”, são apresentadas reflexões sobre os dispositivos midiáticos, sobre a sociedade midiaticizada e sobre como os jovens se relacionam com as novas tecnologias, principalmente no universo escolar. Neste capítulo teórico, apresentamos a estreita conexão de parcela significativa da juventude com as mídias sociais, com as novas tecnologias da informação e comunicação e com os aparatos tecnológicos, gerando produções discursivas e visuais sobre sua realidade e tornando-se sujeitos equipados.

No segundo capítulo, denominado de “O fenômeno do *Youtube*”, apresentamos as possibilidades e as aberturas que esta rede social proporcionou aos seus usuários, consolidando ainda mais uma cultura da imagem e do audiovisual.

No terceiro capítulo, “Construção teórica e metodológica”, destacamos a teoria das representações sociais de Moscovici e seus discípulos, apontando a pertinência desse referencial teórico-conceitual para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, promovemos uma reflexão sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa, detalhando os caminhos percorridos por tais escolhas.

No quarto capítulo, “Procedimentos analíticos”, apresentamos as técnicas de coleta e análise de dados discursivos e visuais, destacando a análise temática como estratégia metodológica para percepção e compreensão das representações sociais nos vídeos.

No quinto capítulo, analisamos os elementos mais constantes e recorrentes nos vídeos selecionados da internet, fazendo análise da imagem e dos temas desses audiovisuais. Neste ponto, adentramos nos processos de carnavalização nas

representações sociais dos vídeos, sobressaindo as amizades, as brincadeiras e os desejos de rir e provocar o riso.

Por fim, no último capítulo, traçamos as considerações finais sobre os resultados da pesquisa e a abertura de novos horizontes de investigação sobre a temática.

2. DISPOSITIVOS MUDIÁTICOS: juventude equipada, juventude produtora de audiovisuais

A sociedade contemporânea é extremamente marcada pela presença tecnológica na vida cotidiana das pessoas, pela participação massiva das mídias na produção, circulação e consumo dos mais variados produtos culturais no dia a dia de crianças, jovens e adultos, sejam eles textos, discursos, símbolos, tendências, imagens, audiovisuais, filmes, documentários, novelas, séries, revistas, livros, jornais, propagandas, games, celulares, computadores, sites, blogs, redes sociais, aplicativos, mensagens, informações, conhecimentos, enfim, tudo aquilo que podemos denominar como dispositivos midiáticos de saber e poder. Mas o que são os dispositivos? Como definir dispositivos midiáticos?

Uma das referências na construção conceitual do termo dispositivo é a filosofia dos micropoderes de Michel Foucault (1997). O sentido que damos ao conceito dispositivo se fundamenta nas análises de Foucault sobre a sociedade moderna, por isso devemos buscar a essência deste termo nas ideias do filósofo francês.

Agamben (2005) lança a hipótese de que a palavra “dispositivo” é um termo técnico decisivo na estratégia de pensamento de Foucault³. No entanto, não encontramos uma definição conceitual clara nas obras de Foucault, nem mesmo nos livros *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão e a *História da Sexualidade*: a vontade de saber, onde ele destaca tal terminologia. Entretanto, em uma entrevista de 1977, encontrada no livro *Microfísica do Poder* (1997), é possível identificar pontos que esclarecem a ideia de dispositivo na filosofia do pensador francês. Segundo Foucault (1997), o dispositivo é um conjunto heterogêneo que abrange discursos, instituições, planejamentos arquiteturais, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, propostas filosóficas, morais, filantrópicas, em suma: o dito e o não dito. Assim sendo, o próprio dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses múltiplos e variados elementos.

O dispositivo consistiria assim numa conexão que pode ser estabelecida entre diferentes elementos materiais e imateriais, como o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre os fenômenos sociais e os sujeitos; as relações entre

³ Giorgio Agamben (2005), em conferências proferidas no Brasil, estabelece uma genealogia do conceito de dispositivo nas obras de Foucault e no contexto histórico francês, oferecendo uma boa perspectiva de compreensão do termo.

discursos e práticas; as ideias e as ações, atitudes e comportamentos. O dispositivo é um mecanismo de poder com múltiplas dimensões em jogo.

O dispositivo é um amálgama em que se misturam o enunciável e o visível, as palavras e as coisas, os discursos e as arquiteturas, os programas, as formações discursivas e as formações não-discursivas. Os dispositivos são, para Foucault, máquinas concretas que, com as relações que estabelecem e misturam, geram sentidos na sociedade. Revel (2011) esclarece assim o conceito de dispositivo:

Eles são, por definição, de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, tanto de instituições quanto de táticas instáveis: é assim que Foucault conseguirá falar, de acordo com o caso, de “dispositivos de poder”, de “dispositivos de saber”, de “dispositivos disciplinares”, de “dispositivos de sexualidade” etc.

Esclarecida a visão foucaultiana do termo dispositivo, devemos nos empenhar em apresentar a concepção de dispositivos midiáticos que seguimos. Klein (2007) busca traçar a genealogia do conceito de dispositivo e a sua utilização nos estudos midiáticos, oferecendo uma perspectiva crítica e esclarecedora das possibilidades que este conceito tem para os estudos no campo das mídias. Klein afirma que a maioria dos autores nas ciências da comunicação não explicitam suas concepções sobre o conceito de dispositivos midiáticos, o que gera diversos entendimentos e contradições na utilização do termo. Em algumas pesquisas, o dispositivo é apresentado como sendo algo estritamente técnico ou tecnológico. Já em outros trabalhos acadêmicos, o conceito deixa de ser técnico-tecnológico, mas ainda aparece como sendo unidimensional, destacando ora a dimensão socioantropológica, ora a linguagem. Essas dimensões aparecem isoladamente, não apresentando o caráter multidimensional do conceito de dispositivo.

Dessa forma, entendemos os dispositivos midiáticos numa perspectiva multidimensional do universo concreto e simbólico, prático e discursivo, técnico-tecnológico e linguagem, das instituições e sujeitos sociais, das mídias e produções culturais. Klein (2007) destaca três dimensões do conceito de dispositivo midiático que se relacionam: a socioantropológica, a semio-linguística e a tecno-tecnológica.

A dimensão socioantropológica do dispositivo midiático é tudo que envolve o humano e o social na comunicação midiática e que participa do processo produtivo. Os

sujeitos que são mediados, sua cultura, sua vida, suas ações e suas instituições etc. Mas também os agentes midiáticos, sua formação, sua cultura e as instituições midiáticas envolvidas.

Na dimensão semio-linguística do dispositivo, ganham destaques as operações de linguagem que participam da mediação e as regras que criam significados por meio da utilização de códigos e símbolos que são organizados. O dispositivo, enquanto dimensão técnico-tecnológica, faz referência à técnica no que diz respeito às operações realizadas e enquanto tecnologia aos suportes tecnológicos, isto é, às máquinas, aos equipamentos e aos instrumentos utilizados nos processos de comunicacionais. A relação de poder e saber midiática socioantropológica, semio-linguística e técnico-tecnológica é um elemento chave para se compreender a contemporaneidade e sua produção cultural.

Todos os indivíduos estão sujeitos a uma grande tempestade de dispositivos, mecanismos, mídias e produções midiáticas que marcam os tempos da era da internet (CASTELLS, 2013), pois estamos envolvidos, alguns mais, outros menos, numa malha midiática da contemporaneidade. Conforme Todd Gitlin (2003), nós reduzimos o significado das mídias ao classificá-las apenas como canais de informação. Na visão do autor, as mídias, atualmente, são ocasiões e condutores de um modo de vida identificado com a racionalidade, a conquista tecnológica e a busca da riqueza, mas também algo bem diferente, o que ele denomina de “diversão”, “conforto”, “conveniência” e “prazer” (GITLIN, 2003).

As mídias são meios. Visamos, através das mídias, a gratificar e saciar nossa fome convidando imagens e sons a entrar em nossa vida, fazendo-os ir e vir com facilidade numa busca interminável de estímulo e sensações. Nosso negócio principal não é a informação, mas satisfação, o maior dos sentimentos, ao qual damos todo o tempo que conseguimos, não só em casa como no carro, no trabalho ou andando pela rua. Procuramos e às vezes achamos uma risada na piada de uma série humorística, uma pontada erótica num anúncio de roupa íntima, um sacolejo de ritmo na programação de um rádio, uma sensação de correr com incrível velocidade num videogame. Até a busca de informações inclui a busca do prazer sentido ao encontrá-la – ou seja, a busca de sentimento (GITLIN, 2003).

Seguimos os argumentos de Gitlin ao constatar que na sociedade que se considera a mais livre de todas, passar o tempo com as máquinas de comunicação e

informação são os principais usos que damos à nossa liberdade. A civilização contemporânea desenvolveu uma forma particular de brinquedo, nas palavras do nosso professor de sociologia: “casar diversão com conveniência banhando-nos em imagens e sons” (GITLIN, 2003).

Para compreendermos a dinâmica e a complexidade da torrente de produções midiáticas que circulam e são consumidas na atual sociedade do espetáculo (DEBORD, 2007), lançamos mão do conceito de midiatização, que apesar de ainda se encontrar num processo de construção, debate e definição, já nos possibilita entender o contexto social e cultural da contemporaneidade: Assim, a midiatização pode ser definida como uma perspectiva de longa-duração sobre os efeitos cumulativos dos *media*. Inclusive os efeitos de mediação, dos *media* e do *medium*.

A midiatização da sociedade, seu poder de estabelecer mediações, de construir representações sociais, de criar, recriar e desconstruir imaginários, mentalidades e culturas, é um fenômeno essencial para se compreender a humanidade, suas criações e a sociedade em que ela vive.

No entanto, apesar de todos estarem envolvidos nesta malha midiática, ou nesta sociedade midiatizada, as crianças e jovens se destacam como sendo um segmento social mais disposto a consumir, digerir, produzir, fazer circular, recriar e se conectar às novas tecnologias da informação e da comunicação. No prefácio da edição brasileira do livro *Crescer na era das mídias eletrônicas*, o professor inglês da Universidade de Londres, David Buckingham (2007), nos diz:

Para aqueles de nós que estamos próximos de crianças na vida diária – pais, mães, familiares, professores ou outros profissionais – é difícil ignorar a importância cada vez maior das mídias eletrônicas. Em todas as sociedades industrializadas – e também em muitos países em desenvolvimento – as crianças hoje passam mais tempo em companhia dos meios de comunicação do que com seus familiares, professores e amigos. As crianças parecem cada vez mais viver “infâncias midiáticas”; suas experiências diárias são repletas das narrativas, imagens e mercadorias produzidas pelas grandes corporações globalizadas de mídia. Poderíamos mesmo dizer que hoje o próprio significado da infância nas sociedades contemporâneas está sendo criado e definido por meio das interações das crianças com as mídias eletrônicas.

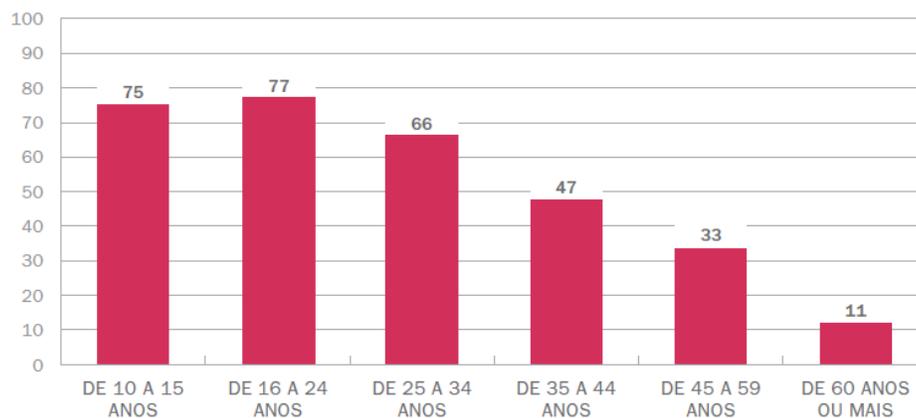
As presenças de crianças e jovens na interação com as mídias eletrônicas podem ser constatadas de diversas formas, por exemplo: os jovens são cada vez mais temas e

consumidores de filmes, documentários, novelas, livros, revistas, pesquisas acadêmicas e sites da internet. Os aparelhos celulares – com suas mais diferentes ferramentas e funções, tais como o serviço de mensagens, TV, rádio, games, internet, redes sociais, câmera de vídeo e fotográfica etc – tornam-se um componente essencial não apenas na vida dos adultos, mas também na vida das crianças, de modo que algumas chegam a ter mais de um aparelho móvel. Devemos levar em consideração não apenas a posse dos aparelhos celulares, computadores, *smartphones* e *tablets*, mas também o desejo constante juvenil de possuir essas novas tecnologias⁴.

Muitas pesquisas sinalizam que crianças e jovens estão entrando em contato com o universo tecnológico e eletrônico cada vez mais cedo e constante no Brasil. Um exemplo é a pesquisa *TIC Domicílios*⁵ que tem apontado, ao longo de sua série histórica, que a proporção de usuários de Internet na faixa etária de 10 a 15 anos se mantém acima da média da população brasileira. Em 2013, enquanto 51% dos brasileiros eram considerados usuários de Internet, essa proporção atingia os 75% entre crianças e adolescentes com idades entre 10 e 15 anos, conforme mostra o gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1.

PROPORÇÃO DE USUÁRIOS DE INTERNET, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA
Percentual sobre o total da população



FONTE: TIC DOMICÍLIOS 2013 (CGI.BR, 2014)

⁴ Muitas empresas percebem esse desejo juvenil e criam estratégias para o consumo desses jovens. Exemplo disso é a propaganda da Claro que evidencia dois jovens conversando sobre seus objetivos de possuírem, constantemente, o mais novo smartphone, através de um plano criado pela empresa.

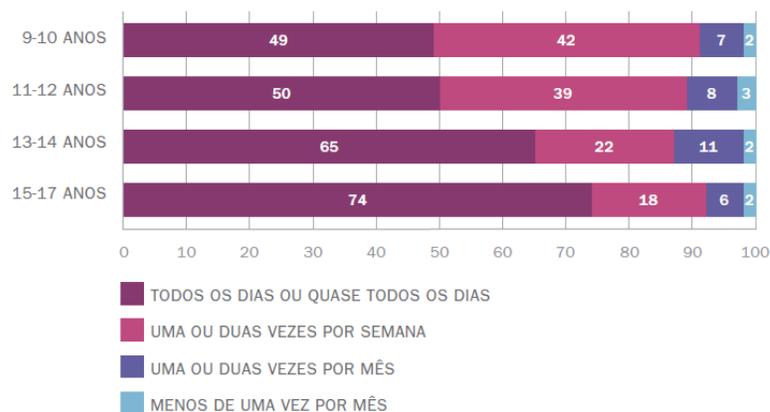
⁵ Cf. <http://www.cetic.br/tics/usuarios/2013/total-brasil/J1/>

A frequência do uso de internet por parte de crianças e adolescentes é outro aspecto que merece a nossa atenção. Através dos resultados da pesquisa *TIC Kids Online Brasil 2013*⁶, observa-se uma intensificação da frequência de uso da Internet nos últimos anos. Entre as crianças e adolescentes usuários de Internet no Brasil, uma parcela significativa dessa população declarou acessar a rede mundial de computadores frequentemente: 63% o fazem todos os dias ou quase todos os dias, um aumento de 16 pontos percentuais em relação a 2012. Conseqüentemente, há uma diminuição de jovens que utilizam a rede com menor frequência: 27% por cento das crianças e adolescentes acessam de uma a duas vezes por semana e 8% o fazem ao menos uma vez por mês.

Os dados da *TIC Kids Online Brasil* apontam que jovens nas faixas etárias mais elevadas navegam na rede com maior frequência, conforme o gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2.

PROPORÇÃO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES, POR FREQUÊNCIA DE USO DA INTERNET, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA
Percentual sobre o total de usuários de Internet de 9 a 17 anos



Esses dados evidenciam a denominada “infância midiática” já citada neste trabalho, na qual suas experiências, práticas, consumo e cotidiano estão repletos e permeados de dispositivos midiáticos.

Não existe um local que exclua essa produção, circulação e consumo midiático por parte dos jovens. Nas escolas públicas e privadas do Brasil os celulares e outros aparatos tecnológicos se fazem tão presentes nas salas de aulas que se tornaram um dos

⁶ Cf. <http://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2013/>

principais fatores de conflitos entre docentes e discentes, envolvendo toda a comunidade escolar. Tal fato gerou em alguns Estados do Brasil leis para proibir ou controlar o uso das mídias eletrônicas nos espaços educacionais, não bastando os contratos de convivências internos ou os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) que cada Unidade de Ensino constrói com a comunidade escolar⁷.

No Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, existe a lei estadual nº 5453, de 26 de maio de 2009, que diz no seu artigo 1º:

Fica proibido o uso de telefones celulares, walkmans, Ipods, MP3, MP4, fones de ouvido e/ou bluetooth, game boy, agendas eletrônicas e máquinas fotográficas, nas salas de aulas, salas de bibliotecas e outros espaços de estudos, por alunos e professores na rede pública estadual de ensino, salvo com a autorização do estabelecimento de ensino, para fins pedagógicos⁸.

A promulgação de leis para regular os usos que crianças e jovens fazem das mídias eletrônicas nas instituições de ensino evidencia como a tecnologia é um elemento essencial, fundamental na vida cotidiana de meninos e meninas, fazendo-se necessário o poder coercitivo das leis para gerenciar tal relação nas escolas públicas de muitas partes do Brasil.

Outro aspecto importante dessa relação da juventude com as novas tecnologias é a significativa parcela de crianças e jovens que estão conectadas às redes sociais: *Facebook, Twitter, Instagram, Youtube* etc. Cada vez mais jovens têm a iniciativa de produzir seus próprios vídeos, imagens e discursos com suas câmeras digitais ou celulares para postarem em redes sociais. Alguns desses adolescentes criam sites e blogs para se expressarem, enfim, como eles mesmos dizem: “estão conectados”, não só à internet, mas a tudo que de alguma forma envolve mídiatização.

A presença midiática na vida da juventude é tão essencial que diversos pesquisadores da sociologia, da antropologia, da educação, da psicologia, da

⁷ Desde 2007, existem alguns projetos de leis federais tramitando na Câmara dos Deputados vedando o uso de aparelhos eletrônicos portáteis em escolas públicas de educação básica e em estabelecimentos de instituições superiores. Ver.

www.camara.gov/proposicoesWeb/prop_mostraintegra?codteor=517286&filename=Avulso+-PL+2246/2007

⁸ Ver:

alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/69d90307244602bb032567e800668618/98c0ae15flae6832575c3005abe88?OpenDocument

comunicação social e da cultura definem esses jovens como: “nativos digitais” (PRENSKY, 2013), “geração eletrônica”, “geração digital”, “geração net”, “geração computador”, “geração da tela”, “geração do audiovisual” (BUCKINGHAM, 2007). Podemos desconstruir a ideia de que as crianças já nascem dominando as tecnologias e seus conteúdos, pois esse domínio é construído na formação e interação social e midiática, porém não podemos negar a forma como essas tecnologias e suas produções discursivas fazem parte cada vez mais cedo da vida das pessoas.

Dentre a grande pluralidade e variedade de indagações filosóficas e sociológicas que podem surgir dessa relação dos jovens com os processos de midiatização, algumas questões ganham uma maior relevância nas nossas reflexões, são elas: Quais são as representações sociais das escolas que circulam pela internet? Como os alunos das escolas estaduais do Rio de Janeiro representam o seu espaço escolar nos audiovisuais publicados no *Youtube*? Essas indagações são os primeiros passos que vamos dar na compreensão das representações sociais que os estudantes de Macaé constroem das escolas públicas estaduais e fazem circular na rede mundial de computadores, especificamente no site de postagens de vídeos *Youtube*.

O *Youtube* foi criado em 2005 e a cada ano tem ocupado mais espaço e tempo na vida de muitas pessoas. Partindo dos dados apresentados pela própria empresa, podemos constatar que no ano de 2001 os usuários postavam 48 horas de vídeos por minuto no site de compartilhamento de audiovisuais. Já em 2012, este número aumenta para 72 horas de vídeos postados por minuto, marca que foi superada no ano de 2013, já que a cada minuto são postadas 100 horas de material audiovisual. O crescimento desse site é tão extraordinário que o público mensal gira em torno de 1 bilhão de pessoas⁹. Em 2014 e 2015, apesar do *Facebook* já se aproximar da quantidade de vídeos postados no *Youtube*, esta rede social ainda predomina nas postagens e visualizações de audiovisuais.

Podemos encontrar os mais diversos materiais audiovisuais neste site: propagandas, documentários, curtas-metragens, filmes nacionais e internacionais, videoclipes musicais, montagens amadoras, telejornais, cenas de novelas, séries de TV, desenhos animados, programas de TV, filmagens amadoras e/ou familiares, vídeos de flagrantes, dentre outras produções antigas ou contemporâneas.

⁹ Cf. exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/por-minuto-100-horas-de-video-sao-postadas-no-youtube
Ver. gráfico anexo.

Com o advento da internet e das novas tecnologias da informação e da comunicação, podemos constatar um papel participativo dos indivíduos na produção midiática. A internet possibilitou uma ampla divulgação de informações, imagens, audiovisuais, símbolos e culturas sem um controle sistemático das grandes corporações da Indústria Cultural, do Estado ou de qualquer outra instituição social.

Neste sentido, o *Youtube*, por exemplo, possibilitou que os cidadãos comuns divulgassem seus próprios audiovisuais sem que eles passassem pelo crivo das grandes corporações, dos meios de comunicação de massa. A cada dia que se passa, as pessoas comuns têm se aproveitado mais desses dispositivos eletrônicos para produzir, fazer circular e consumir representações, mentalidades, imaginários, informações, conhecimentos, imagens, vídeos, discursos e culturas.

Mas esse potencial de produção e divulgação de imagens que as pessoas comuns têm hoje com a internet, o computador, os celulares, os *smarthphones*, os *tablets* e outros dispositivos móveis, não passa longe de um agenciamento por parte da Indústria Cultural. “Agenciá-las [as imagens] significa, por um lado, aceitar o descontrole onde elas surgem. Por outro lado, significa direcioná-las, orientar suas formas de consumo e sua inserção em narrativas diversas, em suma, produzir a partir delas algo como uma montagem” (BRASIL & MIGLIORIN, 2010).

Um caso exemplar, e extremamente contemporâneo, é a chamada da Globo News solicitando que as pessoas que registraram as manifestações sociais e políticas de junho de 2013 as enviem para a emissora: “*Fez parte de alguma notícia? Acesse: g1.com.br/globonews e mande o seu vídeo. Nós queremos o seu olhar*”. Atualmente, a emissora consolidou essa proposta de receber vídeos dos telespectadores para fazer denúncias e apresentar situações consideradas relevantes socialmente. Essas estratégias de agenciamento e aproveitamento de imagens e vídeos amadores em telejornais se aplicam também em jornais impressos, revistas, sites de corporações midiáticas, em documentários e ficções cinematográficas, dentre outros veículos de comunicação.

Os pesquisadores da Comunicação Social, Brasil e Migliorin (2010), analisam, através de um viés biopolítico do universo de imagens, as estratégias de modulação das empresas e os modos de capitalização da vida que elas engendram. No artigo intitulado *Biopolítica do amador: generalização de uma prática, limites de um conceito*, os pesquisadores lançam a hipótese de que a crescente utilização de imagens amadoras pelos mais variados domínios profissionais da comunicação revela algo da natureza do

capitalismo contemporâneo, o que na base do pensamento foucaultiano poderia ser denominado de *biopolítica*.

Analisando a passagem da disciplina à *biopolítica*, como anteviu Michel Foucault, Brasil e Migliorin (2010) explicam que a disciplina (ou *anatomopolítica*) e a *biopolítica* (ou *biopoder*) são dois modos distintos, mas complementares, de exercício de poder que se desenvolvem na modernidade. Seguindo os argumentos de Foucault, a disciplina é centrípeta, ela concentra, isola, fecha, funciona como modelagem – são exemplos, a escola, o exército, a prisão, a fábrica. Já a *biopolítica* é centrífuga, pois integra, organiza, assegura o desenvolvimento de circuitos cada vez mais amplos.

Assim, a biopolítica funciona por modulação: a educação continuada, as penas alternativas em regime aberto, as empresas em rede, a guerra cosmopolita, o terrorismo. A disciplina não deixa nada escapar; sua escala, como sabemos, é a do detalhe. Ao contrário, a biopolítica deixa passar e faz circular, desde que aquilo que passe e circula seja passível de monitoramento: aqui, o detalhe interessa na medida em que se insere no cálculo probabilístico da circulação das populações. Em resumo, se a *disciplina* cria a ordem a partir da desordem – a ordem é aquilo que resta -, os dispositivos de segurança intervêm no âmago de dada realidade, não para prescrever ou interditar, mas para regular: biopolítica visa menos a ordem do que a regulação da desordem (BRASIL & MIGLIORIN, 2010).

Assim sendo, as empresas de comunicação midiática criam suas estratégias para capitalizar e gerir as produções de audiovisuais dos amadores, tornando-os colaboradores. Aqui se encontram os pontos que mais nos interessam, as ideias de “espectador/consumidor”, “espectador colaborador”, “produtor/ colaborador”, “as imagens amadoras” e a concepção de “multidão equipada”.

Brasil e Migliorin (2010) caracterizam o universo das imagens amadoras na sua estreita relação com o contexto do capitalismo contemporâneo. Os pesquisadores sinalizam a insuficiência do termo “amador” para caracterizar os sujeitos produtores dessas imagens e audiovisuais que se proliferam pelos veículos midiáticos. Antes de serem caracterizados como indivíduos, citando um dos subtítulos do seu texto: “O amador nunca é um”, essas produções parecem ser realizadas por sujeitos e comunidades em estado de “mobilização total”: econômica, afetiva e cognitiva (BRASIL & MIGLIORIN, 2010).

Explicando a diferença de natureza entre as imagens dos profissionais dos meios de comunicação de massa e as imagens denominadas de amadoras, os pesquisadores apresentam o aspecto de produção coletiva criada por uma “multidão equipada”:

Entre as imagens dos profissionais e as imagens que denominamos amadoras há uma diferença de natureza, não apenas de gradação, apesar das múltiplas influências, capturas e diálogos. Essa diferença de natureza nos exige pensar as imagens não mais a partir de um gesto individual, mas da produção coletiva, levada a cabo por uma multidão, que cria as imagens, as reinventa e as dissemina viroticamente. Como indivíduo, o amador não é mais potente que o profissional, mas como coletividade, sim. Trata-se de uma multidão que está capilarmente misturada à cidade, como o profissional nunca estará. O amador tem uma técnica própria que é fartamente mimetizada pelos profissionais. Ele estabelece uma relação pessoal e corporal com os eventos que não passa pelo corpo individual, mas por um corpo-múltiplo que habita a cidade e, como ninguém, vive as nuances de seu cotidiano. O que está em jogo aqui é menos a autoria individual do que a enunciação coletiva e, pré-individual que vibra nas cidades (BRASIL & MIGLIORIN, 2010).

É essa proliferação, esse transbordamento de imagens e audiovisuais amadores, que circula pelas novas tecnologias da informação e comunicação que nos chama a atenção, principalmente as produções amadoras dos alunos das escolas públicas que circulam e são consumidas em redes distribuídas, descentralizadas e difusas como o *Facebook* e *Youtube*.

Destacamos as imagens e audiovisuais que ainda não foram agenciadas e moduladas, que ainda estão descontroladas e não foram domesticadas, pelas instituições sociais (tais como a mídia, a família, a escola, a universidade, o Estado etc.) e que representam as juventudes, as suas identidades e as suas culturas.

É a força da produção, difusão e consumo das imagens e audiovisuais da “multidão equipada” que pretendemos explorar para compreendermos os jovens e a sua cultura no universo escolar. Lembrando que, seguindo os caminhos traçados pelos autores, não se trata de buscar os indivíduos autônomos produzindo algo, mas uma produção social por meio de uma rede sociotécnica, ao mesmo tempo humana e máquina. “*Produzir, aqui, não é apenas fazer aparecer esta ou aquela imagem, este ou aquele som, este ou aquele texto, mas intervir na própria invenção da comunidade, através de mediações complexas*” (BRASIL & MIGLIORIN, 2010).

Partimos do princípio que os jovens não são vítimas indefesas ou passivas perante as mídias e seus produtos, pelo contrário, dialogam muito bem com os meios de comunicação de massa e suas produções, lidam bem com as mídiatizações a ponto de serem excelentes construtores de narrativas em diferentes linguagens e aparatos tecnológicos.

As narrativas audiovisuais, realizadas por jovens, podem transformar-se em excelentes materiais de estudo e de compreensão das suas identidades e culturas. Muitos deles lidam bem com as mídiatizações, fato que nos faz lançar a tese de que esses sujeitos sociais, em algumas das suas produções, seguem uma lógica do mercado midiático como uma cultura do espetáculo visual e do choque realístico, se apropriando das linguagens, imagens e estilos midiáticos.

Por fim, refletimos filosoficamente utilizando referenciais teóricos da antropologia urbana brasileira, sobre os audiovisuais produzidos por jovens como formas de expressão cultural e social na sociedade mídiatizada, desenvolvendo análises críticas a partir de aspectos que consideramos fundamentais: Como os jovens retratam o cotidiano das suas escolas? Por que o audiovisual se destaca como um dos elementos fundamentais de expressão e representação dos jovens da contemporaneidade? Quais são os fenômenos sociais e as representações sociais do universo escolar encontrados nos vídeos postados no *Youtube*?

Sabemos da riqueza, das complexidades e das dificuldades que teremos para responder a tais indagações. No entanto, nossas investigações se empenharam em esclarecer tais questionamentos, construindo um referencial teórico-metodológico rigoroso, sem abdicar de uma dose de liberdade nas especulações filosóficas sobre o nosso cotidiano no século XXI.

3. O FENÔMENO DO *YOUTUBE*: produção, consumo e compartilhamento de audiovisuais na internet

Youtube: “Você transmite”, “Você na tela”, “Você televisiona”, “Você no tubo”, muitas podem ser as versões ou traduções para o já consagrado termo inglês em nossa língua portuguesa, mas é o poder que esse site oferece aos seus usuários, no sentido filosófico e sociológico, que iremos apontar nesse capítulo.

O *Youtube* é um dos grandes fenômenos sociais do século XXI, uma plataforma *online* que possibilitou a divulgação e a visibilidade de diversas representações sociais coletivas, através dos audiovisuais postados em seus bancos de dados, sem a necessidade de passar pelo crivo das mídias tradicionais e grandes corporações empresariais. O *Youtube* é um sistema online que armazena inúmeras produções audiovisuais dos mais diversos gêneros e formatos que podem ser visualizados a qualquer momento, por quem tiver acesso à internet. Uma grande quantidade dos vídeos disponibilizados nessa plataforma *online* é produzida e disponibilizada pelos próprios usuários amadores, permitindo uma democratização das temáticas e das estruturas dos audiovisuais.

Digitando palavras-chaves ou textos no campo de busca da plataforma, o usuário terá uma lista enorme de possibilidades de vídeos com os mais diversos conteúdos e formatos: desenhos animados, propagandas, clipes, filmes, documentários, vídeos das esferas particular e privada, séries, montagens visuais, enfim, uma quantidade inumerável de representações sociais em formatos audiovisuais diversos.

Segundo Torres (2009), foi no início do ano de 2005 que dois jovens americanos tiveram a ideia de criar um site para publicarem seus próprios vídeos com a possibilidade de amigos e outras pessoas, poderem assisti-los. Após esse começo, de cunho particularizado, pouco a pouco milhões de pessoas começaram a utilizar o *Youtube* para enviar todos os tipos de vídeos, tornando os usuários dessa plataforma uma mistura de consumidores, criadores, produtores e compartilhadores de múltiplos e diferenciados conteúdos audiovisuais.

Apesar de ter iniciado como um empreendimento sem grandes pretensões comerciais e mercadológicas, logo o *Youtube* despertou a atenção de grandes

corporações do ramo tecnológico e do campo da internet, pois a quantidade de usuários que postavam e consumiam os vídeos na plataforma crescia exponencialmente.

Assim, já em 2006, o *Google* comprou a plataforma *online* pelo valor de US\$ 1,6 bilhão, tornando-a a principal referência, quase o padrão de plataforma de vídeos na internet para postagem, visualização e compartilhamentos¹⁰.

O *Youtube* representa o encontro entre uma série de comunidades alternativas diversas, cada uma delas produzindo mídia independente há algum tempo, mas agora reunidas por esse portal compartilhado. Ao fornecer um canal de distribuição de conteúdo de mídia amador e semiprofissional, o *Youtube* estimula novas atividades de expressão (...). Ter um site compartilhado significa que essas produções obtêm uma visibilidade muito maior do que teriam se fossem distribuídas por portais separados e isolados (JENKINS, 2009).

Com o *Youtube*, os usuários e os produtores de audiovisuais amadores conquistam a possibilidade de divulgar para o mundo inteiro as suas produções, através da conexão com a internet, sem precisar do aval ou do controle disciplinar das grandes corporações midiáticas.

Torres (2009) aponta que o *Youtube* criou a possibilidade dos consumidores se expressarem sobre um assunto ou tema, mas não por meio do texto escrito apenas, e sim em vídeo, no qual ele utiliza diversas linguagens, como a verbal, gestual, imagética e a simbólica. Segundo o autor, o ser humano tem aspectos visuais muito fortes e com a utilização dos serviços do *Youtube* milhões de pessoas se tornaram criadoras, produtoras e consumidoras de conteúdos audiovisuais independentes, mas também de produtos audiovisuais atrelados às grandes corporações.

Com a internet e a proliferação das redes sociais, e aqui destacamos a importância do *Youtube*, os mais diversos grupos sociais, indivíduos, instituições sociais e movimentos coletivos conquistaram a possibilidade de divulgar, compartilhar e externar seus discursos, ideias, concepções, ideologias, convicções e crenças com mais facilidade. As redes sociais conseguem dar maior visibilidade e voz aos sujeitos e grupos

¹⁰ Em 2006, a revista norte-americana *TIME* destacou o *Youtube* como a melhor invenção do ano, isso porque a plataforma online, conforme a revista, transformou diversos anônimos em famosos naquele ano. Ver. g1.globo.com/Noticia/tecnologia/0,,AA1340903-6174-363,00.html.

sociais marginalizados, discriminados e invisíveis, com a possibilidade de denunciarem as opressões e mazelas sociais que eles sofrem, ao simplesmente terem uma brecha para apresentarem suas representações sociais, suas culturas, suas identidades, seus costumes e, como destacaremos no caso dos estudantes, suas práticas carnavalescas na instituição escolar.

O conteúdo circula e é usado no *Youtube* sem preocupações quanto à sua origem – ele é valorizado e gera envolvimento de modos específicos, de acordo com seu gênero e seus usos dentro do site, assim com a sua relevância na vida cotidiana de outros usuários, e não pelo fato de seu upload ter sido feito por um estúdio de Hollywood, uma empresa de Web TV ou por um vlogueiro amador (BURGESS & GREEN, 2009).

Dessa forma, o *Youtube* oferece um rico material empírico visual e discursivo nos seus mais variados aspectos, possibilitando ao pesquisador social a coleta de dados com uma ampla variedade de simbolismos, representações e elementos culturais.

Porém, devemos destacar que as redes sociais, especificamente o *Youtube*, não são terrenos virtuais de liberdade plena de divulgação de práticas, ideias e representações sociais. O *Youtube*, como todas as redes sociais, tem os seus termos de serviços, políticas de privacidade e diretrizes de comportamentos online da comunidade que acessa a plataforma. Apesar de poucos usuários darem importância para essas regras e normas virtuais estabelecidas pelas redes sociais, essa é a estratégia de controle e disciplinarização dos usuários do sistema, criando direitos e deveres que devem, ou deveriam ser respeitados por todos que utilizam essas redes de comunicação, informação, interação e divulgação de bens culturais e simbólicos.

Muitas dessas normas e regras estabelecidas pelas redes sociais são burladas, desrespeitadas e ignoradas pelos próprios usuários, gerando algumas ações e condutas imorais, criminosas ou simplesmente indevidas na rede virtual. No caso do *Youtube*, destacamos os vídeos que são protegidos por direitos autorais, mas são postados livremente na plataforma; os audiovisuais pornográficos ou de temática de violência excessiva; as produções que fazem apologia ao crime e/ou à intolerância; e ainda, os comentários ofensivos, preconceituosos e discriminatórios na página e os usuários falsos

(*fakes*)¹¹ que se utilizam dessa máscara social/virtual para cometer práticas contra a moral social e as leis que regulam o ambiente virtual e real.

Conforme as informações que o próprio *Youtube* oferece no seu site¹², quando o usuário concorda com os termos de serviço da plataforma, ele aceita também as políticas de privacidade e diretrizes da comunidade. Os usuários são indicados a fazerem uma leitura periódica dos termos indicados, pois estes são sujeitos a mudanças constantes.

Ainda destacamos que o *Google* se isenta de ações e práticas ilegais dos usuários em seus países, pois eles alegam que a plataforma é controlada e oferecida pelo *Youtube*, que possui instalações nos Estados Unidos da América e não garante que estas sejam apropriadas para outras localizações, ficando a cargo do usuário a total responsabilidade em outras regiões, a observância e a conformidade às leis locais ou nacionais.

Um ponto relevante dos termos de serviço do *Youtube* é a indicação de que os usuários devem se declarar maiores de dezoito anos de idade, ser um menor emancipado ou ter a autorização expressa dos pais ou responsáveis, além de ser totalmente capaz de consentir com os documentos, direitos, deveres, afirmações, representações e garantias presentes no termo de uso. Aqui temos a afirmação das normas da plataforma de que ela não é para menores de dezoito anos e que, caso o usuário seja menor de idade, ele deve ter o consentimento dos responsáveis legais para os usos e consumos.

Assim sendo, o *Youtube* tenta se eximir da responsabilidade sobre os conteúdos e as representações sociais que os seus usuários postam na rede, determinando que é do indivíduo ou do grupo social que posta tais conteúdos a responsabilidade legal e moral por cada texto, imagem e som.

As diretrizes da comunidade¹³ regulamentam de uma maneira mais específica os vídeos disponibilizados pelos usuários na plataforma online. Nesse documento está definindo o direito da empresa de monitorar e excluir todas as produções que contravenham às regras estabelecidas nas diretrizes. Fica evidente que os vídeos que firam essas normas serão restringidos e eliminados da plataforma, tais como: audiovisuais contendo nudez; conteúdo sexual (permitindo exceções para conteúdos científicos,

¹¹ *Fake* é o termo usado nas redes sociais para denominar contas ou perfis usados na internet para ocultar a identidade real de um usuário. É muito comum a utilização de identidade de personalidades e famosos como cantores, artistas, jogadores, atletas, mas também a identidade de pessoas anônimas. Muitos indivíduos se utilizam de perfis falsos para cometerem atos de intolerância, preconceito, discriminação, violência ou práticas pornográficas e criminosas na internet.

¹² Disponível em: www.youtube.com/t/terms

¹³ Disponível em: www.youtube.com/t/commutty_guidelines

educacionais ou documentários); apologia ao ódio, com ofensas a grupos e com conotações xenofóbicas, homofóbicas, religiosas ou de qualquer outra categoria; conteúdos chocantes ou repugnantes (referindo-se a conteúdos violentos, sensacionalistas e desrespeitosos); atos perigosos e ilegais; vídeos envolvendo menores de dezoito anos com sugestão à violência ou ao sexo; e que firam os direitos autorais das obras.

Mas todo controle e eliminação dos vídeos só se inicia a partir da denúncia e da sua posterior análise pelos técnicos do *Youtube*. O que não é uma prática rotineira, e muitas vezes leva o vídeo a viralizar¹⁴ e ser compartilhado em grande quantidade antes de ser retirado do sistema *online*.

Apesar das restrições indicadas acima, a quantidade de usuários só tem se elevado nos últimos anos, principalmente com a participação de crianças e adolescentes fazendo os mais diversos usos dessa rede social: visualizando, compartilhando, fazendo *upload*¹⁵, *download*¹⁶, comentando e interagindo com os conteúdos e outros usuários.

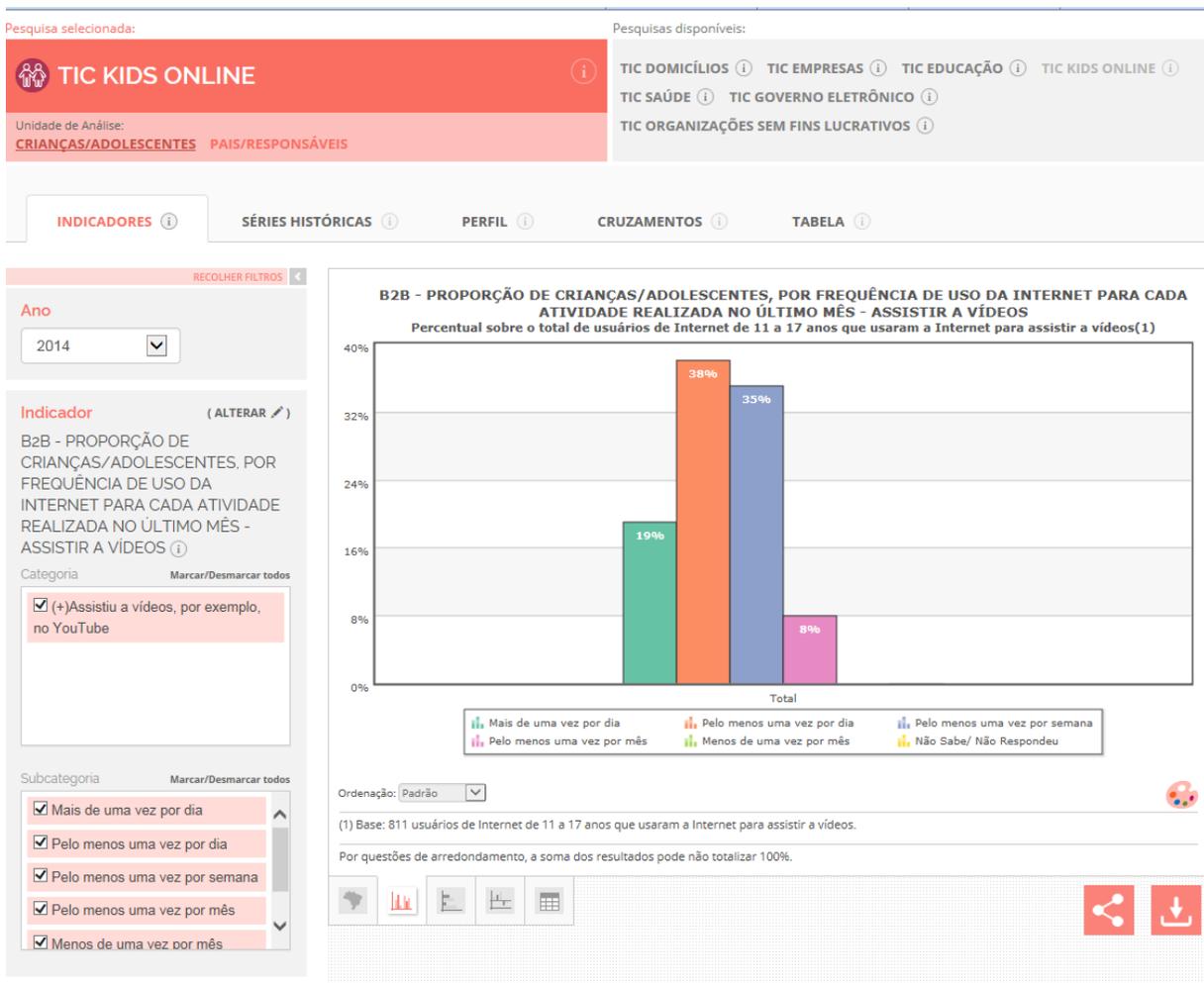
Observando e analisando os dados divulgados pela pesquisa *TIC Kids Online 2014*, podemos perceber como a relação das crianças e dos adolescentes é intensa com os vídeos na internet. O gráfico abaixo apresenta a proporção de crianças e adolescentes, entre onze e dezessete anos, que por frequência utilizam a internet para, atividade realizada no último mês, assistir vídeos:

¹⁴ Termo utilizado pelos usuários das redes sociais para os vídeos e demais postagens que geram muita repercussão social e virtual, gerando muitos compartilhamentos na internet.

¹⁵ Enviando dados (textos, imagens, sons, audiovisuais, etc.) de um computador local para outro computador ou servidor remoto, geralmente através da internet. No caso citado, o usuário posta o seu material audiovisual na plataforma *Youtube*.

¹⁶ Fazer a transferência de um arquivo (imagem, vídeo, som, texto, etc.) armazenado em um servidor local para um computador local. Refere-se a baixar um programa disponível na internet para ser executado no computador do usuário que realizou o procedimento.

Gráfico 3 .



Os indicadores apontam que 38% das crianças/adolescentes da população da pesquisa assistem vídeos pelo menos uma vez por dia, 35% assistem os vídeos na internet pelo menos uma vez por semana, 19% mais de uma vez por dia, e apenas 8% da população da pesquisa assiste pelo menos uma vez por mês.

Dessa forma, o *Youtube* e outras redes sociais que permitem o consumo, a produção e o compartilhamento de audiovisuais, têm potencializado significativamente a relação de saber, de poder, de comunicação, de participação e de interação das crianças e dos adolescentes com os discursos e imagens em formato audiovisual, configurando-se cada vez mais em estratégias de poder, de lutas, de enfrentamentos, de técnicas de conflitos sociais, e também em mecanismos e espaços virtuais de lazer, ludicidade, brincadeiras, ironias, diversão, cultura e representações sociais desses jovens.

4. CONSTRUÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Na fundamentação teórica desta pesquisa trabalhamos com um quadro de conceitos e teorias que transitam nas esferas da Sociologia, da Filosofia, da Psicologia Social, da Comunicação Social e da Educação. Dessa forma, através de uma base conceitual interdisciplinar, buscamos sustentar nossas argumentações em estruturas sólidas para a construção do edifício científico, valorizando as ideias dos teóricos e pensadores que transitam nas mais diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, aproximando conceitos e concepções que se relacionam e se complementam.

Um dos elementos-chave da nossa investigação é a teoria das representações sociais, atualmente muito ligada à tradição da Psicologia Social do pensador francês Serge Moscovici, mas que tem as suas raízes na tradição sociológica de Émile Durkheim. O próprio Moscovici (GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 2011), principal sistematizador da teoria da representação social, aponta para as origens do conceito e sinaliza para o caráter interdisciplinar da teoria:

O conceito de representação social ou coletiva nasceu na sociologia e antropologia. Foi obra de Durkheim e de Lévi-Bruhl. Nessas duas ciências ele serviu de elemento decisivo para a elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico. Poderia acrescentar que ele desempenhou um papel análogo na teoria da linguagem de Saussure, na teoria das representações infantis de Piaget, ou ainda na do desenvolvimento cultural de Vygotsky. E, de certo modo, este conceito continua presente neste tipo de teorias.

O sociólogo francês Émile Durkheim é considerado o primeiro pesquisador a trabalhar de modo mais exaustivo e consistente com a noção de representações coletivas¹⁷. Ele percebeu a função que essas representações cumprem na manutenção da coesão de uma sociedade, bem como a sua dimensão coercitiva. Para Durkheim (1999), as representações coletivas são fatos sociais dotados de coercitividade e

¹⁷ Robert M. Farr traça um importante percurso histórico do conceito de representações sociais no texto intitulado “Representações Sociais: a teoria e sua história”. Cf. GUARESCHI & JOVCHELOVITCH, 2011, P.27-51.

exterioridade em relação aos indivíduos e às instituições sociais. Assim sendo, Durkheim (1999) apresenta a sua concepção sobre as representações coletivas da seguinte forma:

As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza (...). Se ela aceita ou condena certos modos de conduta, é porque entram em choque ou não com alguns dos seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem à sua constituição (...).

Conforme o sociólogo, o substrato da representação coletiva é a sociedade em sua totalidade, tendo um aspecto impessoal e permanente, formando uma ligação necessária entre os indivíduos e garantindo a harmonia social.

No entanto, o ressurgimento e a relevância da noção de representações sociais têm como marco fundamental o livro de Serge Moscovici, intitulado *A psicanálise, sua imagem e seu público*, publicada nos anos iniciais de 1960, na França. O principal objetivo do autor nesta obra foi investigar a difusão e a recepção da psicanálise entre os franceses daquela época.

Moscovici parte da noção de representações coletivas, presente na obra de Durkheim, mas procura dar um caráter mais dinâmico e flexível à sua noção de representação social. Moscovici entende que o modelo de sociedade pensado por Durkheim era estático e tradicional e, assim sendo, preferiu substituir o conceito de “coletivo” por “social”. A troca do termo seria mais apropriada às sociedades complexas contemporâneas por serem dinâmicas e fluidas. As representações surgem nos grupos aos quais os indivíduos se associam no decorrer das suas existências, em que grupos diferentes podem e tendem a produzir representações diferenciadas de um mesmo objeto.

Desde a sua obra pioneira sobre a representação social da psicanálise na França, muitos foram os autores que criticaram, reelaboram e transformaram o conceito de representação social, principalmente no campo da Psicologia Social. O professor e pesquisador da UERJ, Celso Pereira de Sá (1998), aponta para diversas perspectivas e autores que contribuíram para o debate, a consolidação, os avanços, desacordos e contradições sobre o conceito de representação social. Ele cita nomes de pesquisadores

de diversas áreas do conhecimento que sinalizam para o caráter múltiplo e difuso do conceito de representação social, tendo como principais referências nomes como o de Denise Jodelet, Willem Doise, Jean-Claude Abric, Wolfgang Wagner, dentre outros, que contribuíram para o enriquecimento da teoria das representações sociais.

Diante desse quadro de grande debate teórico sobre as representações sociais, são gerados diversos consensos e desacordos sobre o conceito, torna-se necessária uma tomada de postura, uma decisão clara e evidente sobre que definição nós iremos adotar nesta pesquisa. Adotaremos a concepção de representação social indicada pelo próprio Moscovici (2005) porque entendemos que ela se aplica ao nosso objeto de estudo. O psicólogo social francês define dessa forma o conceito de representação social:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Fica evidente o caráter prático, de orientação de comportamentos que as representações sociais possuem, bem como a sua função fundamental de expressar princípios de classificação, nomeação e hierarquização da realidade e seus objetos, acontecimentos, indivíduos ou grupos sociais.

Destacamos, no entanto, outras definições de autores que contribuem para o esclarecimento, avanços e solidificação do campo de pesquisas da teoria das representações sociais.

Denise Jodelet (2001), que esteve em contato direto e colaboração durante muito tempo com Moscovici, afirma que a representação é uma forma de saber prático, ligando um sujeito a um objeto. Citando suas próprias palavras (2001): “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Assim, esse conhecimento prático se refere às experiências que os sujeitos sociais coletivamente elaboram. Além disso, a representação social é utilizada para agir no mundo, são modos de atuar coletivamente.

Ainda podemos entender a representação social como o produto e o processo de uma atividade mental por meio da qual o sujeito ou um grupo social reconstitui a realidade com a qual se depara e lhe atribui significação específica.

Seguindo as argumentações de Celso Pereira de Sá (1998), entendemos que os fenômenos de representação social estão espalhados pela realidade: nas culturas, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais, nas comunicações midiáticas, nos pensamentos individuais etc. “Eles são, por natureza, difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da interação social”. Dessa forma, cabe ao pesquisador das representações sociais a tarefa de simplificação¹⁸, sistematização, organização e de tornar inteligíveis tais fenômenos de representação social.

Para dar cabo desse processo de simplificação, sistematização, organização e inteligibilidade do nosso objeto de estudo, vale destacar as orientações que Sá (1998) oferece aos pesquisadores que se propõem a enveredar pelos caminhos das pesquisas em representações sociais:

(...) lembremos a proposição teórica de que uma representação teórica é sempre de alguém (o sujeito) e de alguma coisa (o objeto). Não podemos falar em representação de alguma coisa sem especificar o sujeito – a população ou conjunto social – que mantém tal representação. Da mesma maneira, não faz sentido falar nas representações de um dado sujeito social sem especificar os objetos representados. Dizendo de outra maneira, na construção do objeto de pesquisa precisamos levar em conta simultaneamente o sujeito e o objeto da representação social que queremos estudar.

Daí a importância da teoria da representação social para a compreensão do nosso objeto de estudo, ela evidencia os sujeitos e o objeto que serão investigados, a saber: 1) Sujeitos: estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas estaduais de Macaé; 2) Objeto: as representações sociais da escola nos audiovisuais postados no *Youtube*. Para tanto, as contribuições de Serge Moscovici (2011), Jodelet (2001), Sá (1998), Guareschi & Jovchelovitch (2011) foram fundamentais para consolidação e esclarecimentos do nosso objeto de estudo em representações sociais.

¹⁸ Celso Pereira de Sá nos alerta que a ideia de simplificação neste ponto não significa uma tarefa simples, mas, ao contrário, é uma tarefa que envolve dificuldade e complexidade inerentes a uma pesquisa científica (1998).

Enfim, depois de definirmos o aporte teórico da pesquisa, caminhamos no sentido de encontrar os instrumentos metodológicos mais adequados aos elementos da pesquisa. A escolha dos referenciais metodológicos buscou conexões com a teoria das representações sociais, principal base teórica da pesquisa. Através de muitas investigações, reflexões e críticas, adequamos os métodos ao estudo realizado, coletando e analisando nossa base de dados que é complexa e diversa. Nos próximos subcapítulos iremos detalhar alguns estudos na área das representações sociais da escola e a seleção dos instrumentos metodológicos da tese.

4.1. Pesquisas no campo das representações sociais sobre escola

Durante o desenvolvimento da pesquisa buscamos referenciais, dissertações e teses que abordassem diretamente ou indiretamente o tema das representações sociais da escola, principalmente estudos que tivessem como materiais empíricos dados audiovisuais ou visuais. Verificamos uma baixa incidência de estudos que alinhassem a perspectiva das representações sociais às produções audiovisuais. Porém, mesmo diante desse quadro, encontramos investigações sociais que contribuíram para o desenvolvimento da nossa pesquisa, indicando conceitos, teorias, hipóteses, questões e métodos para fortalecer nosso trabalho.

Um estudo interessante que se situa no âmbito das representações sociais sobre a escola é a dissertação de mestrado de Odília Nair Silva Pereira (2013), intitulada *Representações sociais da escola: Discurso de adolescentes com diferentes percursos escolares*, defendida na Universidade do Minho, em Portugal. Essa pesquisa procurou compreender as representações dos alunos acerca da escola e suas dinâmicas, tentando perceber a forma como eles se relacionam com ela.

Além disso, Pereira buscou refletir sobre a forma como os encarregados pela educação concebem e se relacionam com a escola, identificando as suas estratégias e práticas de acompanhamento do processo educativo dos alunos. Portanto, múltiplas visões e discursos ganham destaque no desenvolvimento desse trabalho.

Partindo da ideia de que as representações sociais são construções socioculturais manifestadas pelos indivíduos de acordo com os seus valores e contextos sociais e culturais, Pereira utilizou uma metodologia de cunho qualitativo para tratar do tema. A coleta dos dados foi através de entrevistas, procedimento muito comum nos estudos de representações sociais, permitindo captar discursos para posteriores análises.

A análise do discurso foi um procedimento importante no entendimento das representações sociais dos entrevistados, possibilitando considerações importantes sobre a concepção da escola por parte dos respondentes. Os resultados obtidos pela pesquisadora sugerem que as diferenças encontradas nos percursos escolares destes alunos devem-se, sobretudo, à influência dos fatores familiares, destacando-se o empenho e a participação dos encarregados de educação.

Com o objetivo de compreender as representações sociais que os alunos possuem em relação à escola, às aprendizagens e saberes, Pereira concluiu que existe um ciclo de desencanto, desmotivação e desinteresse, atrelado ao insucesso escolar, que alguns alunos nutrem pela cultura e vivência escolar. A análise das entrevistas realizadas com os alunos revelou a escola como um lugar de aprendizagem, conhecimentos, sabedoria de vida, mas como um lugar fechado, pouco agradável, de obrigações. “Todos eles sentem a escola como uma imposição e possuem uma relação apática com a cultura escolar, convergindo essa situação em casos de indisciplinas, insucessos repetidos e até abandono escolar [...]” (PEREIRA, 2013).

O trabalho citado nos serviu de referência na abordagem teórica, mas também para estabelecermos categorias e entendermos nossos resultados, mesmo com metodologias, objetivos, dados e interesses diferenciados.

Outra pesquisa que serviu de referência para o aprofundamento da nossa investigação foi a dissertação de mestrado de Selma Almeida Rosa (2015), com o título de *Representações sociais dos alunos da rede pública estadual de ensino sobre escola, escola pública e escola particular*, defendida na Universidade de Londrina. Também situada no campo dos estudos das representações sociais de Moscovici, essa investigação social teve como objetivo conhecer as representações sociais de alunos da rede pública estadual de ensino no município de Londrina (PR) sobre a escola, a escola pública e a escola particular.

A metodologia empregada para coleta de dados foi a aplicação de questionários sócio-demográficos e testes de associação de palavras. Os resultados dessa investigação, considerando os vocábulos de maior saliência, apontam para uma visão da escola como lugar de aprendizagem, estudo e educação. Já as representações sociais da escola pública com maior incidência indicam que ela é vista pelos alunos como importante e boa. A escola particular é representada como boa, chata e interessante. Por fim, com essa pesquisa podemos perceber aspectos positivos e negativos nas representações sociais

da escola, sempre manifestando uma visão tradicional e socialmente compartilhada da escola como local de aprendizagem e/ou desinteressante.

Outra pesquisa fundamentada no campo das representações sociais que teve considerável relevância na formação do nosso estudo foi a pesquisa intitulada *As representações sociais da escola pública nos Jornais de Teresina (1960 – 1989)*, de Maria Glaucia Ferreira da Ponte, dissertação defendida UFPI. Diferentemente dos outros estudos citados, essa pesquisa não coletou dados de alunos através de questionários ou entrevistas, mas buscou os discursos nos jornais impressos sobre as escolas públicas de Teresina.

Essa pesquisa apontou para a possibilidade do alinhamento teórico das representações sociais com a análise de conteúdo, identificando os temas que mais sobressaiam nas matérias jornalísticas. Os resultados da pesquisa realizada por Ponte apontam para uma valorização da escola pública nos anos 1960, mas já nos anos 1970 é possível ver uma mudança de representação das escolas, caindo o prestígio e surgindo um discurso de desvalorização da escola pública. Na década de 1980, conforme os dados da pesquisa aumentam e consolidam-se os discursos jornalísticos de desprestígio social da escola e da necessidade de resgate da sua imagem. Por fim, a escola pública começa a ganhar novos significados nos jornais impressos, sobressaindo a ideia da escola pública como local das greves, de atraso, de desprestígio. A imagem da escola e dos seus principais atores sociais, docentes e discentes, é negativa nos jornais impressos dos anos 1990.

Assim, essa investigação nos comprova como a representação social da escola é fluida e variante no tempo, no espaço e nos discursos dos sujeitos sociais. Nos anos 1970 se tinha uma imagem positiva das escolas públicas de Teresina, o que gradativamente vai se alterando nos anos 1970 e 1980, chegando a uma imagem negativa da escola nos anos 1990, de modo que a escola perde seu prestígio nesse veículo midiático.

Enfim, esses estudos sobre as representações sociais da escola, como suas indagações, teorias, conceitos, hipóteses, dados e resultados foram de significativa importância na construção do nosso olhar. Com essas experiências investigativas foi possível perceber as possibilidades e limitações da nossa pesquisa, enriquecendo e dando substância às nossas estratégias e procedimentos analíticos. Mesmo diante da dificuldade de encontrar dissertações e teses que buscam nos audiovisuais as representações sociais da escola, nosso trabalho caminhou para enriquecer e dar volume nesse campo das representações sociais, dialogando com diversos pesquisadores que

visam ter um maior entendimento dos discursos, imagens e audiovisuais sobre essa importante instituição social.

4.2. Procedimentos metodológicos

Acreditamos que a escolha de técnicas e procedimentos metodológicos adequados ao desenvolvimento de uma pesquisa científica social exige muita atenção e uma reflexão cuidadosa. O pesquisador não deve partir apenas dos seus interesses particulares ou do seu objeto de estudo para definir quais serão as suas estratégias metodológicas. Esse caminho o levaria a uma subjetividade extremada, não levando em consideração outros elementos importantes na definição das técnicas adequadas à sua pesquisa.

Deve-se levar em consideração também as suas composições teóricas e conceituais, os objetivos da pesquisa, o tempo que ele terá para desenvolver a investigação, as condições financeiras, os recursos que ele terá à sua disposição, as hipóteses lançadas, em suma, todos os elementos da pesquisa devem fazer parte da reflexão que irá definir os caminhos metodológicos da elaboração da investigação científica.

Buscando relacionar os diversos elementos de composição da pesquisa, visando o todo e não apenas partes isoladas, nosso trabalho se concentrou em construir um edifício metodológico conveniente, firme e seguro. Para isso, adotamos alguns princípios para a coleta e posterior análise dos dados audiovisuais.

Para coletar os audiovisuais, determinamos o *Youtube* como única plataforma para aquisição dos vídeos, e isso se deve ao fato dessa rede social se destacar na preferência dos jovens para consumir e postar suas produções. Sabemos que atualmente as pessoas também postam os seus vídeos em outras redes sociais, como o *Facebook* e o *WhatsApp*, porém, o *Youtube* ainda é a rede social que predomina na divulgação e circulação de audiovisuais amadores na internet, como veremos posteriormente no capítulo que abordaremos essa questão¹⁹.

Ainda detalhando os princípios que nortearam a coleta dos audiovisuais, adotamos o critério de selecionar e analisar apenas os vídeos que apresentam no seu título uma referência ao nome das escolas escolhidas pela pesquisa, deixando de fora outras

¹⁹ Discorreremos mais detalhadamente sobre essa escolha no capítulo dedicado ao *Youtube* na contemporaneidade, apresentando dados e evidências.

produções audiovisuais que retratam as situações das comunidades escolares, mas que não foram postadas citando os seus nomes. Assim sendo, a palavra-chave para a busca dos audiovisuais era o nome da própria escola.

Essa escolha se deve ao fato de o número de vídeos postados na rede mundial de computadores só crescer a cada dia, fato que dificultaria o processo de análise e compreensão dos dados coletados, além do tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa, que se refere aos quatro anos de duração do doutorado.

Nosso trabalho começa com a seleção de duas escolas públicas estaduais de Macaé para fazer a coleta dos vídeos no *Youtube*. Os critérios de seleção das escolas estaduais foram as que apresentavam maior quantitativo de alunos, a representatividade na cidade, já que são escolas de longa tradição no município e sua localização central, visto que concentra alunos de várias localidades de Macaé. Adotando esse critério, obtivemos o seguinte resultado para o Colégio Estadual Matias Neto e Colégio Estadual Luiz Reid:

Tabela 1. Nº DE VÍDEOS COLETADOS NO *YOUTUBE*

UNIDADE ESCOLAR	Colégio Estadual Matias Neto	Colégio Estadual Luiz Reid	TOTAL
Nº DE VÍDEOS COLETADOS NO <i>YOUTUBE</i>	13	35	48

Partindo do princípio de que um dos elementos fundamentais da nossa pesquisa são os vídeos que os alunos postam da escola no *Youtube*, definimos a análise temática, como a principal estratégia para analisar esses vídeos que estão circulando na rede mundial de computadores. Para isso, recorreremos aos textos de Martin W. Bauer e George Gaskell, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (2011), Romeu Gomes, *A análise de dados em pesquisa qualitativa* (2002), Laurence Bardin, *Análise de Conteúdo* (2011), Uwe Flick, *Introdução à pesquisa qualitativa* (2009), dentre outros que estão citados na bibliografia desta pesquisa.

A escolha da análise de temática como principal estratégia para investigar e compreender os audiovisuais que são postados na rede se deve ao fato de ser uma técnica voltada para comunicação, textos e imagens, identificando os temas, assuntos e pontos fundamentais das produções.

Devido à complexidade dos nossos dados, os audiovisuais, entendemos que a análise temática torna-se o procedimento conveniente, pois é um método interpretativo de análise de dados através da identificação e descrição de padrões, temas ou assuntos que nos permitem apresentar e organizar de forma sintética os resultados, mas sem perder a riqueza e o dinamismo dos dados.

No entanto, nossa pesquisa visa cruzar a escolha metodológica com os referenciais teóricos, pois um dos elementos fundamentais dessa tese são as representações sociais, o que coloca como princípio a busca de uma prática metodológica conectada a essa escolha teórico-conceitual. Desta forma, questionamos como estabelecer tal conexão teórica e metodológica.

Sá (1998), esclarece que a teoria das representações sociais não privilegia nenhum método de pesquisa em especial. Tal fato gera uma gama de possibilidades de escolhas de métodos e estratégias de investigação social. No entanto, o autor faz uma advertência:

Quando Robert Farr diz que nenhum método é especialmente privilegiado, ele não está dizendo que todos os métodos servem para a pesquisa das representações independente de seu enquadramento teórico-conceitual. O que ele está constatando é que a adoção de diferentes quadros teóricos específicos de referência – ou seja, as chamadas teorias complementares – resulta em opções preferenciais por diferentes métodos, de modo que a teoria geral das representações sociais não se vincula obrigatoriamente ela própria a nenhum método (Sá, 1998).

Segundo Sá (1998), a situação é tão complexa que as grandes referências da teoria das representações sociais divergem e optam por estratégias metodológicas bem variadas, diferentes e, às vezes, até divergentes. Exemplos são Jodelet, que privilegia os métodos mais qualitativos, oferecendo destaque para a etnografia e as entrevistas em profundidade; Doise, que oferece maior relevância para os tratamentos estatísticos correlacionais; e Abric que acentua o método experimental.

As pesquisas no campo da representação social no Brasil também apresentam complexidades e pluralidade de estratégias metodológicas em suas aplicações aos objetos estudados. Alguns exemplos são: a tese de Doutorado de Andrea Müller Garcez (2014), intitulada *Representações Sociais do Cyberbullying na Mídia e na Escola*, onde ela realizou entrevistas, destacando a evocação ou associação livre, e analisou com o suporte de um programa eletrônico diversas produções midiáticas (jornais, revistas, rádio, TV) sobre o *bullying* e *cyberbullying*.

Yuri Sá Oliveira Sousa (2013), na sua dissertação de mestrado nomeada de *Maconha e representações sociais: a construção discursiva da cannabis em contextos midiáticos*, adotou como estratégia metodológica a coleta de discursos sobre a maconha em duas formas de mídia, uma que ele denomina de mais “tradicional” (jornais) e a outra “social” (um fórum digital de discussão). Para analisar essas produções midiáticas coletadas, o autor lança mão da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Já Rosemberg Cavalcanti Belém (2008), com sua pesquisa denominada *Representações sociais sobre a indisciplina escolar no ensino médio*, investigou as representações sociais da indisciplina escolar aplicando questionários a 251 alunos e 30 professores de duas escolas públicas e de duas escolas particulares da cidade do Recife.

Rosana Alves de Oliveira (2013), com a pesquisa intitulada *A produção de vídeo por celular e representação de identidades juvenis: estudo com estudantes participantes do projeto Telinha de Cinema*, também se insere no campo das representações sociais utilizando diversas estratégias metodológicas, a saber: análise dos vídeos de bolso produzidos em celulares pelos estudantes, análise de documentos, aplicação de questionários, realização de entrevistas individuais semiestruturadas, além da observação não participante. Os dados coletados foram organizados e interpretados por meio da técnica de análise de conteúdo.

Poderíamos citar muitos outros exemplos que corroboram a ideia de que a teoria das representações sociais não privilegia nenhuma técnica ou estratégia metodológica específica, mas daremos voz à principal referência nesse campo de estudo, Moscovici, que diz (2011):

(...) sou fundamentalmente contra a tendência de fetichizar um método específico. Fazer do método experimental, ou dos métodos não experimentais, uma garantia de via régia para se chegar ao conhecimento, é tão pernicioso como qualquer outro fetichismo. A menos que isso seja somente poeira atirada aos olhos (...). A tarefa do

pesquisador, como eu a vejo, é de discernir qual de nossos métodos pode ser mantido com plena responsabilidade. E, conseqüentemente, qual deve ser abandonado, numa época de mudanças, tanto intelectuais como sociais, sem precedentes. Em síntese, minha posição pessoal é de que a TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, mesmo que isso possa suscitar resistências ou discordâncias entre nós, permanecerá criativa por tão longo tempo, o quanto ela souber aproveitar as oportunidades que cada método disponível possa oferecer.

Dessa forma, cabe ao pesquisador perceber a abordagem metodológica mais conveniente à sua pesquisa, fundamentando tal escolha e assumindo tal responsabilidade.

4.3. O tratamento dos dados: Análise Temática

Como já indicado acima, adotamos como estratégia metodológica de compreensão dos dados da pesquisa a análise temática. Aplicamos a análise temática no tratamento dos audiovisuais coletados do *Youtube* no sentido de identificarmos os padrões e os temas que nos indicaram as reincidências que estabeleceram as representações sociais da escola mais constantes nos audiovisuais coletados.

Dessa forma, detalharemos a técnica empregada nos capítulos referentes à análise desses dados. Neste subcapítulo, nos concentraremos na definição da análise temática, na sua organização e procedimentos, e, por fim, na sua conexão com a teoria das representações sociais.

A finalidade da técnica da análise temática é compreender a mensagem do autor através da percepção do tema, da argumentação utilizada e das conclusões da produção. Técnica que pode ser utilizada para análise de textos, imagens, sons e audiovisuais, ela nos permite compreender a substância dos dados coletados, focando nos elementos capitais.

De acordo com Gomes (2002), a análise temática compreende três etapas fundamentais, a saber: pré-análise, exploração do material e interpretação. Essas etapas se relacionam, gerando um conjunto de procedimentos organizados e com objetivos específicos.

A etapa da pré-análise tem a finalidade de organizar o material a ser analisado. Em acordo com os objetivos e indagações da pesquisa, definimos as unidades de maior relevância, o contexto de produção, os trechos mais significativos e as categorias

necessárias para as classificações temáticas. É nesse momento que o pesquisador faz uma leitura flutuante do material para ter contato com a estrutura, a organização e o conteúdo da produção. Nessa primeira etapa é possível descobrir orientações e indicativos para as análises posteriores, sendo necessário o registro de impressões sobre a mensagem do texto, da imagem ou do audiovisual.

Na segunda etapa, denominada de exploração do material, o pesquisador deve aplicar o que foi definido na pré-análise, alterando, verificando e aprofundando as impressões registradas na etapa anterior. É nesse momento que se explora ao máximo o material, as vezes com a repetição constante do material, aprofundando a leitura e fazendo os devidos registros.

A última etapa, a interpretação, é o momento de desvendar as temáticas subjacentes ao que está sendo expresso no material, definindo a essência do conteúdo manifestado. Cabe ao pesquisador o cuidado para não excluir elementos importantes da produção, identificando definitivamente as ideologias, as tendências, as constâncias, mas também as ausências, as baixas incidências e as limitações dos dados investigados (GOMES, 2002).

Porém, percebemos que o diálogo da técnica da análise temática com a análise de conteúdo poderia nos oferecer o manuseio mais qualificado dos nossos dados, pois consideramos inviável dissociar os conteúdos dos audiovisuais das suas temáticas, o que nos permite o enriquecimento da pesquisa com o emprego de várias técnicas analíticas da comunicação.

Recorrendo a Bardin (2011), podemos compreender e definir a análise de conteúdo como conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa realizar inferências sobre as condições de produções de determinadas mensagens e seus efeitos no cotidiano. Tal técnica não é homogênea, única e estática, ao contrário disso, ela é heterogênea, múltipla, dinâmica, polimorfa e polifuncional²⁰.

O que é a análise de conteúdo? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em

²⁰ Ver. BARDIN, 2011, p.15.

modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 2011).

É evidente que a utilização de técnicas quantitativas na análise de comunicações é uma via metodológica pertinente e constante, mas não a única via, já que a compreensão qualitativa das informações também é um caminho frutífero.

Dessa forma, iremos oferecer relevância aos conteúdos que são recorrentes e explícitos nos audiovisuais coletados, apresentando a sua constância e repetição, mas destacaremos também as ausências, o baixo índice de repetição e as temáticas não expressas ou reveladas.

Por fim, acreditamos que as conexões entre os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos nos forneceram uma estrutura confiável e sólida para a investigação, possibilitando o diálogo e o *link* entre os diversos elementos da pesquisa. Assim, circular entre a objetividade e a subjetividade, aproximar o rigor científico da liberdade especulativa, alinhar o trabalho teórico à prática empírica são marcas indelévels dessa investigação.

4.4. Procedimentos analíticos: apresentação e descrição do material empírico

No processo de construção metodológica, buscamos esclarecer e detalhar como foi coletado, categorizado e analisado o material empírico desta pesquisa. As principais chaves de buscas dos audiovisuais no *Youtube* foram os próprios nomes das duas escolas selecionadas para essa investigação. Apenas os vídeos postados com o nome das escolas foram coletados e registrados para posteriores análises temáticas.

Tal critério se tornou necessário pelo grande volume de postagens feitas na internet diariamente, o que tornaria o nosso trabalho ainda mais volumoso e sem um prazo de término definido. Assim, os audiovisuais que retratam o cotidiano ou os sujeitos da comunidade escolar, mas que foram postados na internet sem a identificação da escola ficaram de fora da nossa base de coleta. Dentro desse critério, foram coletados 48

audiovisuais no período de março de 2014 a dezembro de 2015, sendo 35 produções com referência ao Colégio Estadual Luiz Reid e 13 do Colégio Estadual Matias Neto.

O corte temporal da pesquisa foi o período de coleta dos materiais e não o período de produção ou postagem dos vídeos na rede mundial de computadores. Portanto, alguns vídeos foram produzidos ou postados em períodos cronológicos diferentes do período estabelecido como corte temporal da nossa base de dados. A diferença entre esses períodos cronológicos não interfere na compreensão dos resultados da pesquisa, visto que são as representações sociais das escolas produzidas e divulgadas pelos estudantes no ambiente virtual o centro das respostas para as indagações lançadas.

Os audiovisuais selecionados durante o estudo se tornaram o objeto empírico de investigação, nos quais buscamos perceber as representações sociais dos alunos sobre a escola. O tempo de duração dos vídeos é variado, girando entre 10 segundos e 14 minutos, não havendo uniformidade nesse sentido.

O material apresenta uma grande variedade de conteúdos e estruturas, com estéticas e objetivos diversificados, o que eleva a complexidade de compreensão e classificação dos mesmos. No formato dos audiovisuais podemos encontrar produções em estilo documental, de clipes, registros de situações rotineiras, registros de situações eventuais, encenações, entrevistas, vídeos editados, gravações contínuas, mas também a mistura dos mais diversos elementos.

Alguns desses materiais audiovisuais apresentam uma qualidade melhor de imagem e som, trabalham com enquadramento, movimentação, ângulos e cortes, porém a maior parte das produções é realizada com câmeras de celulares ou filmadoras pessoais, com baixa resolução, o que não permite uma sofisticação das imagens e da sonorização.

Por fim, os vídeos são amadores, mas repletos de significados, práticas, representações e culturas. Nesses materiais temos a possibilidade de ouvir as múltiplas vozes e ver os diversos olhares de uma juventude equipada e conectada, interessada em divulgar diversos aspectos do seu cotidiano escolar nas redes sociais.

Abaixo, apresentamos a lista com os títulos e o tempo de duração das produções audiovisuais coletadas com a chave de busca Colégio Estadual Matias Neto²¹:

²¹ Não registramos os nomes dos sujeitos que produziram ou postaram os audiovisuais no *Youtube* porque na cultura colaborativa das redes sociais fica difícil identificar os verdadeiros autores. É muito comum os vídeos serem produzidos por um indivíduo e serem postados por outras pessoas. A individualidade fica em segundo plano, evidenciando o senso comum dos alunos na sua coletividade, conforme a teoria das representações sociais que embasa esta pesquisa. Assim,

Tabela 2. Título do audiovisual – Colégio Estadual Matias Neto

Título do audiovisual	Tempo de duração
<i>1. Ensaio das alunas e banda do Colégio Matias Neto – 27-06-2013</i>	<i>2:31</i>
<i>2. Harlemlshake – Matias Neto</i>	<i>0:36</i>
<i>3. Meus amigos do Matias Neto</i>	<i>4:35</i>
<i>4. Matias Neto turma do fundão</i>	<i>2:05</i>
<i>5. Instalação de artes Matias Neto</i>	<i>4:10</i>
<i>6. Ed. Física do Colégio Matias Neto</i>	<i>3:04</i>
<i>7. Matias Neto – Questão racial – turma 1005</i>	<i>2:30</i>
<i>8. Clube de ciências – Matias neto</i>	<i>9:13</i>
<i>9. Bullyng no Matias Neto</i>	<i>0:11</i>
<i>10. Thiaguinho e Matheus 7 no Matias Neto</i>	<i>2:30</i>
<i>11. Banda Matias Neto Macaé</i>	<i>0:10</i>
<i>12. Matias Neto 2012</i>	<i>4:40</i>
<i>13. AcidRain- Instrumental 1#- Matias Neto</i>	<i>3:11</i>

Inserindo a chave de busca Colégio Estadual Luiz Reid no campo de pesquisa da plataforma *Youtube*, obtivemos os seguintes audiovisuais postados:

optamos por não identificar nenhum nome ou apelido que está nos registros de postagens dos vídeos no *Youtube*.

Tabela 3. Título do audiovisual - Colégio Estadual Luiz Reid

Título do audiovisual	Tempo de duração
1. <i>Video gravado por mim em 2009 no colégio luiz reid turma 801</i>	1:11
2. <i>Dançarina do luiz reid</i>	2:02
3. <i>Os malucos e a pirâmide do luiz reid em macaé</i>	1:48
4. <i>Luiz reid</i>	0:39
5. <i>Vídeo da formatura de professores do colégio estadual luiz reid</i>	3:29
6. <i>Turma 3002 – 2012 luiz reid</i>	5:21
7. <i>Corporação estadua Luiz Reid</i>	3:35
8. <i>Adele – someonelikeyou – loucura no luizreid</i>	1:54
9. <i>Colégio estadual luiz reid debaixo d´água</i>	14:06
10. <i>Turma 1002 luiz reid a melhor</i>	8:13
11. <i>Bullyng – colégio estadual luiz reid – macaé-rj</i>	14:27
12. <i>Kkkkkkkkkk comédia no luiz reid:}</i>	1:00
13. <i>Piscina no colégio estadual luiz reid</i>	0:40
14. <i>CN 4001/2010 – luiz reid</i>	3:39
15. <i>Turma CN 1001 (Luiz Reid) – fazendo ahhmuleke</i>	0:15
16. <i>Formatura CN/2011 – Colégio Estadual Luiz Reid</i>	3:01
17. <i>Formatura de professores C.N. Luiz Reid</i>	3:29
18. <i>Distração mais bonita ki tem – luiz reid</i>	0:50
19. <i>Sarau pedagógico (clipe), literatura: arte-educação/CE Luiz Reid/ 2011</i>	5:33
20. <i>O grande mico escolar “queda luiz reid”</i>	0:44
21. <i>Basquete Luiz Reid</i>	1:45
22. <i>Guilherme e Carlos Wendell – luiz reid (turma: 3002 FG)</i>	0:16
23. <i>Fatos históricos do CE Luiz Reid, Clip da gincana Fatos históricos do CE Luiz Reid, Clip da gincana Cn 3001/2010</i>	4:20
24. <i>Escola Luiz Reid</i>	2:50
25. <i>Isso é Luiz Reid mermão. Kkkk</i>	2:06

26. <i>Nicole Luiz Reid</i>	0:29
27. <i>Meninos jogando bola Luiz Reid</i>	2:29
28. <i>Professor Cosme – Luiz Reid</i>	0:21
29. <i>Galeria Luiz Reid 2011- Gabri Herpes</i>	2:55
30. <i>Colégio E. Luiz Reid manifestação</i>	1:37
31. <i>Corporação estadual Luiz Reid (celur Macaé-Rj)</i>	2:38
32. <i>Maxwell Vaz – Entrevista com os Alunos do Colégio Luiz Reid – Macaé/RJ</i>	8:25
33. <i>Bagunça no Luiz Reid</i>	1:37
34. <i>Luiz Reid 902 parte 1 3GP</i>	3:24
35. <i>Luiz Reid 902 parte 2 3GP</i>	0:55

Alguns vídeos foram excluídos da nossa base de dados em virtude de não tematizarem as questões do universo escolar, registrando apenas festas e eventos de cunho particular no espaço da escola, como, por exemplo, o vídeo *Festa julina de rebecca na escola matias neto*. Trata-se do registro de uma festa realizada no colégio, provavelmente o aniversário da menina chamada Rebeca, no qual as crianças dançam músicas típicas de festas caipiras. Destacamos que o Colégio Matias Neto não tem o segmento da Educação Infantil, o que evidencia que não é uma festa propriamente da escola, mas sim de caráter privado²².

Outro tipo de vídeo que não atende aos objetivos da nossa pesquisa foram aqueles realizados por instituições ou grupos políticos e sociais, como a produção *Estudante do Colégio Estadual Luiz Reid fala da importância do Conselho Municipal de Juventude*, apresentando uma entrevista com um aluno da escola sobre o significado do Conselho Municipal de Juventude de Macaé para os jovens da cidade.

Depois da coleta e de uma leitura flutuante e pré-analítica do material, primeira etapa da técnica da análise temática, estabelecemos algumas categorias para o enquadramento dos principais temas dos vídeos. Essas categorias foram elaboradas a partir dos pontos percebidos como recorrentes nas produções, os conteúdos que sobressaíam, a saber: conflitos, denúncias, eventos, atividades escolares, amizade e

²² A rede estadual de ensino tem a responsabilidade pelo Ensino Médio no Brasil, podendo atender a outros segmentos quando os municípios não são capazes de atender à demanda da cidade. Em Macaé, as escolas estaduais têm progressivamente finalizado o Ensino Fundamental de segundo segmento, priorizando o que é da sua competência.

brincadeiras. No quadro abaixo apresentamos as categorias e as unidades temáticas que as fundamentam.

Tabela 4. Categorias/Temáticas

CATEGORIAS	TEMÁTICAS
Denúncias	Crítica, sinalização de problemas, queixas.
Eventos	Atividades artística, grandes dinâmicas educacionais, práticas esportivas, festas, manifestações culturais etc.
Conflitos	Brigas, discussões, embates, tensão, relações de poder, oposições etc.
Atividades Escolares	Tarefas escolares, trabalhos acadêmicos, seminários, palestras, slides, exercícios escolares etc.
Amizade	Relações afetivas, coleguismo, companheirismo, coletividade, interações sociais, harmonia social etc.
Brincadeiras	Diversão, brincadeiras, lazer, alegria, comédia, ironia, jogos livres etc.

É evidente que as categorias supracitadas não esgotam as possibilidades de classificação que podem ser construídas a partir das análises dos vídeos, mas devemos fazer determinadas escolhas, pois os meios audiovisuais são por demais complexos para uma definitiva sistematização em categorias temáticas.

Todo passo, no processo de análise de materiais audiovisuais, envolve transladar. E cada traslado implica em decisões e escolhas. Existirão sempre alternativas viáveis às escolhas concretas feitas, e o que é deixado fora é tão importante quanto o que está presente. A escolha, dentro de um campo múltiplo, é especialmente importante quando se analisa um meio complexo onde a translação irá, normalmente, tomar a forma simplificação (ROSE, 2011).

Além disso, todos os temas presentes nos audiovisuais coletados dialogam entre si, são transversais e híbridos, não focando apenas um assunto. Esse hibridismo dificulta o processo de categorização e, por isso, optamos por evidenciar o que é mais recorrente em cada produção. Destacamos os pontos que consideramos prevalentes para a construção da categorização dos audiovisuais, privilegiando as ações, reações, comportamentos e interações dos atores sociais nas representações audiovisuais.

4.5. Classificação dos audiovisuais de acordo com as categorias temáticas

A utilização de audiovisuais como instrumento e objeto empírico de pesquisa é uma prática muito comum nas ciências humanas e sociais, pois os pesquisadores compreendem a relevância desse material como forma de expressão sobre a construção social das realidades sociais, bem como uma forma de influenciá-las (FLICK, 2009).

O processo de percepção do potencial do uso dos audiovisuais como fonte e modo de produção de dados nos traz desafios na leitura, compreensão, interpretação, análise e reflexões sobre esses materiais. Daí a importância de uma estratégia fundamentada de categorização, organização e análise de temática dos objetos empíricos.

Neste capítulo apresentamos a classificação e a distribuição dos vídeos segundo as categorias estabelecidas a partir da pré-análise que definiu as temáticas presentes no material empírico coletado. Mas antes, consideramos necessário consolidar a conceituação das categorias temáticas elaboradas a partir das análises flutuantes que fizemos nos audiovisuais.

A categoria denúncias foi construída a partir da identificação de materiais produzidos por alunos que questionam e criticam situações problemáticas na escola e reivindicam seus direitos a uma educação de qualidade. Entendemos a denúncia como ato verbal, escrito, visual ou audiovisual pelo qual alguém leva ao conhecimento da autoridade competente um fato contrário à lei, às regras, aos costumes, à ordem pública estabelecida de uma instituição social ou comunidade política.

Atualmente, com os recursos das redes sociais, muitos alunos têm se aproveitado desses recursos midiáticos para dar visibilidade às suas reivindicações e críticas, postando fotos da estrutura da escola, denunciando comportamentos abusivos de diretores, docentes e demais funcionários, e até mesmo dando visibilidade às práticas de *bullying* por parte dos seus próprios pares.

Uma situação exemplar de denúncias dos problemas escolares no Brasil foi o caso da estudante Isadora Faber, na época com treze anos de idade, de Florianópolis. Em 2012, Isadora ficou famosa nas redes sociais e nas mídias tradicionais com os seus vídeos, textos e discursos de denúncias das situações de precariedade da sua escola pública²³.

Figura 1. Diário de Classe



Foto: reprodução do Facebook, 2012.

²³ Ver. revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/08/estudante-de-13-anos-denuncia-problemas-de-escola-publica-na-internet.html

Partindo da inspiração de um blog de uma menina inglesa, Isadora Faber criou uma página no *Facebook*, intitulada *Diário de Classe: a verdade...*²⁴, para relatar os problemas estruturais, organizacionais e pedagógicos da escola em que estudava. No diário online é possível encontrar postagens de fotos e audiovisuais com o ventilador quebrado, fios desencapados, carteiras quebradas, portas sem maçanetas, vasos sanitários em péssimas condições, a quadra sem pintura e danificada, vídeos das aulas com alunos com pouca concentração e interesse, ausência dos docentes e aulas consideradas sem atratividade, a baixa qualidade da merenda, bem como muitos elementos precários da rotina das escolas públicas.

Figura 2. Merenda



Foto: Isadora Faber, reprodução do *Facebook*, 2012.

²⁴ A página se encontra ativa, ainda com esse ideal de relatar as situações problemáticas das escolas públicas, mas também abordando temas sociais, políticos e culturais da contemporaneidade.

Figura 3. Estrutura

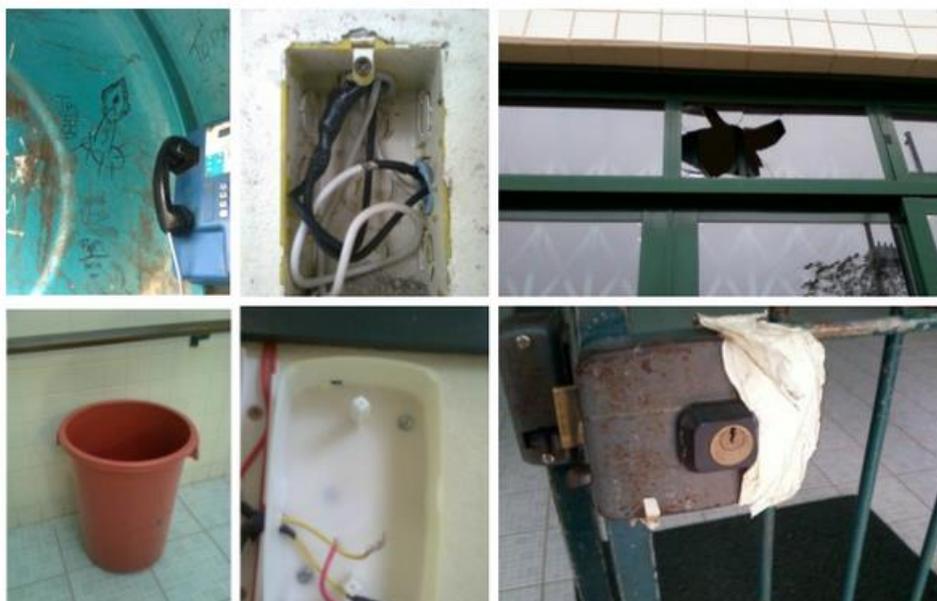


Foto: Isadora Faber, reprodução do *Facebook*, 2012²⁵.

Apesar do pioneirismo da Isadora Faber nas redes sociais na denúncia dos problemas cotidianos na escola, criando uma página online específica para divulgar fotos e vídeos das situações críticas, muitos alunos já postavam audiovisuais e imagens no *Youtube*, *Orkut* e no próprio *Facebook* de elementos da rotina escolar que os desagradavam. Desta forma, a ideia de denunciar os pontos críticos e negativos da estrutura e do ambiente escolar é algo que ganha evidência nas redes sociais, mesmo com as ações da instituição escolar para ocultar e minimizar os impactos dessas produções.

Recorremos também ao *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007)* para conceituar a categoria que denominamos de eventos. Nessa categoria colocamos os audiovisuais que retratam e registram os acontecimentos típicos da realidade escolar, mas que não são elementos cotidianos, como festas, espetáculos, comemorações, solenidades organizadas por gestores e colaboradores com objetivos institucionais, comunitários ou promocionais.

São exemplos também os torneios esportivos, festas culturais, formaturas, apresentações de bandas marciais, exibições musicais e de danças típicas ou

²⁵ Fotos da Escola Municipal Maria Tomázia Coelho, localizada na Praia do Santinho, em Florianópolis, SC.

contemporâneas, dentre outros. São acontecimentos que ganham destaque nas lentes e discursos dos estudantes. Portanto, é o movimento de sair do dia a dia da sala de aula através de um evento esportivo, cultural ou festivo que ganha destaque na definição dessa categoria.

Com a categoria conflitos, reunimos audiovisuais que evidenciem as relações de poder entre os diversos sujeitos sociais da comunidade escolar. Partindo das teorias de Michel Foucault (1997) sobre as relações de poder, buscamos com a categoria conflitos destacar a ideia de poder como uma relação flutuante, móvel, instável, não estando apenas nas mãos de uma instituição ou indivíduo.

O poder, inserido na ideia de conflito, não é privilégio do Estado, da Igreja, da Instituição Escolar, da Mídia ou qualquer outra instituição social. Ele não é posse dos políticos, diretores, professores, padres, pastores, donos de corporações e outros que exercem soberania e liderança. O poder se encontra por toda parte, com todos os indivíduos, o poder está numa rede de relações complexas e móveis.

Com esse entendimento, a categoria conflitos se configura nessa rede de relações de mobilidade de poder, apresentando as relações sociais de força, enfrentamento, choque, desacordo, dissensão, contestação, combate, luta, rebelião, oposição de interesses, divergências de ideias e julgamentos.

Os audiovisuais que destacam em seu conteúdo e forma as atividades comuns à rotina do colégio estão no campo da categoria atividades escolares. A escola, apesar das múltiplas semelhanças com outras instituições sociais, tem uma cultura própria e bem definida. Os principais elementos que desenham essa cultura própria da comunidade escolar são seus próprios atores sociais, a saber: famílias, docentes, gestores, funcionários e discentes. Nessa interação, produção e reprodução de discursos, linguagens, saberes, práticas, atividades, tempo, espaço e estrutura, temos a cultura escolar.

As escolas são instituições de um tipo muito particular, que não podem ser pensadas como qualquer fábrica ou oficina: a educação não tolera a simplificação do humano (...) que a cultura da racionalidade empresarial sempre transporta (Nóvoa, 1998, p.16).

Conforme Chervel (1988), a escola transmite à sociedade uma cultura constituída de duas partes, a saber: os programas oficiais, que apresentam sua finalidade educativa;

e, os resultados efetivos da ação da escola. Portanto, esse autor compreende a cultura escolar como a cultura adquirida no espaço escolar e encontra nela não somente seu modo de difusão, mas também a sua origem.

Deste modo, a categoria atividades escolares é definida, nesse contexto, como tarefas, práticas, deveres, exercícios, provas, avaliações e demais iniciativas próprias do cotidiano e da cultura escolar, com seus cruzamentos e dinâmicas.

A ideia de cruzamentos de culturas no espaço escolar é construída por Pérez-Gómez (2001), que entende a escola como uma instância de mediação cultural entre os significados, sentimentos e comportamentos da comunidade e o desenvolvimento das gerações. O autor explica esse cruzamento cultural detalhando diferentes aspectos que compõem as culturas crítica, social, institucional e experimental que estão em interação constante no espaço escolar fazendo emergir a cultura escolar como um todo.

Essas culturas estão em cruzamento, interação e se complementando o tempo todo, mas podemos destacar os conceitos para cada uma das culturas apresentadas por Pérez-Gómez (2001): a cultura crítica é definida como a alta cultura ou a cultura intelectual, é o conjunto dos significados e produções que, nos diferentes âmbitos do saber e fazer, os agrupamentos humanos foram acumulando e transmitindo ao longo da história; a cultura social é o conjunto de significados e comportamentos hegemônicos no contexto social, constituído por valores, normas, ideias, instituições e comportamentos que prevalecem nos intercâmbios humanos em sociedades organizadas; cultura institucional são as tradições, os costumes, as rotinas, os rituais e as inércias que a escola estimula e coloca força pra conservar e reproduzir; a cultura experiencial é a configuração de significados e comportamentos que os estudantes elaboram de forma particular, própria, conduzidos por seu contexto social, econômico e cultural, em sua vida prévia e paralela ao colégio, mediante trocas simbólicas com o meio familiar e comunitário que rodeiam sua existência; por fim, a cultura acadêmica, definida como o currículo e suas formas de transmissão e produção de conteúdos disciplinares, as atividades e os meios didáticos de saberes e fazeres, enfim, a elaboração compartilhada do trabalho escolar por docentes e discentes.

Dessa forma, a categoria intitulada atividades escolares estaria diretamente atrelada à cultura acadêmica da escola, mas não única e exclusivamente a essa cultura, pois os cruzamentos com outras formas culturais, explicitados acima, é a marca essencial do que consideramos como cultura escolar nessa pesquisa.

Sabemos que a interação, a comunicação e o senso de coletividade são elementos importantes das relações sociais estabelecidas na instituição escolar. No decorrer da sua formação escolar, estudantes criam laços afetivos, amorosos e de companheirismo não apenas com os seus pares, mas também com os professores, serventes, merendeiras, porteiros, inspetores, secretárias, bibliotecárias, orientadoras pedagógicas, diretoras e demais membros da comunidade escolar.

Assim sendo, a afetividade entre os sujeitos sociais presentes na escola é uma das representações sociais que encontramos nos vídeos postados no *Youtube*. Por isso, estabelecemos uma categoria específica para reunir os vídeos de celebração, de exaltação, de saudosismo e afirmação dos laços afetivos, tal categoria denominamos de amizade. Muitos filósofos discutiram sobre a ideia de amizade, dos antigos aos contemporâneos: Pitágoras (PRÉ-SOCRÁTICOS, 1978), Platão (1970), Aristóteles (1979), Epicuro (1979), Sêneca (1979), Agostinho de Hipona (1987), Adela Cortina (2009), Peter Singer (2004), Zygmunt Bauman (2004), Stan Van Hoot (2013), Leonardo Boff (2003), André Comte-Sponville, (1999), Michel Foucault (1981), Francisco Ortega (2002), dentre muitos outros pensadores com diversas e até contraditórias posições ideológicas.

Utilizaremos algumas dessas reflexões filosóficas para compreender as relações de afetividade e amizade entre os atores sociais da comunidade escolar, mas para conceituar o termo amizade, vamos recorrer mais uma vez ao uso dicionarizado, por ser amplo e permitir um maior entendimento dos elementos que vamos encontrar nos audiovisuais.

Conforme o Ortega (2002), o termo amizade traz em si o sentimento de grande afeição pelo outro, o que reforça a coletividade. Através desse conceito, temos exposta a concepção de grande apreço entre indivíduos ou grupos, a solidariedade, o entendimento entre partes, reciprocidade de afetos, companheirismo, camaradagem nas relações sociais. Por fim, a amizade implica em bem querer o outro, harmonia que supera desentendimentos, prazer em estar junto e uma história de proximidade e identidade, mesmo que não seja em todas as formas de gostos culturais, pensar, agir e se comportar.

A categoria brincadeiras, como veremos no próximo capítulo, destaca-se pelo número de audiovisuais que podem ser classificados desse modo. É com essa denominação que classificamos os vídeos que representam o universo escolar com formato e conteúdo de alegria, humor, diversão, mas também de maneira jocosa, cômica, irônica e debochada. Aqui destacamos a espirituosidade das representações recorrentes nos vídeos, os gracejos, as zombarias, as chacotas, a gozação, as gracinhas, as piadas e

quaisquer representações que pretendam provocar a risibilidade dos atores e espectadores dessas produções.

O campo da Educação Física, do esporte e lazer tem uma longa tradição na conceituação do termo brincadeiras (VELASCO, 1996), e é nessa área que iremos buscar os aportes teóricos para definir e consolidar essa importante categoria na nossa investigação. É comum a dificuldade e as confusões feitas por diversos autores na definição, relação e distinção do termo brincadeira em relação a termos como recreação, lazer e jogo. Muitos chegam a utilizar os termos como sinônimos, não esclarecendo as singularidades de cada palavra. Daí a importância de consolidarmos a categoria brincadeiras em argumentações seguras de algumas referências nas áreas citadas, pois só assim evitaremos confusões e dificuldades de entendimentos na classificação dessa importante temática encontrada nos audiovisuais.

Conforme Barreto (1998) brincadeira é uma atividade lúdica livre, separada, incerta, improdutiva, governada por regras e caracterizada pelo faz de conta. Uma atividade que extrapola as obrigações da vida rotineira e séria, que absorve o indivíduo intensamente na diversão. Por fim, ela se desenvolve dentro de seus próprios limites de tempo e espaço de acordo com regras fixadas pelos praticantes, podendo ser modificadas de maneira ordenada. Ressaltamos a ludicidade livre dessa prática, que permite fugir da severidade, da disciplina determinada por outrem.

Dessa forma, a brincadeira é a simples distração, fazendo que o indivíduo descarregue suas energias físicas, emocionais e mentais, de forma individualizada ou coletiva. A brincadeira é o ato ou efeito de brincar, entreter-se, buscar distração e alegria através de práticas, ações e comportamentos livres de ordenamentos rígidos, controladores e sérios (KISHIMOTO, 1998).

Porém, como ocorre com as demais categorias, os audiovisuais extrapolam qualquer classificação rígida e objetivada, exigindo do pesquisador um olhar mais filosófico e cultural para detectarmos processos encobertos pelos materiais simbólicos desses audiovisuais. Dessa forma, recorreremos ao conceito antropológico de carnavalização e à ideia de comicidade na cultura brasileira para compreendermos essas representações sociais inseridas nos audiovisuais.

Apresentamos, a seguir, a distribuição do material empírico selecionado conforme as categorias estabelecidas, destacando uma breve sinopse de cada um dos vídeos.

Tabela 5. Categoria: Denúncias

CATEGORIA: DENÚNCIAS	Sinopse
<i>Piscina do Colégio Estadual Luiz Reid</i>	De maneira jornalística, mas ironicamente e com muita diversão, uma menina denuncia poças d'água no pátio da escola durante uma chuva.

Tabela 6. Categoria: Eventos

CATEGORIA: EVENTOS	Sinopse
<i>Ensaio das Alunas e Banda do C.E. Matias Neto - 27-06-2013</i>	<i>Ensaio da banda e do grupo de dança dos alunos para o aniversário da cidade de Macaé.</i>
<i>Banda Matias Neto Macaé</i>	Série de cinco vídeos da preparação e apresentação da banda marcial do Colégio Matias Neto.
<i>AcidRain- Instrumental 1#- Matias Neto</i>	O vídeo registra uma apresentação instrumental de rock no teatro da escola, mostrando a interação musical da banda com o público.
<i>Corporação Estadual Luiz Reid</i>	Vídeo que registra uma apresentação da banda marcial da escola nas ruas da cidade.
<i>Corporação estadual Luiz Reid (celur Macaé-Rj)</i>	Apresentação da banda marcial do colégio no desfile cívico em Itaperuna.

Tabela 7. Categoria: Conflitos

CATEGORIA: CONFLITOS	Sinopse
<i>Bullyng no Matias Neto</i>	<i>Vídeo produzido em sala de aula, com cortes e edição, destacando dois alunos se empurrando e encarando-se mutuamente.</i>
<i>Colegio E. Luiz Red Manifestação</i>	Vídeo produzido dentro e fora da escola, com cortes e edição, retratando uma manifestação de alunos contra a direção da escola, destacando a presença de policiais na escola.
<i>Luiz Reid</i>	Vídeo registra meninos cercando, ameaçando e jogando objetos num colega no pátio da escola.

Tabela 8. Categoria: Atividades Escolares

CATEGORIA: ATIVIDADES ESCOLARES	Sinopse
<i>Clube de ciências – Matias neto</i>	<i>Série de 4 vídeos com grupos de alunos apresentando experimentos científicos para comunidade escolar.</i>
<i>Instalação de artes Matias Neto</i>	Clipe que mostra uma série de trabalhos de alunos com viés artístico e crítico, abordando temas como aborto, ambiente saudável, internet, redes sociais, poluição, drogas etc.
<i>Ed. Física do Colégio Matias Neto</i>	Com uma câmera em movimento inconstante, meninas cantam, brincam, filmam e comentam o jogo de futebol dos meninos na aula de Educação Física.

<i>Matias Neto – Questão racial – turma 1005</i>	Uma atividade da disciplina Geografia, esse clipe com textos, figuras e fotos, apresenta a temática do preconceito racial, destacando a relação entre negros e brancos no Brasil e no mundo.
<i>Bullying – colégio estadual luiz reid – macaé-rj</i>	Apresentação de trabalho escolar sobre <i>bullying</i> no auditório da escola, destacando os vídeos, fotos, slides, músicas, textos e discursos que compõem a tarefa.
<i>Sarau Pedagógico (Clipe), Literatura: Arte - Educação/CE Luiz Reid / 2011</i>	Clipe com fotos das atividades literárias dos alunos e textos de grandes escritores abordando temáticas da literatura e música brasileira.
<i>Fatos históricos do CE Luiz Reid, Clip da gincana Cn 3001/2010</i>	Clipe de uma gincana educativa, com fotos, textos e música, relacionando fatos históricos das copas do mundo com a cidade de Macaé.
<i>Professor Cosme - C.E. Luiz Reid</i>	Professor da escola, num tom de entrevista, faz um agradecimento a Airton Senna, relatando um fato marcante.
<i>Maxwell Vaz – Entrevista com os Alunos do Colégio Luiz Reid – Macaé/RJ</i>	Alunos do colégio entrevistam o vereador Maxwell Vaz, tematizando a política local.

Tabela 9. Categoria: Amizade

CATEGORIA: AMIZADE	Sinopse
<i>Meus amigos do matias neto</i>	Clipe que exalta a amizade e os momentos de carinho, alegria, brincadeiras e estudo dos alunos.
<i>Matias Neto 2012</i>	Clipe com fotos de amigos que estudaram juntos na escola, destacando carinho, afetividade, brincadeiras, alegria e lazer.
<i>Os malucos e a pirâmide do luiz reid em macaé</i>	Grupo de jovens, brincando e com muita alegria, fazem uma pirâmide humana para resgatar uma bola que ficou presa na estrutura do teto da quadra.
<i>Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID</i>	Clipe com fotos e textos que apresentam os momentos de amizade, carinho e felicidade dos alunos da turma de formação de professores.
<i>Turma 1002 Luiz Reid A Melhor</i>	Clipe com fotos dos alunos da turma 1002, mostrando os momentos de amizade, brincadeiras, alegria, diversão, afetividade e companheirismo.
<i>Turma 3002 – 2012 Luiz Reid</i>	Clipe, com fotos e textos, que mostra os momentos de diversão, alegria, carinho, amizade e afetividade entre os alunos da turma 3002 do ano de 2012.
<i>CN 4001/2010 – luiz reid</i>	Clipe que homenageia os colegas de duas turmas, destacando fotos e textos que mostram a amizade, o carinho, a alegria e a diversão na escola.
<i>Formatura CN/2011 – Colégio Estadual Luiz Reid</i>	Clipe de lembranças da formatura de uma turma da escola, destacando a alegria, emoção e carinho entre os estudantes.

<i>Formatura de Professores C. E. Luiz Reid</i>	Apresentação de fotos de duas turmas da escola, mostrando a união, a alegria, a diversão e demais atividades realizadas na escola: cultura, arte, ciência, passeios, festas etc.
<i>Escola Luiz Reid</i>	Numa roda de música, alunos ensaiam e se divertem no pátio da escola, demonstrando afinidade e relações de amizade.

Tabela 10. Categoria: Brincadeiras

CATEGORIA: BRINCADEIRAS	Sinopse
<i>Colégio Estadual Luiz Reid debaixo d'água</i>	<i>O vídeo registra a saga de dois irmãos indo à escola enfrentando ruas alagadas em virtude da chuva, tudo narrado de maneira irônica e debochada.</i>
<i>Luiz Reid 902 parte 1 3GP</i>	Vídeo que apresenta um grupo de estudantes se divertindo e jogando bola dentro da sala de aula, mesmo com outros alunos estudando e não participando da brincadeira.
<i>Luiz Reid 902 parte 2 3GP</i>	Continuação do vídeo que apresenta um grupo de estudantes se divertindo e jogando bola dentro da sala de aula, mesmo com outros alunos estudando e não participando da brincadeira.
<i>Harlemshake – Matias Neto</i>	Alunos e alunas dançam e brincam no refeitório da escola de maneira engraçada e irônica.

<i>Guilherme e Carlos Wendell – luiz reid (turma: 3002 FG)</i>	Dois jovens brincam e cantam em sala de aula, interagindo diretamente com a câmera que registra a diversão.
<i>Bagunça no Luiz Reid</i>	Adolescentes conversam, brincam e dançam no corredor do colégio, divertindo-se com suas performances.
<i>Isso é Luiz Reid mermão. Kkkk</i>	Aproveitando o tempo livre na escola, três colegas ensaiam uma música no banco do pátio da escola.
<i>Nicole Luiz Reid</i>	Nicole e seus colegas brincam em sala de aula jogando bolinhas de papel uns nos outros.
<i>Meninos jogando bola Luiz Reid</i>	Jovens jogam basquete na quadra da escola, quando uma bomba estoura, mas sem alterar a rotina de brincadeira do grupo.
<i>Galeria Luiz reid 2011 - Gabri herpes</i>	Como um comediante, jovem entrevista, canta e encena com seus amigos numa galeria comercial da cidade.
<i>Turma CN 1001 (Luiz Reid) – fazendo ahhmuleke</i>	Grupo de alunos, em frente à escola, cantam e dançam, se divertindo e promovendo risos dos colegas.

Na etapa seguinte elencamos alguns vídeos exemplares de cada categoria elaborada, identificando os elementos fundamentais da estrutura e dos temas abordados. Apresentamos, a seguir, a sinopse de alguns audiovisuais escolhidos como representativos das categorias estabelecidas.

Definimos como exemplar na categoria denúncias, o audiovisual *Piscina do Colégio Estadual Luiz Reid*, de apenas trinta e oito segundos. A principal ideia do vídeo é fazer uma denúncia do estado crítico de um espaço do colégio durante uma chuva na cidade. Como uma brincadeira irônica, debochada, mas também crítica, uma aluna (que está com uma camisa de um projeto da escola e diz “a nossa escola”) mostra um pequeno lago que se formou no pátio do colégio, atrapalhando a circulação das pessoas.

A câmera fica num único plano, enquadrando ao mesmo tempo a “repórter” e o cenário. A enorme poça d’ água que se forma na cena é denominada de “piscina” natural pela aluna. A jovem diz que está no Colégio Luiz Reid e que está chovendo. Ela apresenta, ironicamente e com risos, a “piscina natural” que se forma no pátio da escola com a chuva. O formato e o texto dão uma carga de criticidade e ironia ao relato do acontecimento, atentando os espectadores para as condições precárias da escola naquele momento.

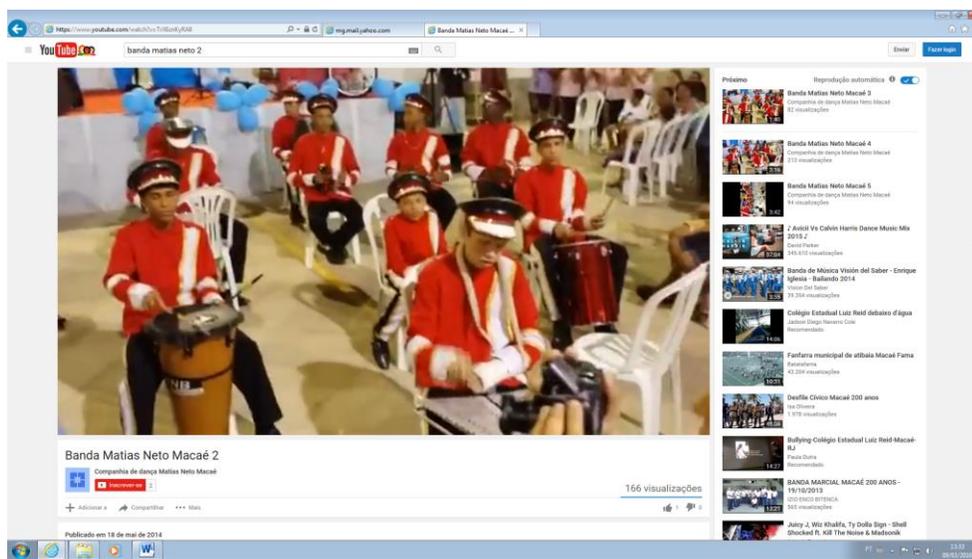
Figura 4. Youtube 1



Foto: Reprodução do Youtube, *Piscina do Colégio Estadual Luiz Reid.*

O vídeo *Banda Matias Neto Macaé 2* é exemplar da categoria eventos, pois registra uma apresentação da banda da escola em uma atividade cultural. A câmera faz deslocamentos para direita e para a esquerda, mas sem perder a referência do grupo que se apresenta. O audiovisual tem dois minutos, sem priorizar um único personagem, mas sim a coletividade musical dos alunos.

Figura 5. Youtube 2

Foto: Reprodução do Youtube, *Banda Matias Neto Macaé 2*.

Alguns vídeos de conflitos, violência e crimes praticados no interior das escolas são retirados pelos administradores da plataforma porque ferem a política de utilização das redes sociais. No entanto, encontramos o audiovisual *Colegio E. Luiz Red Manifestação* que registra uma grande discussão entre os alunos e alguns funcionários da unidade escolar. A produção foi editada, com alguns cortes e mudanças de cenário, mas percebemos que a ideia do realizador é destacar a grande quantidade de alunos que está do lado externo da escola gritando palavras de ordens contra a direção escolar. Um ponto importante é a chegada da polícia no ambiente escolar, o que sugere que o conflito poderia gerar riscos para alguns sujeitos representados.

Figura 6. Youtube 3

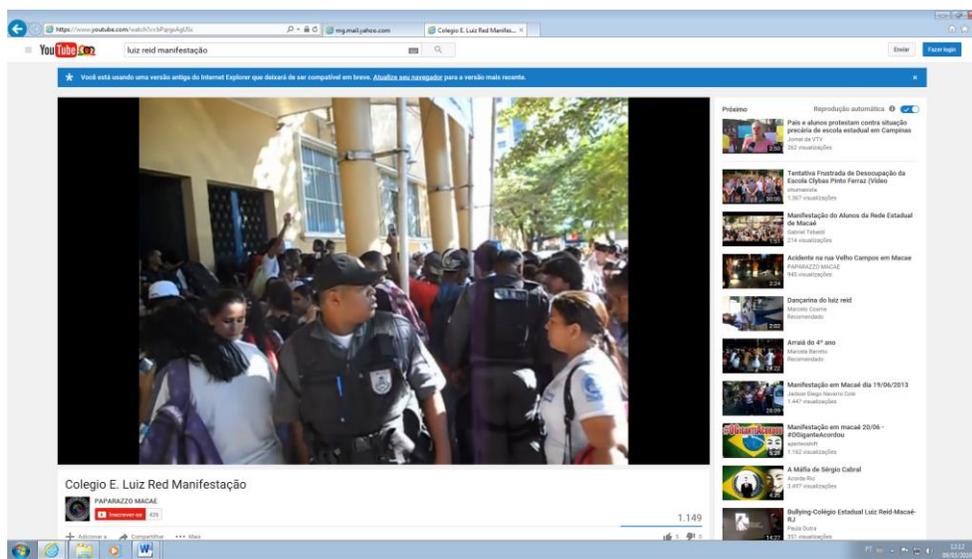


Foto: Reprodução do Youtube, *Colegio E. Luiz Red Manifestação*.

Na categoria atividades escolares destacamos um audiovisual, em formato de clipe musical, que aborda o racismo e a exclusão étnica na sociedade contemporânea. Nesse audiovisual intitulado *Matias Neto – Questão racial – turma 1005*, são apresentadas diversas pessoas de etnias diferentes em interação, mas enfatizando as relações entre negros e brancos. A produção é a conclusão de um trabalho escolar feito pelos alunos do primeiro ano do ensino médio, do Colégio Estadual Matias Neto, para disciplina geografia, no ano de 2010, conforme descrição do vídeo na página do *Youtube*²⁶.

²⁶ “Trabalho de Geografia realizado por alunos da turma 1005 do Matias Neto, 2010.” Fonte: *Youtube*.

Figura 7. Youtube 4



Foto: Reprodução do Youtube, Matias Neto – Questão racial – turma 1005.

O clipe tem uma música estrangeira como trilha sonora e apresenta diversas imagens e fotos visando abordar as discriminações e segregações no Brasil e no mundo. No final, como se fossem créditos, aparecem os nomes dos alunos envolvidos na realização do audiovisual.

Figura 8. Youtube 5

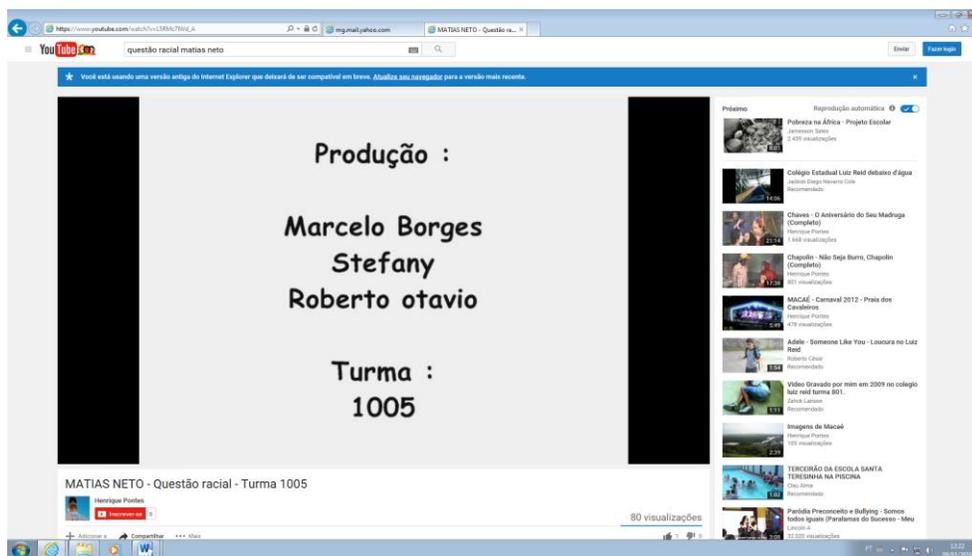


Foto: Reprodução do Youtube, Matias Neto – Questão racial – turma 1005.

O vídeo representativo da categoria amizade é intitulado *Meus amigos do Matias Neto*, de quatro minutos e trinta e cinco segundos. A produção é em formato de clipe, com uma música de fundo e com fluxo contínuo de fotos e textos que apresentam as relações de amizade, de união e alegria de estar juntos dos estudantes.

Figura 9. Youtube 6

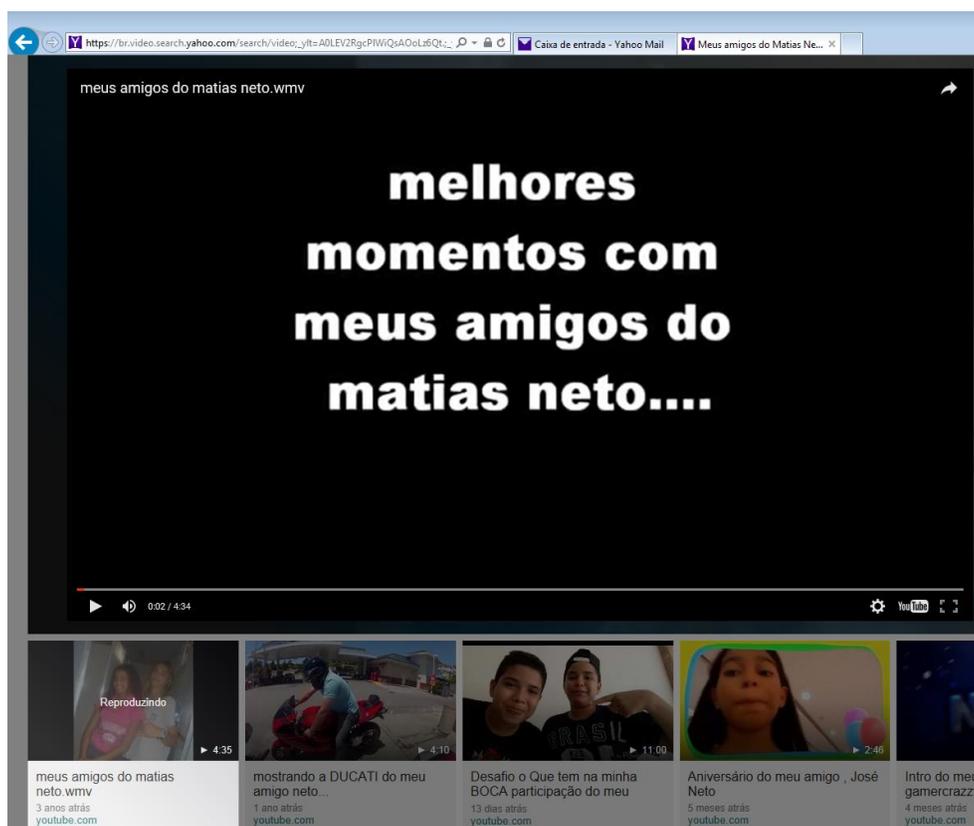


Foto: Reprodução do Youtube, *Meus amigos do Matias Neto*.

Figura 10. Youtube 7

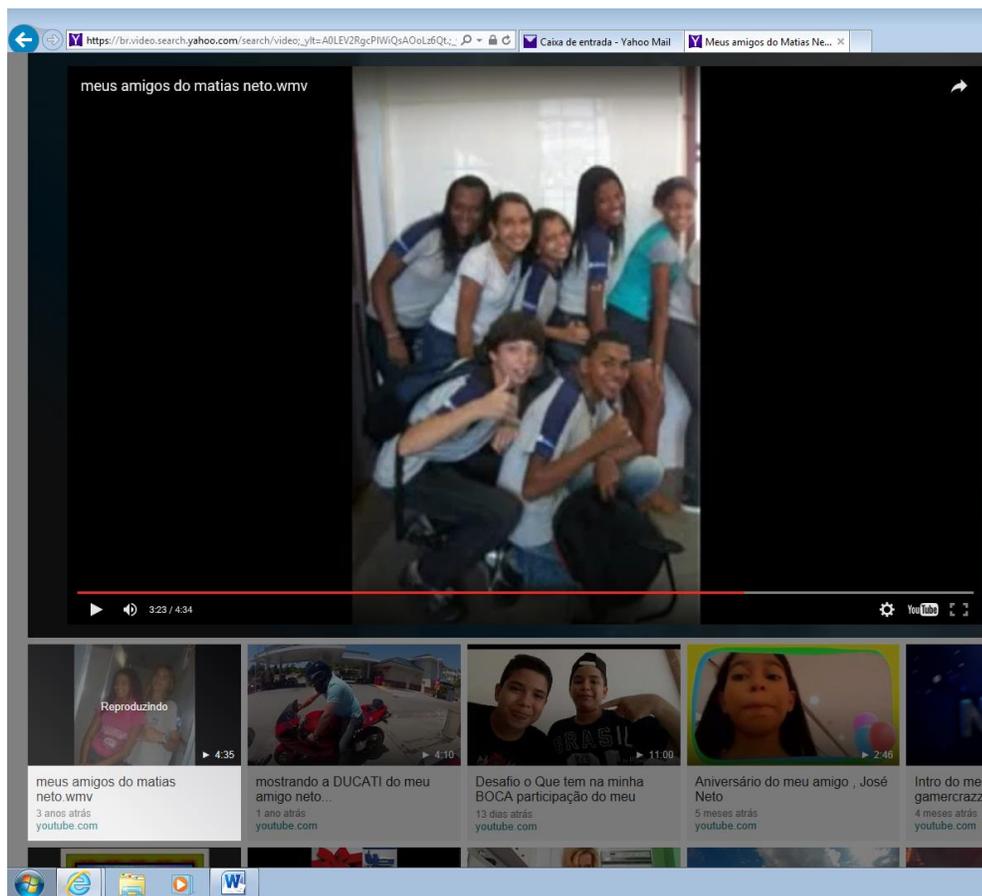
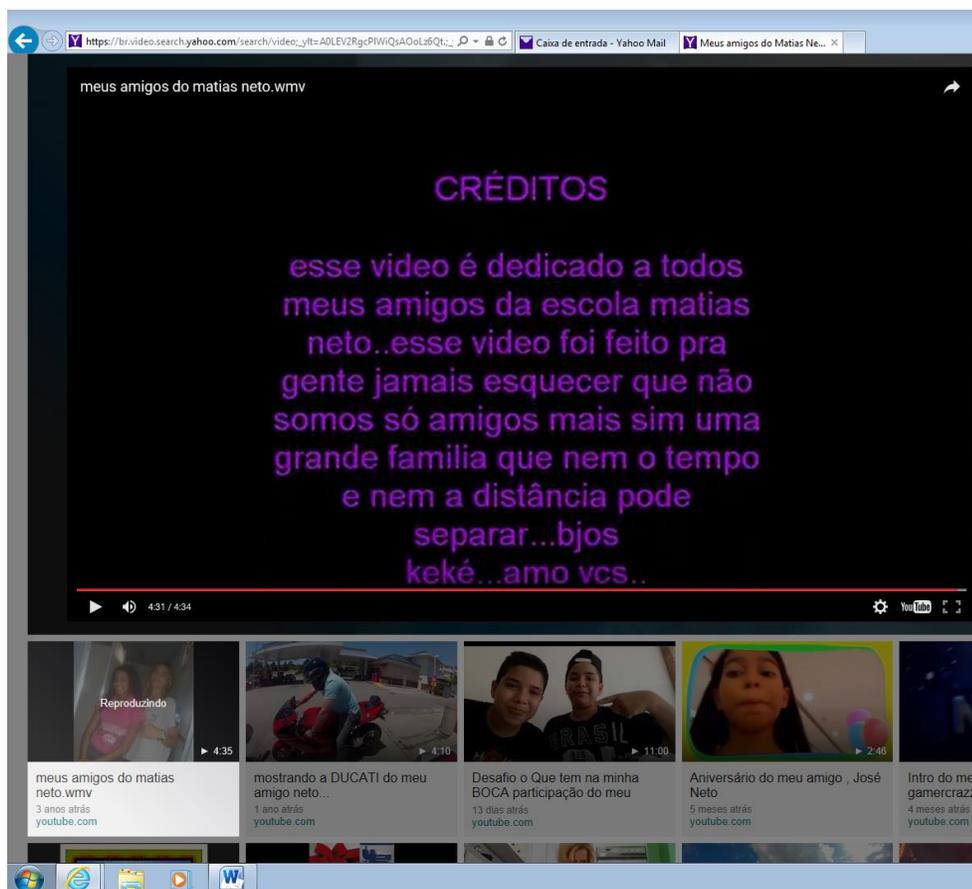


Foto: Reprodução do Youtube, *Meus amigos do Matias Neto*.

O principal objetivo deste vídeo é fazer uma homenagem aos colegas da escola, ressaltando a importância que eles têm na vida da criadora da obra. A cada foto, a cada imagem, a cada texto temos uma clara ideia de como o outro, nesse caso os outros estudantes, são elementos fundamentais para a socialização, a interação, a formação, a história e a identidade desses jovens.

Figura 11. Youtube 8

Foto: Reprodução do Youtube, *Meus amigos do Matias Neto*.

Para exemplificar os vídeos de brincadeiras, citamos a produção *kkkkkkkkkk comédia no Luiz Reid:}*, de cinquenta e oito segundos de duração. Nesse vídeo a câmera focaliza apenas um personagem, um aluno que canta e dança uma música no estilo *funk carioca/arrocha*. É possível ouvir vozes em *off* de meninos e meninas que não aparecem diretamente na filmagem, mas que interagem com o dançarino que está no plano principal do audiovisual.

Essa interação é através de risos e incentivos à dança do jovem, apenas no final um colega diz que ele está “igual a um viado”, referindo-se a maneira de dançar do colega. A própria denominação do vídeo utilizando o termo comédia e a expressão de gargalhada (kkkkkkkkk), típica das redes sociais, apontam para o teor de “zoeira” e diversão que fazem parte do cotidiano escolar das juventudes escolares.

Figura 12. Youtube 9

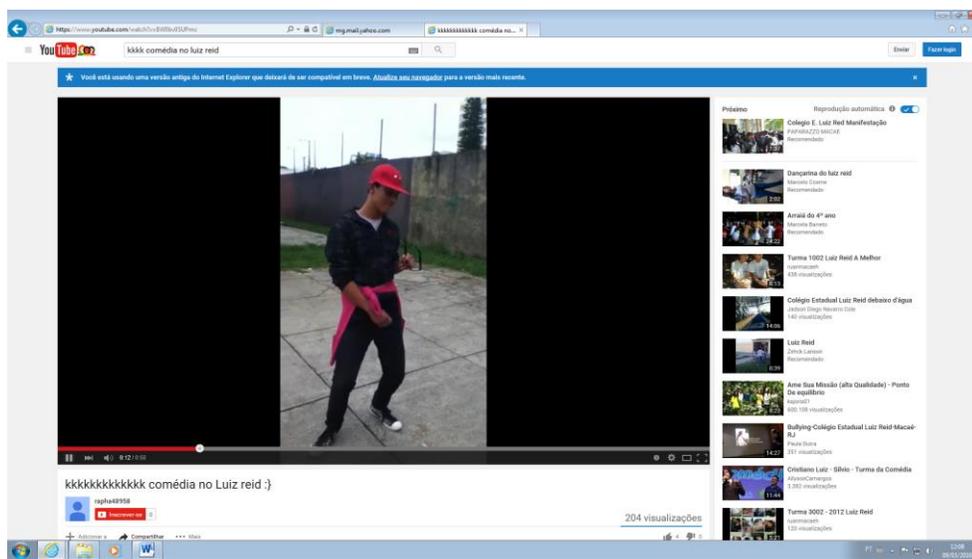


Foto: Reprodução do Youtube, *kkkkkkkkkk comédia no Luiz Reid.*

Podemos perceber que o fundamento do vídeo é a diversão, a alegria, o prazer e o deboche entre os sujeitos que estão na interação social da filmagem.

Esta classificação inicial visa apresentar a heterogeneidade estrutural e temática das produções audiovisuais, apontando para os elementos que as definem em cada categoria estabelecida.

Por fim, o número de vídeos e a diversidade que os caracterizam nos levaram a optar por concentrar os procedimentos analíticos às categorias as quais foram classificadas a maior parte das produções selecionadas nesse estudo, Brincadeiras e Amizade.

4.6. Rir e provocar o riso: carnavalização da instituição escolar

A ideia de rir e fazer rir com os vídeos que tematizam as brincadeiras, de utilizar a alegria, a piada, o deboche, a gozação e o lúdico para representar o que ocorre no interior das escolas, nos faz refletir sobre as ressignificações do ambiente escolar e as barreiras rompidas pelos jovens para compreender e apresentar a escola. Mais do que como um ambiente de conhecimento e socialização, como deseja a cultura escolar estabelecida, a instituição escolar é representada como um *locus* de diversão ou carnavalização no sentido expresso por Roberto DaMatta (1997a).

Para o autor, o processo de carnavalização da realidade social é uma iniciativa de inversão momentânea de valores, comportamentos, atitudes, regras e ordens que estavam previamente estabelecidas e estruturadas. Com a carnavalização se estabelece uma dialética ordem X desordem que modifica, transforma, transgride, inverte – mesmo que temporariamente – o espaço, o tempo e as relações das pessoas entre si e com as instituições sociais.

Dessa forma, o universo do carnaval estabelece um espaço e um tempo diferente do cotidiano e possui suas próprias regras e dinâmicas, nem sempre claras e homogêneas, as quais organizam uma nova lógica de interações e comportamentos. Conforme sinaliza o antropólogo brasileiro (DAMATTA, 1997b), carnavalizar é formar triângulos, é relacionar pessoas, categorias e ações sociais que normalmente estariam soterradas sob o peso da moralidade sustentada pelo estado.

Assim, os modos de carnavalização, ao romperem com as regras sociais do dia a dia, sinalizam para alguns pontos essenciais da ordem social e para o caráter de identidades que são sistematicamente silenciadas e invisíveis na vida social em movimento.

DaMatta (1973) afirma que a carnavalização é um dos mecanismos utilizados para romper e minar a vida rotineira e adentrar um contexto particularizado “onde tudo é possível”, invertendo o comportamento cotidiano socialmente esperado pelos seus concidadãos e pelas instituições sociais. Contudo, mais do que a inversão de paradigmas sociais, os modos de rituais carnavalescos são abrandamentos das normas, leis, moralidades e *habitus* que conduzem as ações e posturas humanas constituintes da estrutura social.

Com o carnaval, as regras formais da vida ortodoxa e os comportamentos socialmente esperados são esquecidos, ainda que por um tempo limitado, tudo se passa como se a realidade social alcançasse um outro nível de existência para os sujeitos que vivenciam aquele instante. Devemos frisar que isso não significa, entretanto, o desmoronamento completo da estrutura social, alterando definitivamente as ordens de comportamento e as leis de conduta escritas e não escritas, mas se abrem sobre elas novas possibilidades de atuação e atitudes, que após serem experimentadas, vivenciadas, logo serão extintas ou absorvidas e transformadas.

Outro ponto que não podemos perder de vista no processo de carnavalização é que ele não suplanta os problemas sociais dos indivíduos que são velados pela ordem social, tais como, no caso da escola, as dificuldades estruturais, as limitações

organizacionais, os conflitos internos, os preconceitos e violências entre os atores da comunidade escolar.

O modo carnavalesco, de certa maneira, indica a importância da estrutura social cotidiana, demonstrando como o carnaval não se sustentaria se certas liberdades fossem instauradas definitivamente, como, por exemplo, no ambiente escolar. Para DaMatta (1973), os afrouxamentos que a carnavalização propõe, por permitirem o aparecimento aberto de comportamentos e fantasias abusivas à moralidade estabelecida, provocam a confiança na ordem social constituída pelas instituições sociais.

DaMatta (1973) ainda aponta para um outro aspecto significativo do processo de abertura e subversão da ordem estabelecida pelo processo de carnavalização, a saber: a visibilidade e o direito à expressão dos marginalizados. A abertura carnavalesca traz à tona toda uma gama de indivíduos e grupos sociais que são marginalizados na ordem cotidiana, passando-se por invisíveis no cotidiano e com o poder de voz limitado.

Exemplificando os comportamentos dos sujeitos que, na ordem cotidiana, devem ser velados na sociedade brasileira, mas que com o carnaval ganham visibilidade e voz, Roberto DaMatta (1973) cita: *“a homossexualidade, o relacionamento ilícito, a ostentação humilhante do luxo e da riqueza, o ridículo de figuras importantes e poderosas e o poder e a graça dos habitantes das fronteiras do nosso mundo social”*. A carnavalização informa o que está velado, no subterrâneo social, marginalizado e silenciado na vida cotidiana.

Transpondo para o universo escolar, o processo de carnavalização abre uma brecha para as chamadas “zoações”, brincadeiras em sala de aula, ironias e deboches com os sujeitos e com a própria instituição escolar, transformando o trágico em cômico.

Por fim, devemos destacar um elemento essencial da carnavalização: o riso. O riso tem uma função significativa nesse processo de transformação social, ele opera como um elemento essencial que dá sentido aos comportamentos e ações no carnaval. *“De fato, conforme sabemos como brasileiros, o carnaval não pode ser sério. Senão não seria carnaval...”* (DAMATTA, 2001).

Mas como definir o carnaval? Não seria exagero dizer, é uma ocasião em que a vida diária deixa de ser operativa e, por causa disso, um momento extraordinário é inventado. Ou seja: como toda festa, o carnaval cria uma situação em que certas coisas são possíveis e outras devem ser evitadas. Não posso realizar um carnaval com tristeza, do mesmo modo que não posso ter um funeral com alegria. Certas ocasiões sociais requerem determinados sentimentos para que possam ocorrer como tais. Tragédias são definidas como eventos tristes e tudo que nelas ocorre de cômico deve ser inibido ou simplesmente ignorado.

Carnavais e comédias, ao contrário, são episódios que o triste e o trágico é quem devem ser banidos do evento, como as roupas do rei que estava nu e não podia ser visto como tal... (DAMATTA, 2001).

Alguns desses elementos da carnavalização, que Roberto DaMatta (1997a) aponta como parte da cultura brasileira, parecem transparecer nas representações da escola identificadas nos audiovisuais classificados como de humor, onde a abertura carnavalesca promove o riso, as brincadeiras, as ironias, a comédia e a subversão das normas e condutas previamente estabelecidas pela instituição escolar.

4.7. Amizade na instituição escolar

As discussões, análises e reflexões sobre a ideia de amizade têm uma longa tradição filosófica, sociológica e antropológica na história do pensamento ocidental. Pensadores clássicos, como Platão (1970) e Aristóteles (1979), medievais, como Santo Agostinho (1987), e contemporâneos, como Michel Foucault (1981) e Francisco Ortega (2002), são apenas algumas das grandes referências na definição, reflexão e problematização do conceito de amizade.

Iremos buscar algumas referências nessas reflexões promovidas por alguns desses autores para caracterizar e compreender os audiovisuais que denominamos na categoria de amizade dessa pesquisa. Isso porque entendemos que essas relações afetivas e de afinidade são extremamente valorizadas nas representações que coletamos no *Youtube*, visto que é a segunda categoria com a maior quantidade de vídeos registrados na nossa pesquisa, ficando atrás da categoria humor. Nossos objetivos são definir e compreender a importância da amizade nas relações sociais dos jovens dentro da instituição escolar, tendo como base o modo como esse tema aparece nos materiais empíricos coletados.

O filósofo grego Aristóteles (1999) dedica os livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* a uma reflexão minuciosa sobre a virtude da amizade, apontando a sua importância para a formação ética e moral dos indivíduos e para a sustentação política da *pólis* (comunidade política). Conforme Aristóteles (1999), a amizade é essencial para a vida social e política:

É indispensável à vida. Sem amigos ninguém poderia viver, mesmo dispendo de todos os outros bens. Achamos até que os ricos e os ocupantes de altos cargos e os detentores de poder são os que mais necessitam de amigos. De que serve a prosperidade sem a oportunidade de fazer benefícios, que se manifesta principalmente e em sua mais louvável forma em relação aos amigos? Ou então, como pode a prosperidade ser protegida e preservada sem amigos? Quanto mais forem eles, mais exposta estaria aos riscos. E as pessoas pensam que na pobreza e em outros infortúnios os amigos são o único refúgio. Para os jovens a amizade ajuda a evitar os erros. Mas ela ajuda, ainda, as pessoas idosas auxiliando-as em suas necessidades e suprimindo sua capacidade reduzida de agir à qual lhes condena sua fraqueza. Além disso, para os homens que estão em pleno vigor da idade a amizade estimula a prática de belas ações (ARISTÓTELES, 1999).

Os argumentos de Aristóteles apontam para a importância da amizade para todas as classes sociais (ricos e pobres) e para todas as gerações (jovens, idosos e adultos), sendo um elemento indispensável para uma vida social plena e virtuosa. A amizade é um fator de proteção e segurança, compartilhamento de bens, refúgio e cuidado, mas também de orientação, aprendizagem e estimulação de ações morais, éticas e políticas.

O pensador grego estabelece uma divisão hierárquica de três formas de amizade, a saber: na virtude, no agradável e no interesse. A amizade construída na virtude dos pares é denominada de amizade perfeita, plena e desejável. As amizades fundadas no interesse ou no agradável são imperfeitas, superficiais, parciais e limitadas.

A amizade por interesse é criticada por Aristóteles porque ela visa um fim outro que não é o próprio amigo, mas as vantagens que tais relações amistosas podem trazer na vida social. Essa forma de amizade tem a finalidade de buscar bens financeiros e/ou materiais, passando por prestígios honorários e reconhecimentos sociais. A amizade aqui é fundamentada no proveito que o indivíduo pode extrair do outro: “Os amigos cuja afeição é baseada no interesse não amam um ao outro por si mesmos, e sim por causa de algum proveito que obtêm um dos outros” (ARISTÓTELES, 1999).

O mesmo raciocínio Aristóteles aplica na segunda forma de amizade que ele denomina de imperfeita ou parcial, aquela que é fundamentada no prazer que o outro lhe oferece: “(...) não é pelo caráter que gostamos das pessoas espirituosas, mas porque as achamos agradáveis. Logo, as pessoas que amam as outras por interesse amam por causa do que é bom para si mesmas. (ARISTÓTELES, 1999).”

Conforme Aristóteles (1999), essas amizades facilmente se dissolvem se a utilidade ou o prazer que o outro oferece diminuir ou deixar de existir. São relações

instáveis e dependentes de fins específicos (prazer e utilidade) e não o próprio amigo. Por isso, Aristóteles aponta para uma forma plena e perfeita de amizade, que ele chama de virtuosa e que é a mais desejável nas relações sociais dos concidadãos da comunidade política.

A amizade perfeita é a existência entre as pessoas boas e semelhantes em termos de virtude. Nesse caso, cada uma das pessoas quer bem à outra de maneira idêntica, porque a outra pessoa é boa, e elas são boas em si mesmas. As pessoas que querem bem aos amigos por causa deles são amigas no sentido mais amplo, pois querem bem por causa da própria natureza dos amigos, e não por acidente. A amizade destas pessoas durará enquanto elas forem boas, e ser bom é uma coisa duradoura. Cada uma das pessoas neste caso é boa irrestritamente. Ela é boa em relação ao seu amigo, pois as pessoas boas são boas irrestritamente e são úteis entre si. E por serem assim, estas pessoas são também agradáveis irrestritamente. Elas são reciprocamente agradáveis, já que para cada uma delas suas ações e outras semelhantes às suas são um motivo de prazer, e as ações das pessoas boas são idênticas ou parecidas. Tal amizade é duradoura, já que ela combina em si mesma todas as qualidades que os amigos devem ter (ARISTÓTELES, 1999).

Para Aristóteles, a amizade perfeita é uma raridade, não é algo muito comum na sociedade, mas é duradoura e constituída na benevolência recíproca. Na amizade virtuosa, os amigos amam por si mesmo e nunca pelas vantagens e prazeres que tais relações podem oferecer a um ou ao outro. A *philia* aristotélica reconhece no outro indivíduo um outro eu, ou seja, uma espécie de espelho no qual reconhecemos nossas qualidades morais e éticas no outro. A amizade plena, na concepção aristotélica, pode ser expressa na ideia de uma mesma alma habitando dois corpos, uma expressão da conexão, da identidade e da afinidade que essas relações sociais podem nos oferecer.

A teoria aristotélica sobre a amizade é rica em possibilidades de conexão com o nosso estudo, mas é na possibilidade de múltiplas formas de relações amistosas que iremos nos apegar. Com Aristóteles, temos a possibilidade de apontar para a multiplicidade e diversidade de relações de amizade que podemos encontrar na sociedade contemporânea e, também, nas relações de afinidades e afetividades entre os jovens.

Conforme Bauman (2004), a sociedade líquida apresenta uma fragilidade dos vínculos humanos, onde o sentimento de insegurança, desconfiança e medo geram laços afetivos frouxos e líquidos.

Em nosso mundo de furiosa “individuação”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial (BAUMAN, 2004).

Apesar das fragilidades dos laços humanos na contemporaneidade, o nosso material empírico aponta para a presença dos laços afetivos de amizade no interior da instituição escolar. Daí a importância de se pensar a ideia de amizade a partir de novos parâmetros e referenciais, entendendo a diversidade e a complexidade que esses vínculos apresentam na sociedade atual.

Devemos entender a amizade no plural, amizades, ou seja, múltiplas, diversas e até mesmo contraditórias formas de se relacionar afetivamente, desconstruindo uma visão única, homogênea e imperante sobre esse conceito. Na atualidade líquida, devemos pensar a amizade de maneira fluida e inconstante.

Daí recorreremos a algumas observações de Michel Foucault (2015) sobre essa problemática para compreendermos as relações de amizade na sociedade contemporânea. Para Foucault (2015), a amizade compreende um modo de relacionamento que respeita a alteridade e diverge da concepção de fraternidade, pois ela exclui as singularidades e as diferenças dos sujeitos sociais, eliminando suas possibilidades de relacionamentos.

Não temos uma obra específica de Michel Foucault em que se aborde sistematicamente a questão da amizade. Porém, podemos encontrar algumas indicações sobre o tema em uma entrevista. Publicada no jornal *Gai Pied*, em abril de 1981, e intitulada "*De l'amitié comme modo de vie*" (*Da amizade como modo de vida*), Foucault desenvolve o conceito de homossexualidade e o relaciona com a ideia de amizade e com

a concepção de modo de vida. E esse é o ponto que nos interessa, entender a amizade como modo de vida:

Esta noção de modo de vida me parece importante. Não seria preciso introduzir uma diversificação outra que não aquela devida às classes sociais, diferenças de profissão, de níveis culturais, uma diversificação que seria também uma forma de relação e que seria "o modo de vida"? Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. Acredito que ser gay não seja se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida (FOUCAULT, 2015).

As amizades estabelecidas no interior escolar são modos de vida que expressam a criação de laços identitários, mas também aberturas para o outro, para o diferente com a sua diversidade de gênero, social, religiosa e cultural. É a partilha de experiências, de espaços, de sentimentos, de culturas, de momentos e de outros elementos que identificados nos vídeos coletados no *Youtube*.

Por fim, citando as palavras de Ortega (2000), que busca reabilitar sistematicamente e historicamente o conceito de amizade nos seus estudos: "A amizade representa, hoje em dia, uma possibilidade de utilizar o espaço aberto pela perda dos vínculos orgânicos, de experimentar a multiplicidade: de formas de vida possíveis." São essas formas de vida, de relacionamentos e compartilhamento de experiências que observaremos nos vídeos denominados de amizade.

5. ALUNOS EQUIPADOS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA PÚBLICA EM AUDIOVISUAIS POSTADOS NO *YOUTUBE*: brincar, rir e provocar o riso na carnavalização da escola

Analisando os conteúdos dos materiais empíricos coletados, promovendo a distribuição dos audiovisuais nas seis categorias estabelecidas e definindo as conceituações dessas categorias, percebemos como se destacam os vídeos categorizados de brincadeiras, que trazem nas suas temáticas a ideia de diversão, ironia, deboche, riso, comédia, alegria e demais elementos do processo de carnavalização e de amizade, que tratam das relações afetivas entre jovens no espaço escolar.

Dos quarenta e oito audiovisuais coletados e distribuídos conforme as seis categorias, três são denominados de conflitos, um de denúncias, cinco de eventos, nove de atividades escolares, dez concentrados na categoria amizade e vinte e duas na categoria brincadeiras. Já sinalizamos que alguns desses vídeos têm caráter híbrido e com a abordagem de diversas questões, mas na nossa classificação destacamos o que mais sobressaía nos conteúdos e formatos desses materiais.

Dessa forma, a quantidade elevada de vídeos de brincadeiras e amizade nos encaminhou a priorizar a análise dessas produções, pois essas representações da escola como espaço de diversão, ironias, comédias e relações afetivas apontam para práticas e comportamentos carnavalescos de enfrentamentos das normas e da tradição escolar.

Dos vinte vídeos classificados na categoria brincadeiras, selecionamos dez produções que evidenciam, através da ideia de representações sociais, a concepção de carnavalização, apresentando elementos que demonstram como as características desse processo estão inseridos na vida escolar dos estudantes.

Na exposição das representações sociais da escola, através das temáticas encontradas nos vídeos, adotamos o critério da saturação dos dados. Isso porque o detalhamento de todos os vídeos não implicaria em avanços da pesquisa, pois as temáticas tornaram-se repetitivas, mostrando-se sem relevância a análise detalhada de todos os conteúdos dos vídeos. Sendo assim, destacamos algumas produções que evidenciam as representações sociais da escola como ambiente de brincadeiras, diversão e lazer, exemplificando como essas ideias estão presentes em todo material empírico dessa categoria.

O primeiro audiovisual que analisaremos é intitulado *Matias Neto turma do fundão*²⁷, gravado na sala de aula do Colégio Estadual Matias Neto, com dois minutos e cinco segundos de duração. O vídeo provavelmente foi gravado com a câmera do celular, evidências disso são a baixa qualidade da imagem e do som.

A filmagem inicia com o enquadramento de um estudante em primeiro plano, que dialoga diretamente com a câmera e convida os espectadores a acessarem uma página na internet.

Figura 13. Youtube 10



Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão*.

Em virtude da baixa qualidade do som, não é possível transcrever claramente todas as falas dos estudantes, principalmente na parte inicial do vídeo. Porém, a partir do momento que os estudantes iniciam a sonorização da batida *funk* com a própria voz, temos os jovens solicitando que um colega inicie uma rima. A partir deste ponto, a câmera se desloca para outro estudante que também está atento à brincadeira.

²⁷ O vídeo registra 343 visualizações na página do Youtube. Enviado em 30 de agosto de 2009 com a seguinte descrição: “Esse video e para mostra que a turma do fundão tambem passa !” Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=4DEZbmsq3Aw>

Figura 14. Youtube 11

Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão*.

Uma voz em *off*, provavelmente de quem está filmando, indica um comando para que os colegas cantem um *funk* em sala de aula, durante as atividades escolares retratadas na filmagem, já que é possível perceber no plano de fundo outros estudantes realizando atividades escritas. Inicia-se o som da batida *funk*, conhecida como “tamborzão²⁸”, e o pedido para que os colegas rimem: “rima, rima muleque (sic)”. Apesar do comando para que o colega faça uma rima em cima da batida *funk*, a solicitação não é atendida, o que provoca riso entre os alunos.

A câmera faz movimentos para registrar outros personagens na sala de aula, passeando rapidamente pelo cenário. Eventualmente o foco recai em um dos estudantes que está na sala e, em forma de entrevista em tom jocoso, a voz em *off* pergunta: “Como está o namoro? ”. Aqui é expressa a intenção de zoeira e diversão em sala de aula, mesmo no momento em que outros colegas estão concentrados nas atividades escolares.

A câmera se volta para um estudante que os jovens chamam de “gordo”, apelido fazendo referência ao tipo físico do aluno, e disparam algumas perguntas num tom de brincadeira: “E aí gordo? E Kelly? Qual vão ser suas...”²⁹. Após as indagações, todos riem e parecem entender o tom de divertimento que a situação apresenta.

²⁸ É a batida que, atualmente, caracteriza o *funk* carioca, fundamentada no atabaque e nos efeitos sonoros eletrônicos, que dá ritmo às músicas do movimento.

²⁹ A baixa qualidade do som não nos permitiu o entendimento claro da continuidade da pergunta feita para o estudante “o gordo”. Assim sendo, optamos por não especular sobre as frases inaudíveis e só registrar o que a nossa compreensão permitir.

Figura 15. Youtube 12



Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão*.

A voz em *off*, do jovem que faz o vídeo, reinicia as cantorias em sala de aula, agora um pagode mais romântico: “eu não entendi nada, quando olhei para aquela mina...”³⁰ A música, intitulada *Cabeça dura*, é do cantor de pagode Rodriguinho e reproduzimos parte da letra a seguir: “Eu não entendi nada/ Quando olhei aquela mina/ Eu nem sei qual é o nome/ Vou te contar uma parada/ Ela me deu um papel que estava escrito o telefone/ Acredito que não tenha nada a ver/ Ela é comprometida, ela já tem namorado/ Você tava (sic) lá, você bem pode ver/ Ela tava (sic) com as amigas sem nenhum homem do lado...”³¹ Neste ponto, temos evidências de como a música *funk* e o pagode fazem parte da esfera cultural desses jovens, refletindo os seus gostos, desejos, experiências e práticas culturais que atravessam ou burlam os conteúdos, as competências e as habilidades ensinadas na sala de aula, fazendo-se presentes em muitos momentos da vida escolar dos estudantes.

Após as cantorias do pagode romântico, a câmera se volta para o jovem que fazia as filmagens e, como uma espécie de *selfie*, ele registra a sua imagem e suas falas diretamente, entrevistando e brincando com os demais colegas.

³⁰ Mais uma vez a baixa qualidade da sonorização do vídeo não nos permite a compreensão plena da letra da música cantarolada.

³¹ A letra completa da música pode ser encontrada no site: www.vagalume.com.br/rodriguinho/cabeça-dura.html

Figura 16. Youtube 13

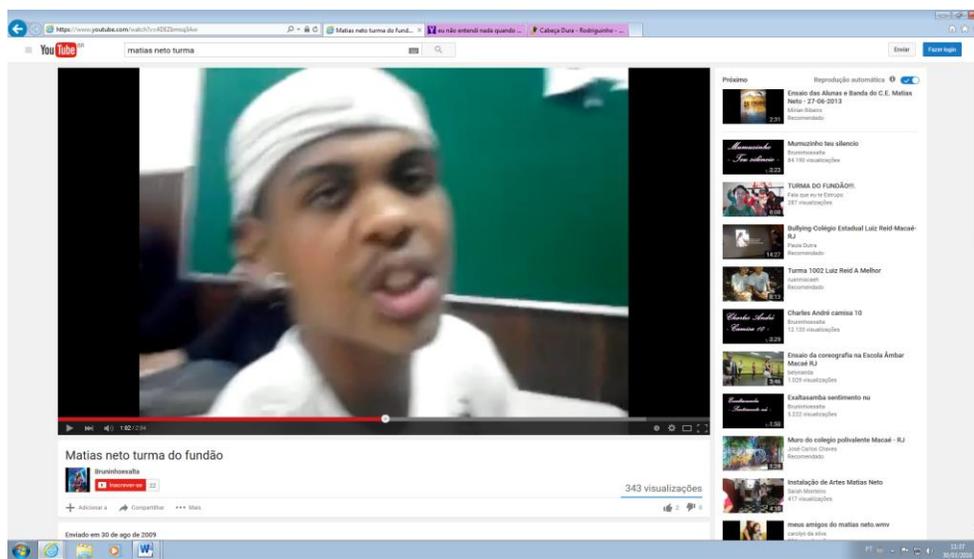


Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão.*

Ele diz: “Hoje, nós vamos estar fazendo uma matéria muito, muito interessante com Freddy Mercury Prateado. Vai Freddy Mercury, fala.” A câmera se volta para o colega da sala, ele inicia uma imitação e tudo acaba em risos.

Figura 17. Youtube 14



Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão.*

O estudante que faz a filmagem, voltando a câmera novamente para si mesmo, insiste na brincadeira de imitação: “Hoje temos aqui também o Romário, e aí Romário? A Pensão?”; “Nós temos também uma entrevista... e chegou aqui o Lula”; “Tudo bem companheiro, estamos aí na luta.”

Figura 18. Youtube 15



Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão.*

O estudante que faz as filmagens vai direcionando as brincadeiras e o que deve ser registrado, até que ele volta a câmera para si mesmo e regi

stra sua imagem e suas falas, interpretando personagens e solicitando que os colegas façam o mesmo. Percebemos que apenas um pequeno grupo da turma se envolve diretamente nas brincadeiras de cantorias, entrevistas e imitações, já que com a circulação da câmera pela sala podemos ver alguns colegas fazendo atividades escolares.

Figura 19. Youtube 16

Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão*.

Porém, os personagens que ganham destaque nos planos principais das filmagens alteram a rotina da sala com suas brincadeiras, músicas, ironias e comédias.

Figura 20. Youtube 17

Foto: Reprodução do Youtube: *Matias Neto turma do fundão*.

A ideia de concentração, silêncio e atenção às tarefas escolares é subvertida pelo desejo de brincar, parodiar, cantar, encenar, rir e provocar o riso do outro. Alguns dos

elementos da carnavalização estão presentes nessa representação dos estudantes, destacando como o universo escolar é suscetível de ações desse tipo, mesmo com a ordem ainda sendo mantida e não completamente violada.

O próximo vídeo, nomeado no *Youtube* de *Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*³², tem duração de dois minutos e trinta segundos. A produção apresenta os estudantes do Colégio Matias Neto, devidamente uniformizados no pátio da escola, dançando sensualmente um *funk* “proibidão”³³, exaltando o erotismo, a sexualidade e a diversão das jovens *funkeiras* da comunidade da Chatuba, no Rio de Janeiro.

Figura 21. Youtube 18



Foto: Reprodução do *Youtube: Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*.

O vídeo não registra o diálogo entre os estudantes, temos apenas o *funk* como trilha sonora das imagens. A letra da música diz: “*Elas não querem saber de compromisso, elas estão à procura de aventura, as tarada (sic) da Chatuba, fazem até amor na rua. Tá tarada, tá tarada, tá tarada, tá tarada, rebola e pisca o olho e faz cara de safada.*” Com uma batida forte e dançante como sonorização temática, própria do *funk*

³² Vídeo com 389 visualizações na página. Enviado em 13 de junho de 2011 com a seguinte descrição: “matheus 7 e thiaguinho bebado dançando no colegio kkkkkkkkkk.” Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=t4ISfQp60R0>

³³ Estilo de *funk* erótico (abordando sexo e sexualidade livremente, rompendo tabus) ou que faz apologia às drogas e à criminalidade, sendo proibida sua divulgação na grande mídia e em espaços públicos.

carioca, a câmera focaliza em primeiro plano os corpos dos jovens dançando sensualmente, divertindo-se com seus gestos e movimentos corporais que encenam posições sexuais.

Figura 22. Youtube 19



Foto: Reprodução do Youtube: *Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*

Alguns dos movimentos corporais da dança no ritmo funk são caracterizados pelo sensualismo, erotismo e imitação de práticas amorosas e sexuais.

Figura 23. Youtube 20



Foto: Reprodução do Youtube: *Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*.

A sexualidade é um elemento fundamental nas letras, ritmo e danças do movimento. É algo recorrente na cultura *funk* carioca, que os estudantes transportam para o interior da escola.

Figura 24. Youtube 21



Foto: Reprodução do Youtube: *Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*.

O processo de carnavalização nas representações sociais da escola presentes nesses audiovisuais se expressa na inserção na escola, de temas e práticas com as quais a instituição escolar preferiria não ter que conviver. Através da música e dança *funk*, os jovens apresentam-se de maneira sensual e erótica, tornando a brincadeira ousada para as práticas e regras comuns do cotidiano escolar.

Figura 25. Youtube 22

Foto: Reprodução do Youtube: *Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*.

Desse modo, explicitam para a instituição como a cultura *funk* carioca e a sexualidade fazem parte da sua vida diária, como cultura da periferia, mas também como artifício de descontração, riso e enfrentamento da rotina escolar de atividades em sala de aula.

Figura 26. Youtube 23

Foto: Reprodução do Youtube: *Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*.

O conteúdo desse vídeo nos permite perceber como a cultura juvenil pode romper a rotina de estudos, funcionando como uma rota de fuga de comportamento e atitudes padronizados.

Figura 27. Youtube 24

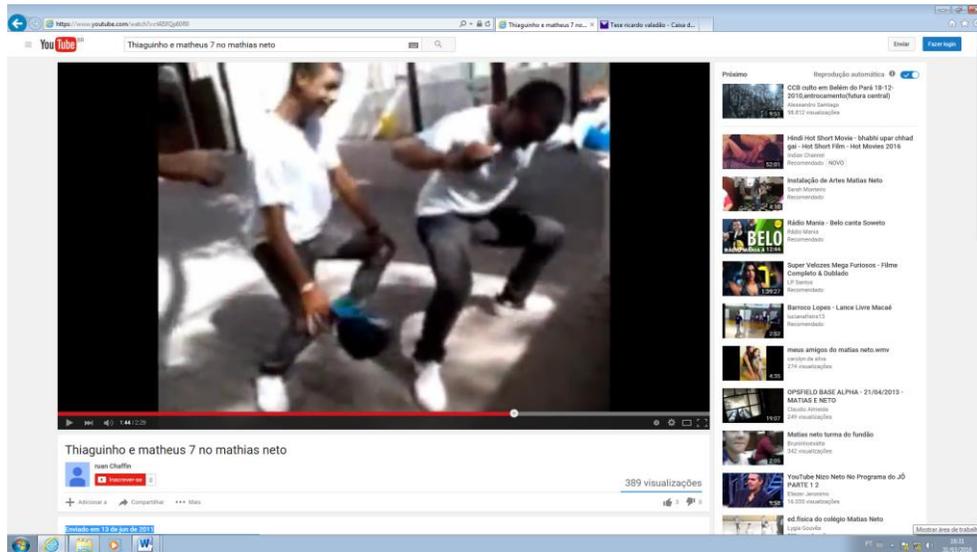


Foto: Reprodução do Youtube: *Thiaguinho e matheus 7 no mathias neto*.

O vídeo *Dançarina do luiz reid*³⁴, também traz elementos da cultura *funk* para o ambiente escolar, promovendo a diversão, a sensualidade e os risos numa sala de aula do Colégio Estadual Luiz Reid. A produção tem dois minutos e dois segundos de duração, apresentando em primeiro plano uma aluna dançando uma música/montagem *funk*; mais uma vez de maneira bastante sensual, mas agora dentro da sala de aula e com alguns colegas presenciando a exibição.

³⁴ Vídeo com 626 visualizações na rede. Enviado em 28 de junho de 2011, com a seguinte descrição: “colega da turma passando uma pequena vergonha kkkkkkk.” Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=tmpZdliGV6M>

Figura 28. Youtube 25



Foto: Reprodução do Youtube: *Dançarina do luiz reid*.

As imagens não foram editadas e nem trabalhadas posteriormente, visto que o vídeo foi postado de forma horizontal no *Youtube*, não nos permitindo ver a imagem verticalizada com a personagem dançando.

Inicialmente, uma voz feminina em *off* vai dando os comandos de movimentos para a personagem chamada de Camile. Em diversos momentos da filmagem a voz diz: “*Camile, dança com cara de safada, Camile*”. Outros comandos são dados pela mesma voz feminina no decorrer da produção: “*Vem pro meu mundo, Camile*”; “*Camile, abre as pernas e vai até o chão*”; “*Joga as pernas e abaixa, normal*”; “*Vai de novo, Camile, joga as pernas e vai até o chão*”; dentre outras orientações para a dançarina. É possível ouvir uma voz masculina também dando comandos à jovem: “*Vai até o chão, caralho...*”³⁵.

Evidentemente, em se tratando de *funk* carioca, a sensualidade se destaca nos movimentos corporais da jovem dançarina. Estes, evidenciam ter como objetivo subverter a lógica de estudos e atividades rotineiras na sala de aula.

Em nenhum momento os docentes ou outros funcionários aparecem nas filmagens, o que sugere que os alunos se aproveitam da ausência da “autoridade” para criar momentos de interação entre eles, nos quais podem realizar atividades fora dos padrões estabelecidos e esperados pela instituição. A subversão das normas e

³⁵ A baixa qualidade do som não nos permite o entendimento claro de toda frase emitida por essa voz masculina, essa voz aparece apenas uma vez na filmagem.

comportamentos socialmente esperados em sala de aula, como a concentração, o estudo e a disciplina, são suplantados pela alegria, sensualidade, brincadeiras, gritos e explicitação dos risos provocados por uma dança com movimentos ousados e sensuais.

Figura 29. Youtube 26

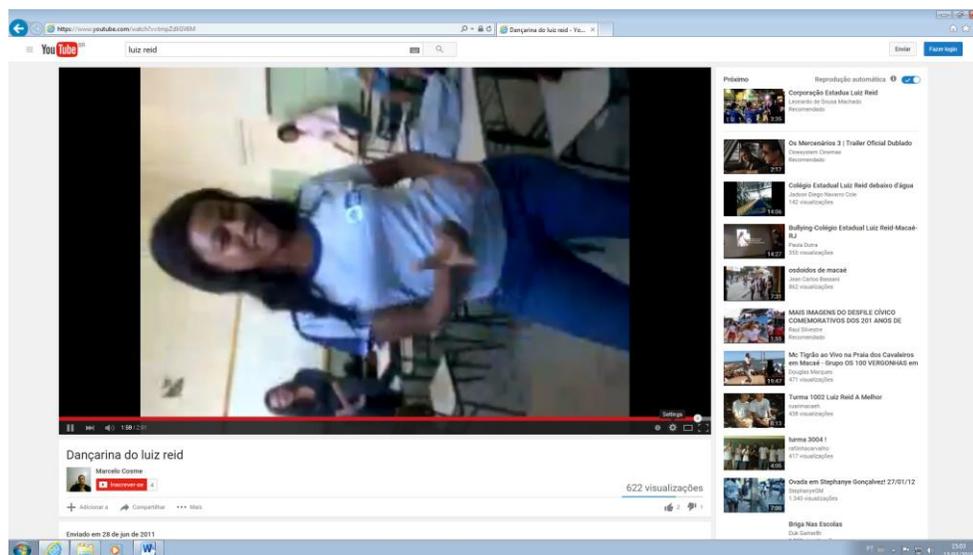


Foto: Reprodução do Youtube: *Dançarina do luz reid*.

A letra da música que repete insistentemente “vem pro meu mundo” parece nos convidar para adentrar nas representações do que os jovens desejam expressar e dar ênfase ao seu universo cultural, criando mecanismos de enfrentamentos contra o silenciamento e a ausência de visibilidade de sua cultura e vontades. Por fim, na parte final do vídeo, a voz feminina em *off* determina os movimentos finais da dançarina, expressando-se da seguinte forma: “Camile, vem fazendo assim. Vem pro meu mundo, olhando pra câmera. Mas com cara de safada, Camile”.

Figura 30. Youtube 27

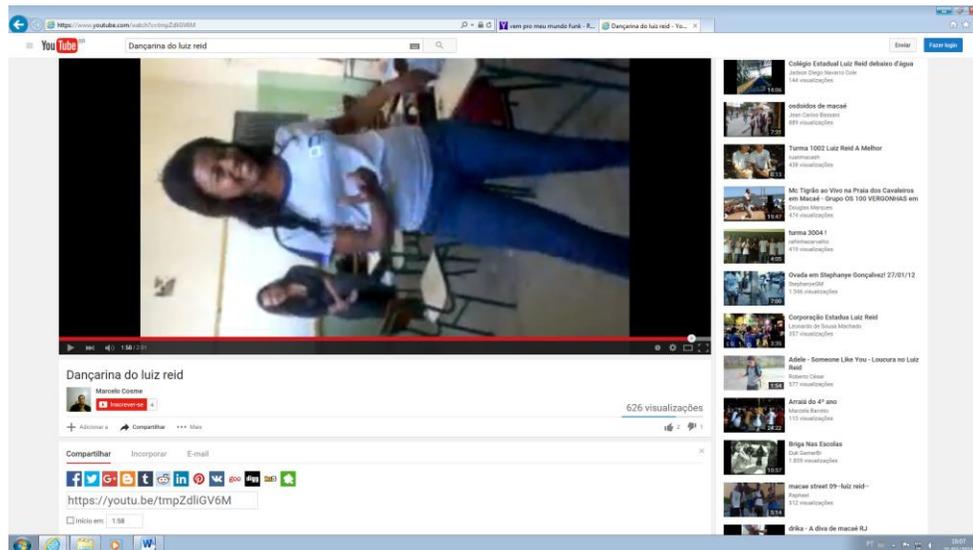


Foto: Reprodução do Youtube: Dançarina do luiz reid.

Por fim, os comandos para a erotização dos movimentos corporais e expressões faciais da dançarina apresentam um conteúdo de sexualidade e desejo, além da ordem normativa de convivência e relacionamentos sociais na sala de aula. Fazer “a cara de safada” expressa um erotismo que carnaliza a sala de aula, subvertendo os ordenamentos da instituição escolar.

A produção que é denominada nas redes sociais de *Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luiz reid turma 801*³⁶, com duração de um minuto e onze segundos, apresenta como o processo de carnavalização do espaço pode ocorrer a partir de brincadeiras que a ordem reguladora da instituição de ensino não permite ou considera inadequadas.

O início do vídeo é confuso, com movimentos irregulares da câmera, pois a pessoa que está filmando parece ainda estar se ajeitando para o processo de gravação.

³⁶ Vídeo com 648 visualizações na rede. Enviado em 16 de junho de 2011 com a seguinte descrição: “Portugal e douglas pulando da escada do predio anexo do luiz reid.....” Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=yMHYfZjcd0>

Figura 31. Youtube 28

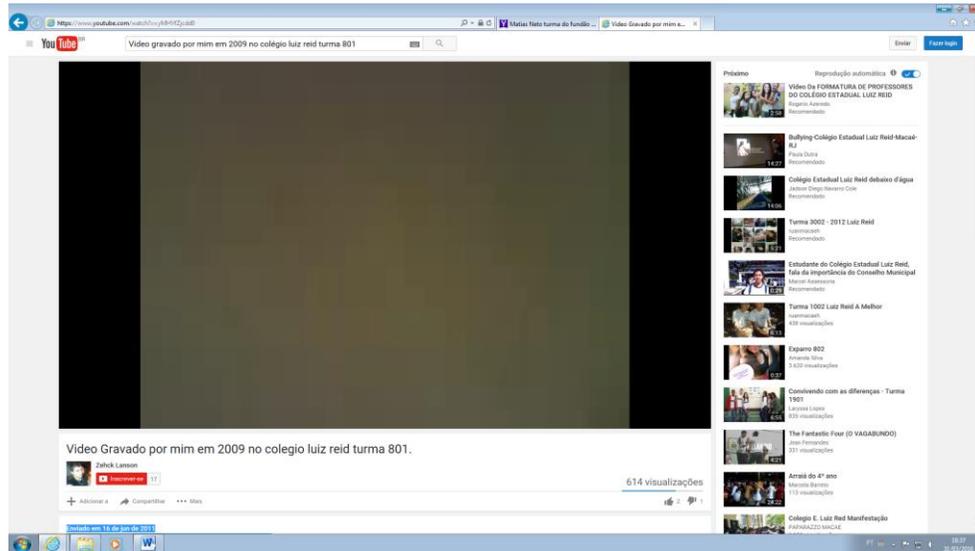


Foto: Reprodução do *Youtube*, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

Em seguida, temos a gravação de um grupo de três alunos do Colégio Estadual Luiz Reid, aparentemente do oitavo ano do ensino fundamental, pois no título da filmagem temos a denominação turma 801, organizando-se para um salto na escada da escola. Uma aluna passa no momento da preparação do grupo para o salto.

Figura 32. Youtube 29

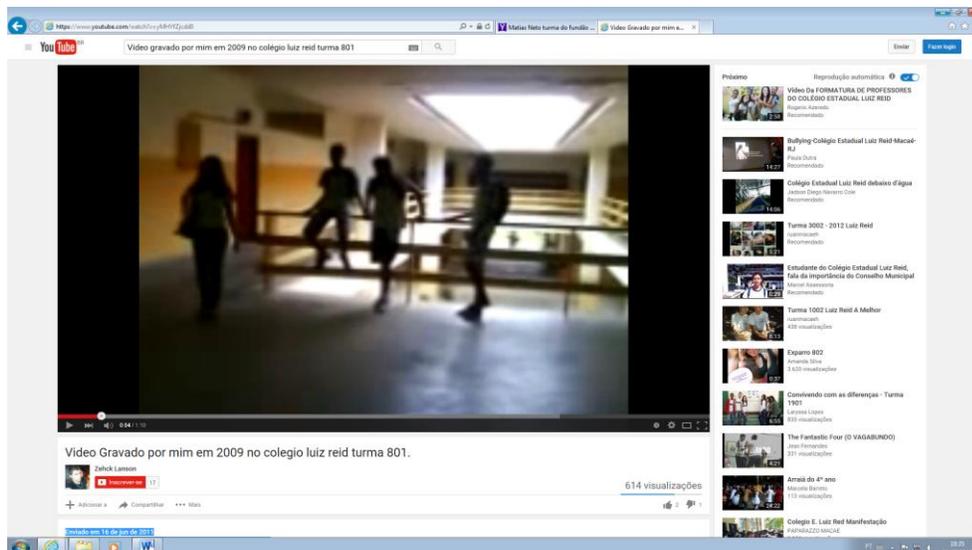


Foto: Reprodução do *Youtube*, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

A pessoa que filma aparece com a voz em *off* dando os comandos para que a brincadeira aconteça. Ela diz: “Tá filmando já tá (sic)”, “pode já”, “vai lá, vai lá”. A câmera registra a saída de algumas alunas da sala de aula e descendo a escada, enquanto isso os meninos que participarão da brincadeira disfarçam seu comportamento para iniciar a diversão na escada.

Figura 33. Youtube 30



Foto: Reprodução do Youtube, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luiz reid turma 801.

Depois da ordem da pessoa que está filmando, com um sinal de positivo com o dedo polegar, os estudantes ameaçam correr em direção à escada, mas mudam de ideia. Preparando-se novamente.

Figura 34. Youtube 31

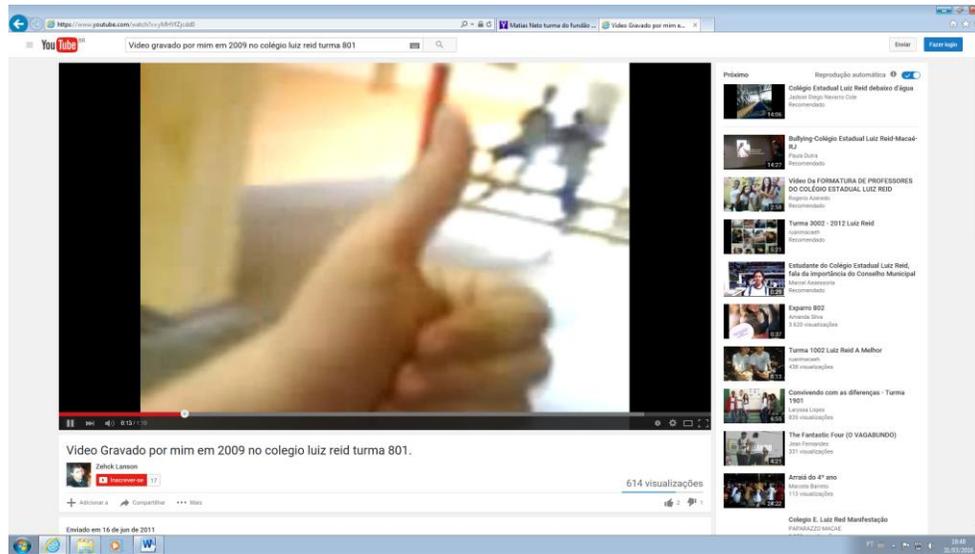


Foto: Reprodução do *Youtube*, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

Depois de refugar uma vez, dois estudantes correm em direção à escada do colégio e dão um salto, gerando muitos risos dos próprios adolescentes. Após o salto, a câmera vai se aproximando dos jovens, mostra o indivíduo que está filmando e faz um *close-up* dos jovens que saltaram deitados no chão.

Figura 35. Youtube 32



Foto: Reprodução do *Youtube*, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

Figura 36. Youtube 33



Foto: Reprodução do Youtube, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

Figura 37. Youtube 34



Foto: Reprodução do Youtube, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

A carnavalização, nesse audiovisual, configura-se em brincadeiras que subvertem as regras de descida ordenada dos estudantes nas escadas e a disciplina nas dependências da escola. Tudo isso em nome da diversão dos envolvidos, motivada pela emoção do salto em um espaço proibido para tais práticas no colégio.

Após o registro do salto, o jovem que estava filmando vira a câmera para si mesmo, fazendo gestos de aprovação para a iniciativa dos colegas.

Figura 38. Youtube 35

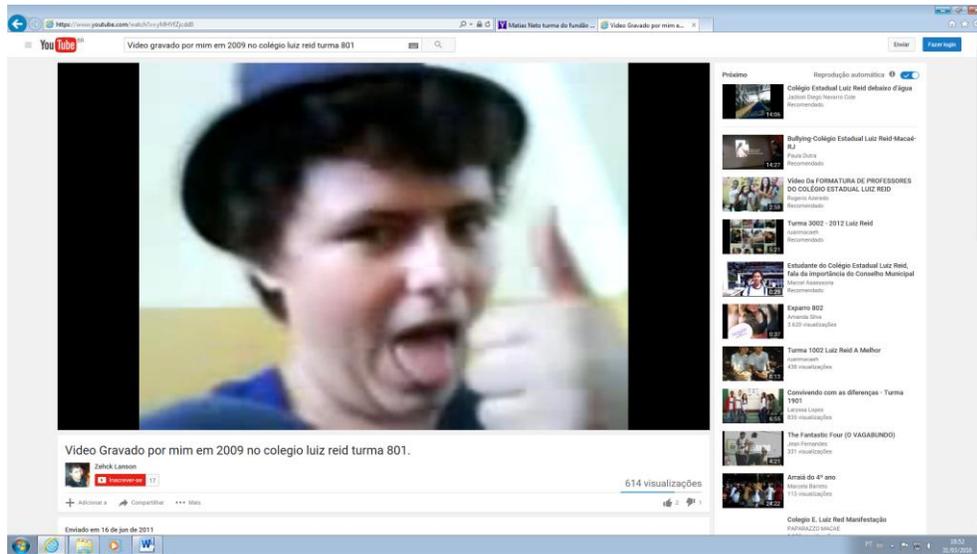


Foto: Reprodução do *Youtube*, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

Os alunos fazem comentários, mas a baixa qualidade do som não nos permite o entendimento pleno do diálogo.

No fim da filmagem, a câmera faz movimentos desordenados, dificultando a visualização clara das ações dos indivíduos. Porém, as risadas são audíveis e os gestos de diversão também.

Figura 39. Youtube 36

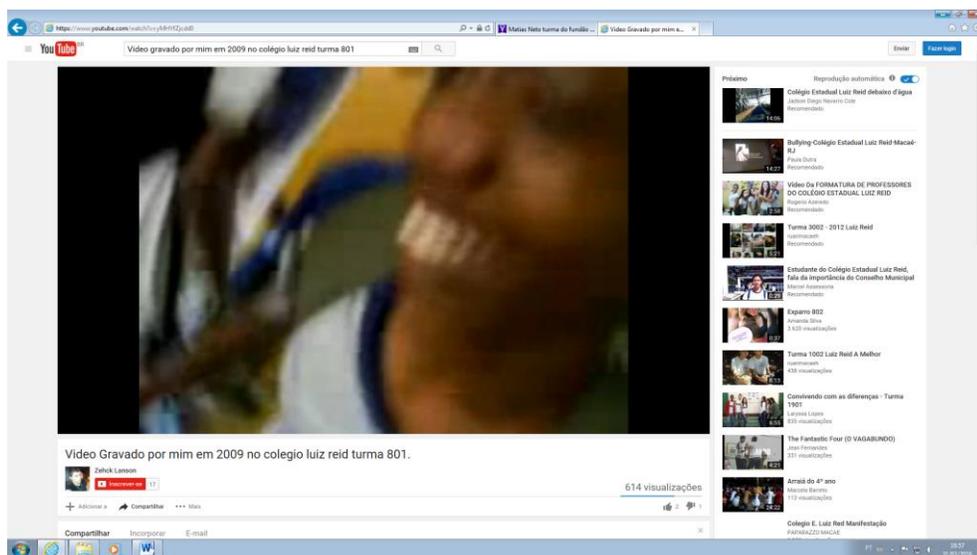


Foto: Reprodução do *Youtube*, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luz reid turma 801.

Por fim, a ideia de rir e provocar o riso também constituem elementos fundamentais nesse vídeo, pois demonstram as ações e táticas utilizadas pelos alunos para se divertirem sem que os docentes, inspetores e diretores percebam suas atividades. Só os estudantes são registrados nas filmagens. É a alegria de saltar em um local proibido, a sensação de emoção e divertimento que motivam esses jovens a se arriscarem ao burlar as regras e normas, passíveis de advertências e até punições previstas no regimento escolar.

O quinto vídeo analisado, intitulado *Bagunça no Luiz Reid*³⁷, com um minuto e trinta e oito segundos de duração, retrata o comportamento de um grupo de alunas no corredor do Colégio Estadual Luiz Reid.

No início, a câmera fica se movimentando registrando o bate papo das alunas na porta da sala de aula e no corredor da escola. Devido à baixa qualidade da imagem e do som das filmagens, temos dificuldade de entender o que está sendo dito pelas estudantes, mas os sorrisos evidenciam o clima de brincadeira e diversão entre elas.

Figura 40. Youtube 37

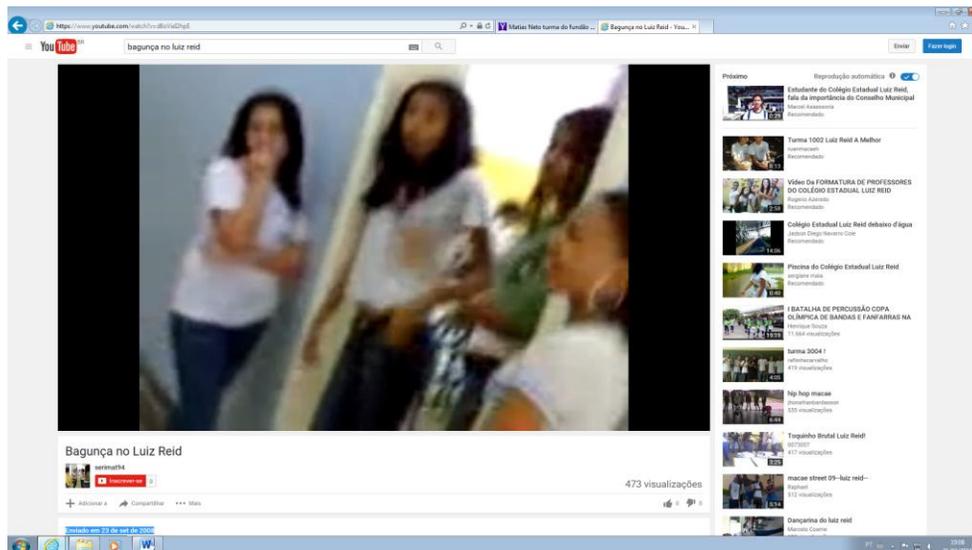


Foto: Reprodução do Youtube, Vídeo gravado por mim em 2009 no colégio luiz reid turma 801.

As meninas dançam e falam alto no corredor, aproveitando o tempo disponível para se descontraírem e se alegrarem.

³⁷ Vídeo com 473 visualizações na rede. Enviado em 23 de setembro de 2008, com a seguinte descrição: “Não custa nada ver...” Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=d8oViel2hpE>

Figura 41. Youtube 38

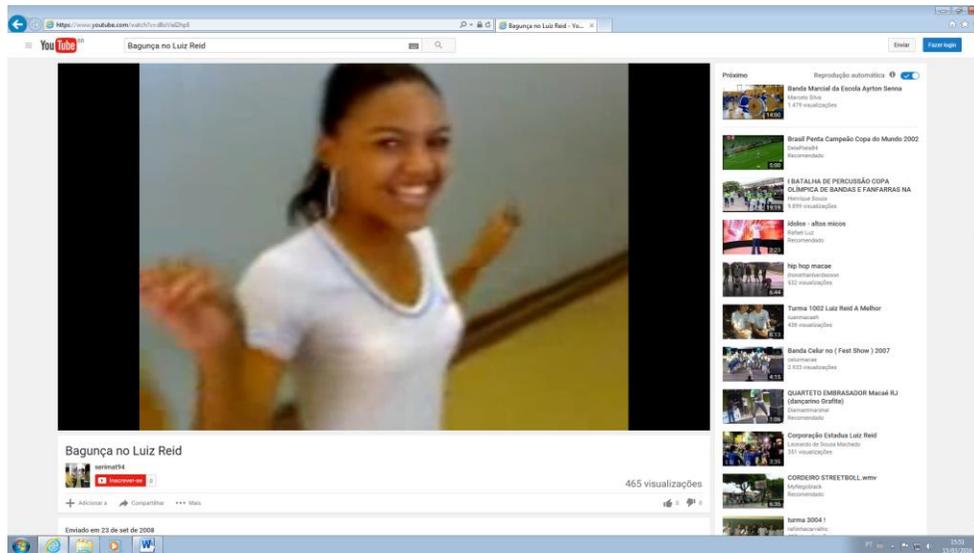


Foto: reprodução do Youtube, *Bagunça no Luiz Reid*.

No audiovisual *Nicole Luiz Reid*³⁸, de vinte e nove segundos, temos o registro da tradicional guerra de bolinhas dentro de uma sala de aula do Colégio Estadual Luiz Reid. No início da filmagem, no primeiro plano, temos uma aluna, provavelmente a Nicole que está no título da produção, jogando bolinhas nos colegas.

³⁸ Vídeo com 4.221 visualizações na rede. Enviado em 6 de fevereiro de 2007, com a seguinte descrição: "Nicole fazendo bagunça na escola. Mostrando pq toma remedio tarja preta." Cf. https://www.youtube.com/watch?v=ynSuepH_jKA

Figura 42. Youtube 39



Foto: Reprodução do Youtube, Nicole Luiz Reid.

A câmera se direciona para outros colegas da turma, que estão no fundo da sala, mostrando também esses colegas jogando bolinhas uns nos outros.

Figura 43. Youtube 40



Foto: Reprodução do Youtube, Nicole Luiz Reid.

Durante esses deslocamentos da câmera, para registrar os indivíduos que estão na brincadeira de jogar bolinhas uns nos outros, a menina que ganha destaque nas filmagens dá um grito, comemorando o fato de ter acertado uma bolinha no colega. Podemos ouvir as risadas dos colegas, mostrando como esse momento lúdico provoca o riso e a alegria dos jovens envolvidos nessa situação.

Figura 44. Youtube 41



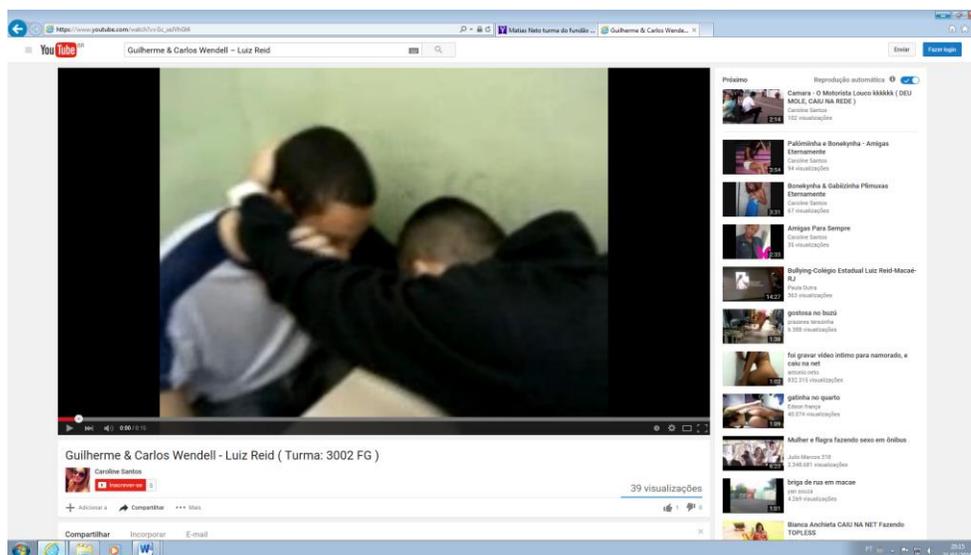
Foto: Reprodução do Youtube, Nicole Luiz Reid.

A “guerra de bolinhas”, na sala de aula, mesmo durante uma tarefa escolar, já que é possível perceber que alguns fazem algumas atividades escritas, é um momento de subverter a ideia de concentração e seriedade nos trabalhos escolares, invertendo a dinâmica e deixando surgir a agitação, a brincadeira e o lazer que a carnavalização promove. Vale destacar que essa filmagem não registra a presença de um docente ou outro funcionário da escola.

O vídeo *Guilherme & Carlos Wendell – Luiz Reid (Turma: 3002 FG)*³⁹, de apenas quinze segundos, mostra dois discentes no plano principal brincando e cantando na sala de aula do Colégio Estadual Luiz Reid, interagindo diretamente com a câmera.

³⁹ Vídeo com 39 visualizações na rede. Publicado em 14 de dezembro de 2012, com a seguinte descrição: “kkkkkkkk essa turma vai deixar saudades !!” Cf. https://www.youtube.com/watch?v=Gc_xeJVhGt4

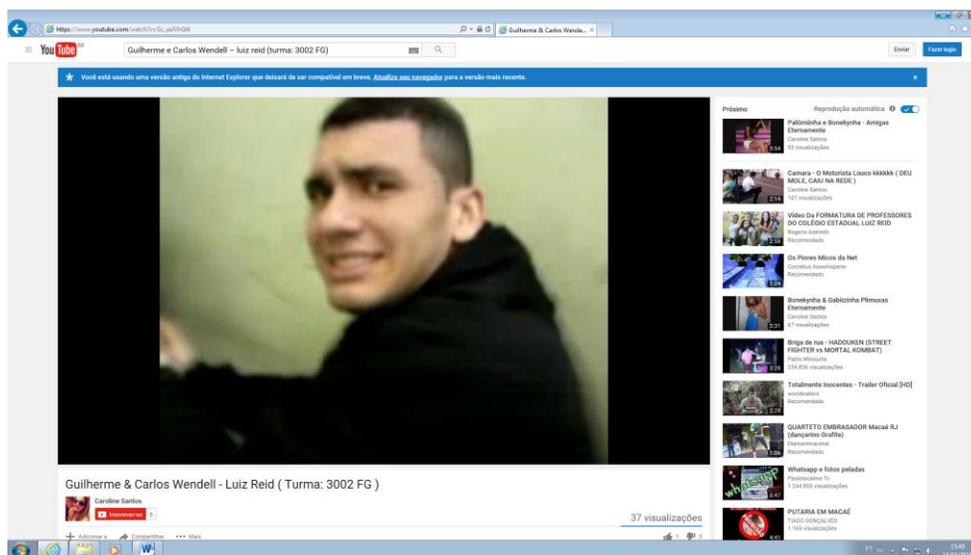
Figura 45. Youtube 42

Foto: reprodução do Youtube, *Guilherme e Carlos Wendell – luiz reid (turma: 3002 FG)*

Apesar de ser uma produção audiovisual com um tempo curto, podemos mais uma vez destacar como a brincadeira, a ironia, o deboche e o riso fazem parte de momentos importantes na vida escolar dos estudantes.

Um estudante segura a cabeça do outro, o jovem filmado em primeiro plano canta uma música que não foi possível de ser identificada. Em seguida, ele olha diretamente para a câmera e a tampa com as mãos, não permitindo mais o registro.

Figura 46. Youtube 43

Foto: reprodução do Youtube, *Guilherme e Carlos Wendell – luiz reid (turma: 3002 FG)*

As imagens só voltam nos segundos finais do vídeo, apenas registrando parte das pernas de um dos estudantes.

Figura 47. Youtube 44

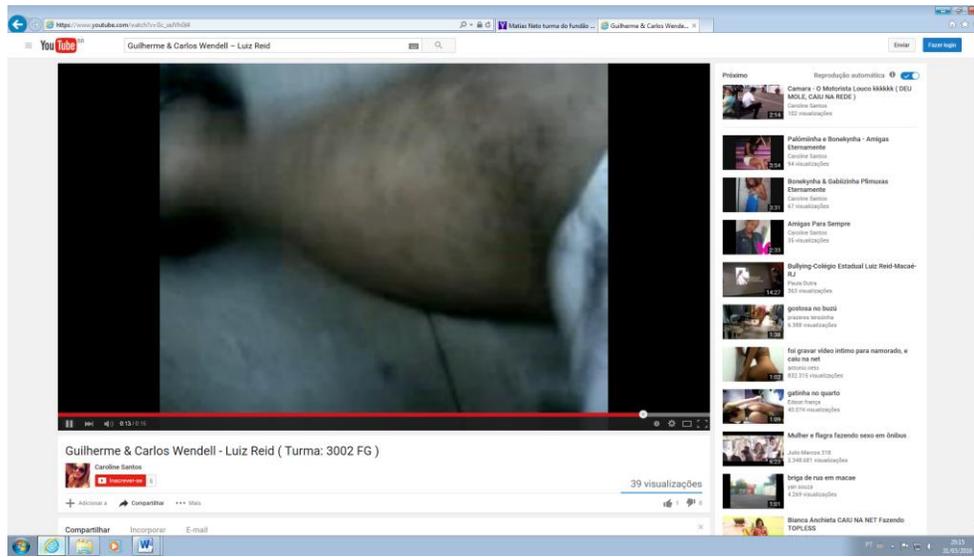


Foto: reprodução do Youtube, *Guilherme e Carlos Wendell – luiz reid (turma: 3002 FG)*

O vídeo nomeado *luiz reid 902 parte 1⁴⁰*, com três minutos e vinte e cinco segundos, apresenta vários estudantes do Colégio Estadual Luiz Reid jogando bola dentro da sala de aula, divertindo-se, mas provocando uma desordem no espaço que não comporta tais práticas esportivas e lúdicas.

⁴⁰ Vídeo com 16 visualizações na rede. Enviado em 2 de outubro de 2010. Cf. <https://www.youtu.be/lzqt1hqczeu>

Figura 48. Youtube 45



Foto: Reprodução do Youtube, luiz reid 902 parte 1

Os alunos são provavelmente do nono ano do ensino fundamental, pois no título temos a referência à turma 902, que tradicionalmente é a numeração utilizada nas escolas estaduais da cidade para denominar as turmas de cada ano escolar.

Nas filmagens podemos perceber que não há a presença de docentes ou funcionários da escola, só os jovens brincam livremente no espaço por um bom período. A câmera registra, com movimentos frenéticos e confusos, a brincadeira de futebol dos alunos na sala de aula, tentando acompanhar a circulação da bola pelo espaço.

Figura 49. Youtube 46

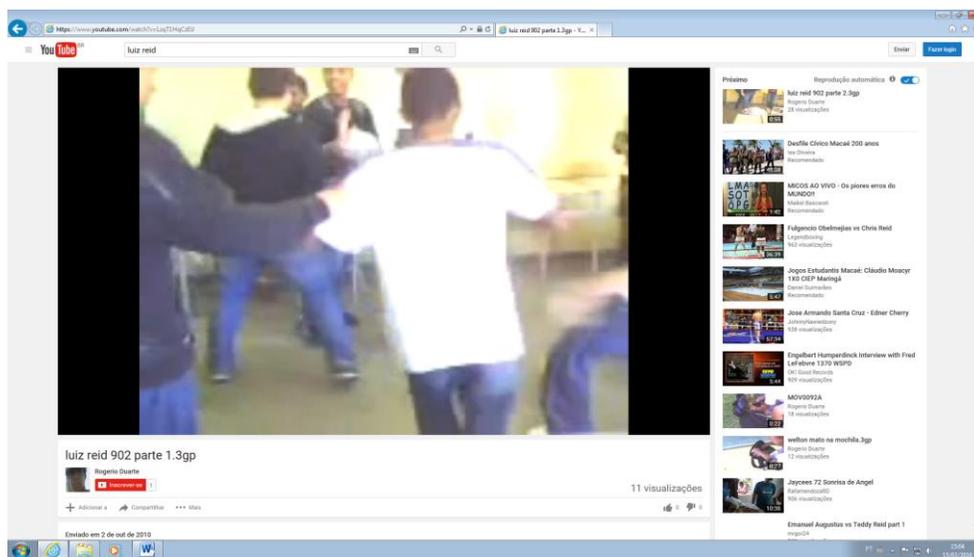


Foto: Reprodução do Youtube, luiz reid 902 parte 1

Nem todos os indivíduos que aparecem nas filmagens estão participando diretamente da brincadeira, algumas meninas e meninos só observam, sentados, a brincadeira agitada dos colegas.

Figura 50. Youtube 47

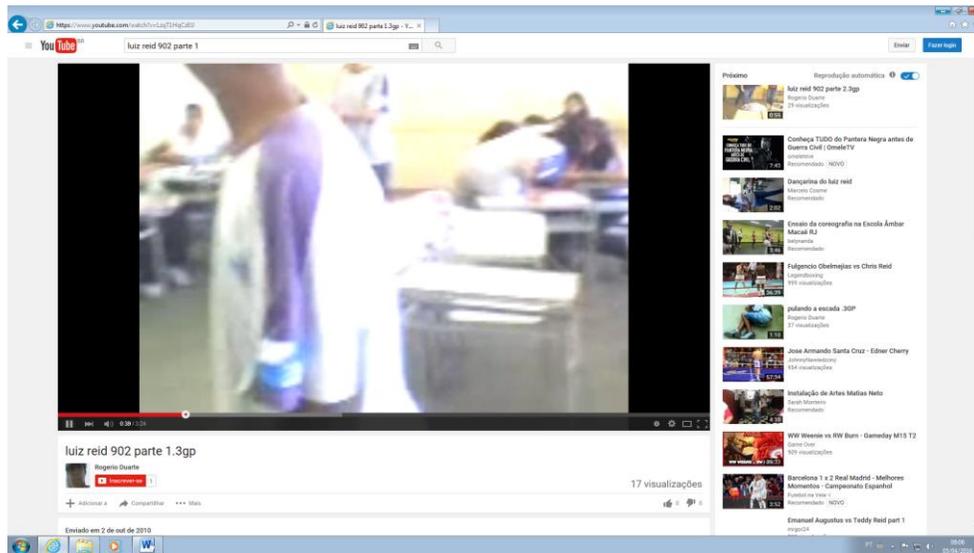


Foto: Reprodução do Youtube, luz reid 902 parte 1

A diversão, com o jogo dentro da sala de aula, também modifica a função da sala de aula como lugar de concentração nos estudos, gerando um momento de diversão subversiva da tradição escolar, de êxtase, de alegria e emotividade, com práticas que desafiam as normas internas e os costumes da instituição escolar.

Figura 51. Youtube 48



Foto: Reprodução do Youtube, luiz reid 902 parte 1

Assim, nesse vídeo, os jovens exercem o seu poder de representar o espaço escolar como lúdico, a ponto de romper barreiras disciplinares impostas pela escola. De modo que, com ações que fogem à rotina escolar, promovem o riso e o desafio às normas sociais, carnavalizando e divulgando nas redes sociais suas imagens e discursos, rompendo a barreira da falta de visibilidade dessas práticas e o silêncio de suas vozes.

Figura 52. Youtube 49

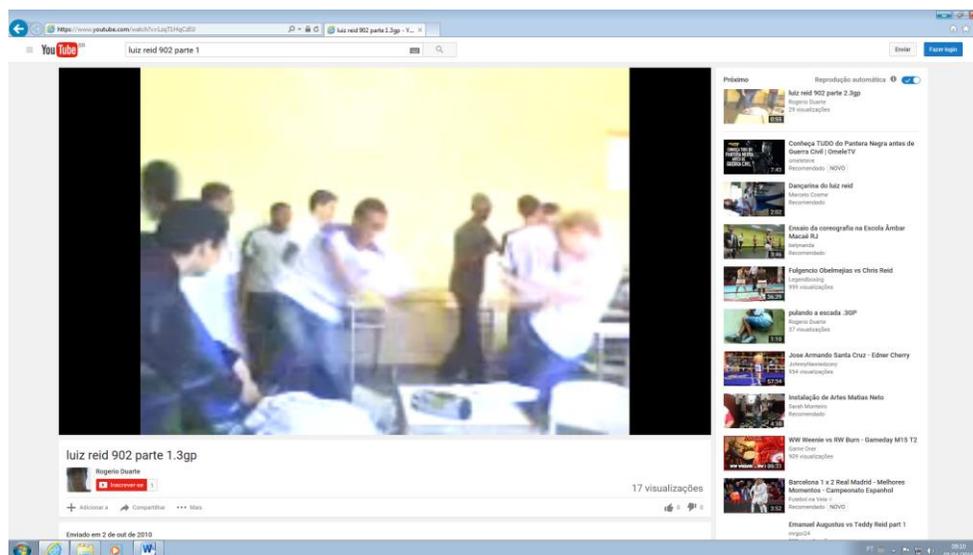


Foto: Reprodução do Youtube, luiz reid 902 parte

O penúltimo vídeo que destacamos é intitulado *Turma CN 1001 (Luiz Reid) – Fazendo AHH MULEKE*⁴¹, de apenas quinze segundos de duração. O audiovisual é editado e começa com a apresentação do título do filme.

Figura 53. Youtube 50



Foto: Reprodução do Youtube, *luiz reid 902 parte 1*

Em seguida, um grupo de estudantes do Colégio Estadual Luiz Reid começa a cantar e dançar na frente da escola, certamente uma ação ensaiada devido à sincronia das estudantes. Neste vídeo destacamos a encenação dessas estudantes do ensino médio, provavelmente do primeiro ano, ideia que pode ser extraída do título do vídeo que mostra a numeração da turma, 1001. As alunas são registradas na entrada da escola, num plano aberto da câmera que registra o movimento das meninas de um lado para o outro e cantando “*ahh muleke, ahh muleke, ahh muleke*”.

⁴¹ Vídeo com 157 visualizações na rede. Publicado em 30 de setembro de 2010, com a seguinte descrição: “especialmente para o Pânico na TV. HAHA” Cf. <http://www.youtu.be/gmjwqmhkuo>

Figura 54. Youtube 51



Foto: Reprodução do Youtube, Turma CN 1001 (Luiz Reid) – Fazendo AHH MULEKE.

O conteúdo do vídeo nos mostra a alegria das estudantes na brincadeira registrada no vídeo, a ideia é rir e fazer rir com essa atividade na entrada do colégio. A porta principal da escola, espaço pelo qual se regula a entrada e a saída dos membros da comunidade escolar tem sua função, temporariamente, afetada por essa ação, na qual a brincadeira prevalece sobre a organização escolar.

Por fim, o último audiovisual que destacamos recebe o título de *Harlem shake – MATIAS NETO*⁴², com o tempo de filmagem de trinta e seis segundos. A produção é editada e apresenta no seu início um aluno, com fone de ouvido, dançando e outros colegas sentados nas cadeiras do refeitório do Colégio Estadual Matias Neto.

⁴² Vídeo com 457 visualizações na rede. Publicado em 13 de março de 2013, com a seguinte descrição: “quando não se tem o que fazer, agente (sic!) improvisa!” Cf. <http://www.youtu.be/rjdxotqnpmm>

Figura 55. Youtube 52

Foto: Reprodução do Youtube, *Harlem shake – MATIAS NETO*.

Abruptamente temos um corte na filmagem e aparecem vários estudantes dançando no refeitório da escola, subindo em cadeiras e mesas. As imagens, mais uma vez, não registram a presença de docentes, gestores ou outros funcionários, apenas alunos subvertendo a lógica e as normas de um espaço destinado a outro tipo de atividade.

Figura 56. Youtube 53

Foto: Reprodução do Youtube, *Harlem shake – MATIAS NETO*.

A ironia e o deboche, através da dança e da música eletrônica, evidenciam como os jovens encontram estratégias de fuga da ordem estabelecida na instituição escolar, promovendo ações carnavalescas que alteram o *status quo* momentâneo do colégio, abrindo uma breve brecha para uma alegria subversiva se manifestar e ser registrada em imagens para divulgação pública.

Figura 57. Youtube 54



Foto: Reprodução do Youtube, Harlem shake – MATIAS NETO.

Os audiovisuais que fazem parte desse *corpus* da categoria brincadeiras nos trazem muitas reflexões para além das práticas cotidianas, rotineiras e senso comum dos estudantes na escola. Isso porque, nas ações aparentemente simples e comuns, nas danças e nos jogos em diversos espaços do colégio, podemos perceber a carnavalização do universo escolar. Estas talvez sejam práticas comuns entre estudantes, no entanto, adquirem visibilidade quando são registradas e postadas nas redes sociais para que muitos tenham acesso. O desejo de discursar, visibilizar, rir e fazer rir parece atravessar essas representações da escola.

5.1. Amizade como modo de vida: representações da amizade escolar nos audiovisuais postados no Youtube

A segunda categoria com a maior quantidade de audiovisuais na nossa pesquisa é amizade. A maior parte desse material empírico está em formato de clipe, com sessões de fotos, imagens, textos e música de fundo. Apenas dois audiovisuais dessa categoria estão fora desse formato, registrando as relações afetivas de amizade de forma contínua e sem montagens. Dessa forma, selecionamos dois vídeos para analisar o seu conteúdo de maneira mais específica e detalhada.

O primeiro audiovisual selecionado é intitulado *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID*⁴³. E a sua abertura começa com uma contagem regressiva.

Figura 58. Youtube 55



Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID*.

Após a contagem, aparece um texto: “Nós somos assim...”, iniciando-se uma música que será parte da trilha sonora do audiovisual.

⁴³ Enviado em 3 de janeiro de 2012 para o Youtube, com 367 visualizações. Cf. https://www.youtube.com/watch?v=EwYrvz_5IKI

Figura 59. Youtube 56

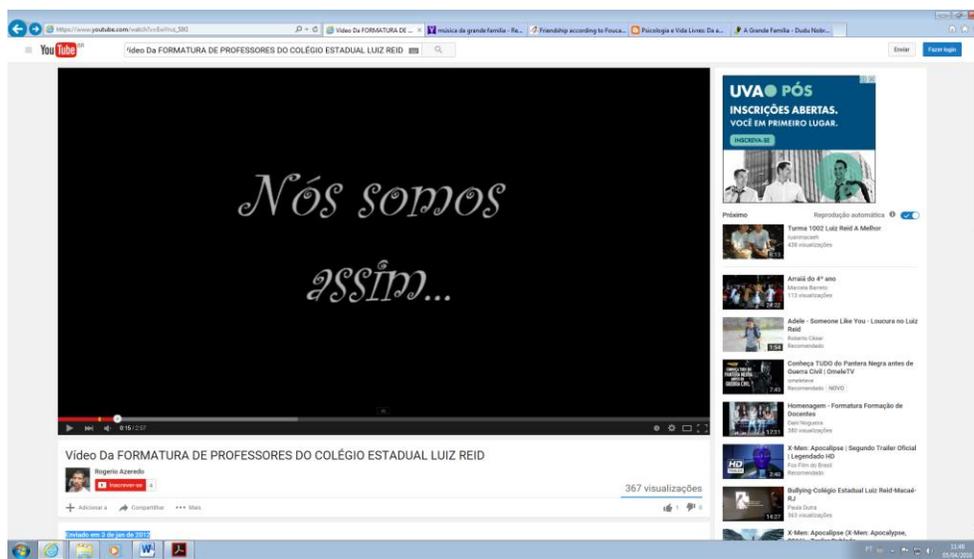


Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID.*

A música é *A grande família*, do pagodeiro Dudu Nobre:

Esta família é muito unida, e também muito ouriçada,
 Brigam por qualquer razão, mas acabam pedindo perdão.
 Pirraça pai, pirraça mãe, pirraça filha
 Eu também sou da família, também quero pirraçar,
 Catuca pai, catuca mãe, catuca filha,
 Eu também sou da família, também quero catucar.
 Catuca pai, mãe, filha, eu também sou da família também quero catucar.

A escolha dessa música para trilha sonora do clipe acentua a força estruturante dos laços de amizade dos estudantes que se formaram no ano de 2011, expressa na representação de família que pode ser percebida na letra da canção.

Figura 60. Youtube 57



Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID.*

Figura 61. Youtube 58

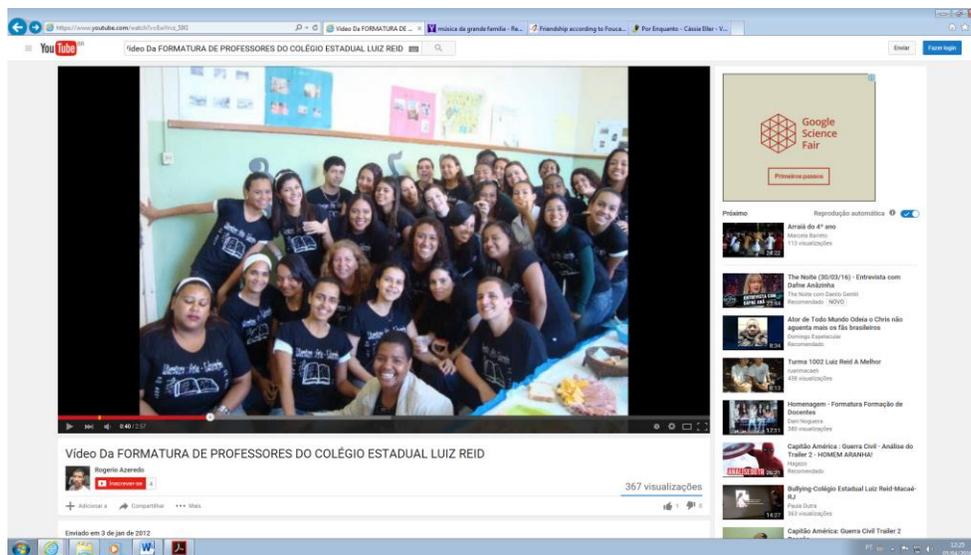


Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID.*

No decorrer das imagens, muda-se a trilha sonora do clipe, entrando a música, de Renato Russo, interpretada por Cássia Eller, *Por enquanto*.

Mudaram as estações
nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente

Se lembra quando a gente
chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
sem saber
que o pra sempre
sempre acaba

Mas nada vai conseguir mudar
o que ficou
Quando penso em alguém
só penso em você
E aí, então, estamos bem

Mesmo com tantos motivos
pra deixar tudo como está
Nem desistir, nem tentar,
agora tanto faz...
Estamos indo de volta pra casa

Mesmo com tantos motivos
pra deixar tudo como está
Nem desistir, nem tentar,
agora tanto faz...
Estamos indo de volta pra casa

Mudaram as estações,
nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim, tão diferente

Se lembra quando a gente
chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
sem saber
que o pra sempre
sempre acaba

Mas nada vai conseguir mudar
o que ficou
Quando eu penso em alguém
só penso em você
E aí, então, estamos bem

Mesmo com tantos motivos
pra deixar tudo como está
Nem desistir, nem tentar,
agora tanto faz...
estamos indo de volta pra casa.

Figura 62. Youtube 59



Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID.*

Figura 63. Youtube 60

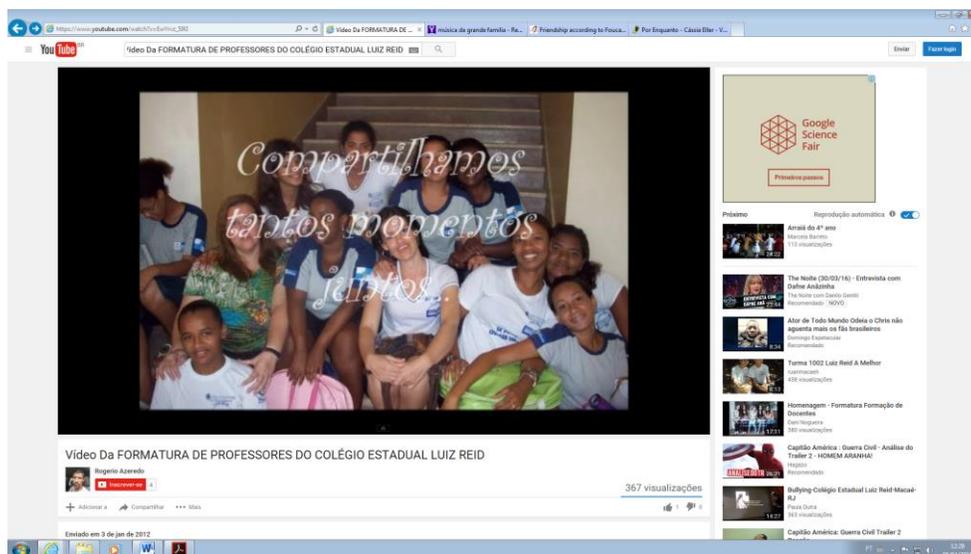


Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID.*

O vídeo destaca os momentos e experiências compartilhadas durante a formação desses estudantes, ressaltando as amizades construídas no interior escolar. Uma série de

textos expressa a alegria e a afetividade entre os estudantes e com os demais sujeitos da comunidade escolar.

Figura 64. Youtube 61

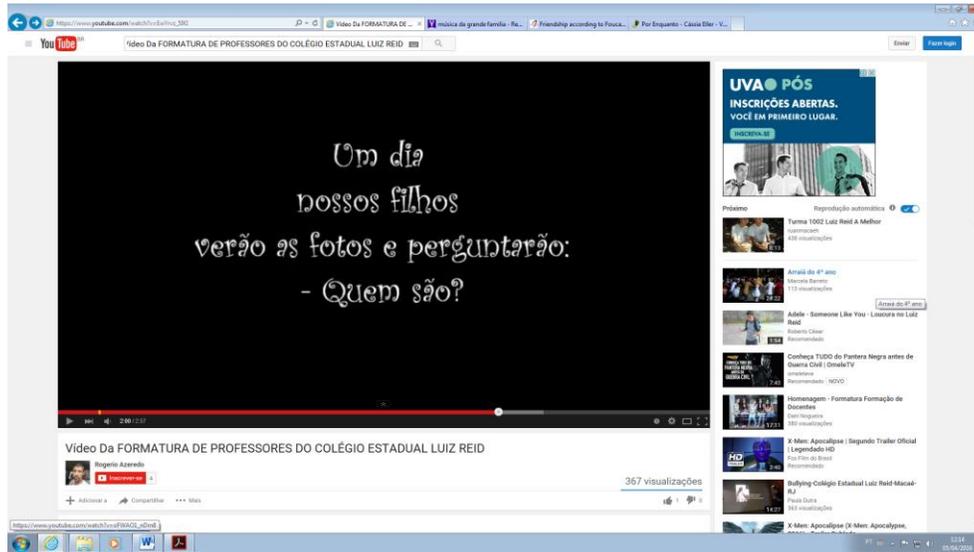


Foto: Reprodução do Youtube, Vídeo Da *FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID*.

Figura 65. Youtube 62

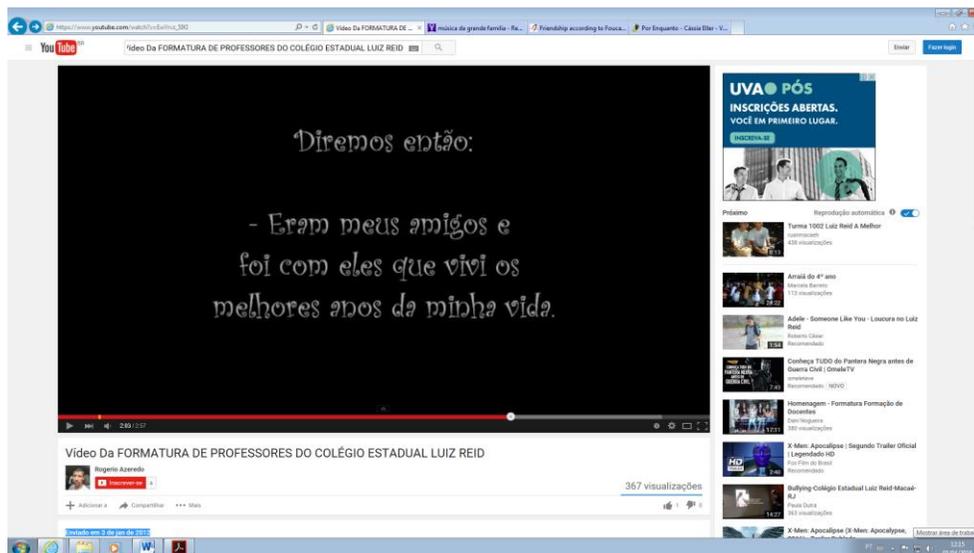


Foto: Reprodução do Youtube, Vídeo Da *FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID*.

Figura 66. Youtube 63

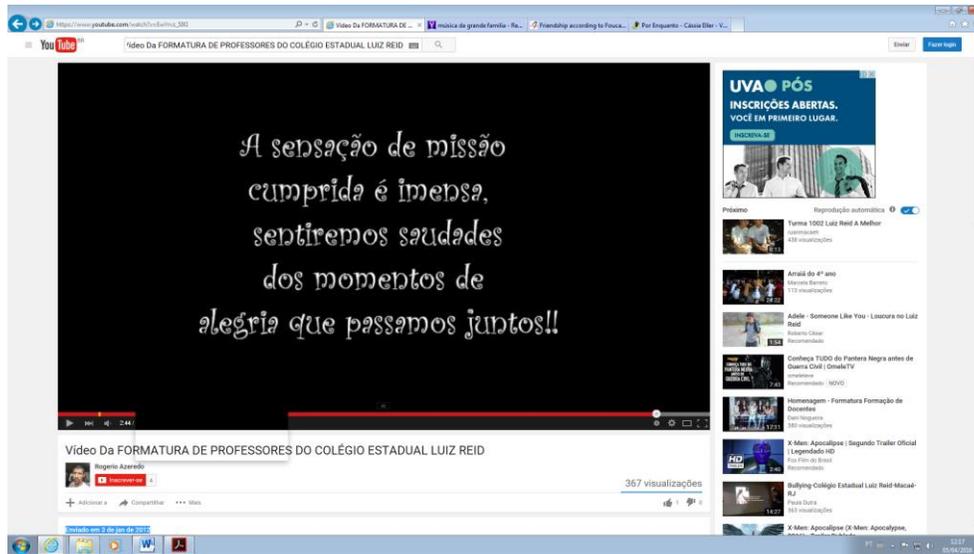


Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID.*

Enfim, a amizade como modo de vida, conforme Foucault (2015), partilha experiências e momentos que permitem a construção da identidade, da diversidade e da coletividade.

Figura 67. Youtube 64



Foto: Reprodução do Youtube, *Vídeo Da FORMATURA DE PROFESSORES DO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ REID.*

O segundo vídeo, denominado *os malucos e a piramide do luiz reid em macaé*⁴⁴, apresenta um grupo de jovens tentando retirar uma bola presa na estrutura da cobertura da quadra do Colégio Estadual Luiz Reid. Nas imagens iniciais, um jovem mostra como os colegas tentam resgatar a bola:

Figura 68. Youtube 65



Foto: Reprodução do *Youtube*, *os malucos e a piramide do luiz reid em macaé*.

A câmera se movimenta em direção aos jovens que sobem uns nos outros, tentando construir uma pirâmide humana.

⁴⁴ Enviado em 3 de abril de 2011, com a seguinte descrição “meninos tentam fazer uma piramide so por causa de uma bola”. Vídeo com 315 visualizações. Cf. <https://youtu.be/JVDNW4-8qIQ>

Figura 69. Youtube 66



Foto: Reprodução do Youtube, *os malucos e a piramide do luiz reid em macaé*.

A qualidade das imagens e do som é muito baixa, não permitindo o entendimento das falas dos jovens. Porém, podemos perceber que os vínculos sociais e os laços afetivos, nesse contexto, permitem o entrosamento dos corpos e mentes para superar a situação crítica que se apresentava. É a amizade construída no interior escolar que permite ações coletivas em prol do todo.

Figura 70. Youtube 67

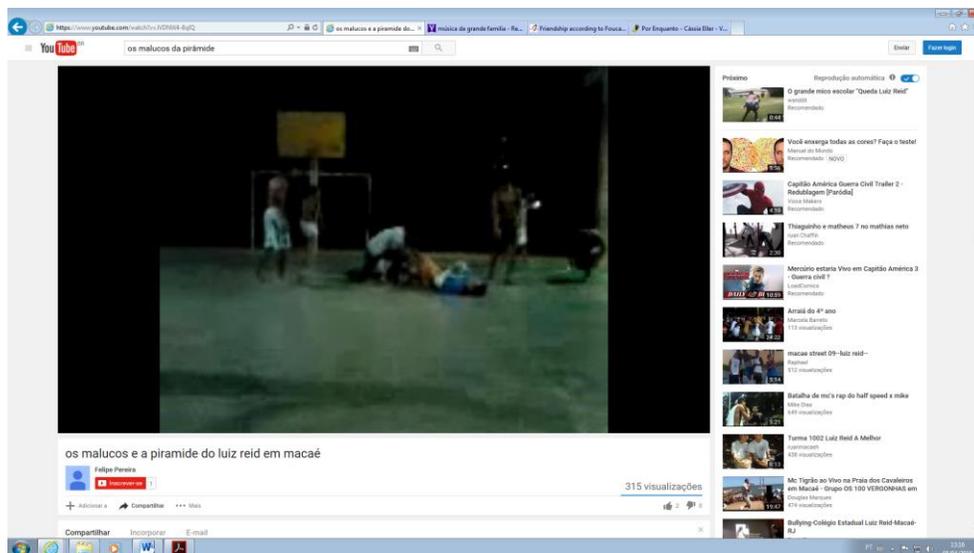


Foto: Reprodução do Youtube, *os malucos e a piramide do luiz reid em macaé*.

Por fim, encontramos no conteúdo dos vídeos classificados dentro da categoria amizade representações da forma de vida e compartilhamento de experiências dentro do universo escolar. Momentos e situações de laços afetivos que são filmados, representados, compartilhados e divulgados pelas redes sociais, evidenciando como a relação amistosa com o outro, com a coletividade escolar, é um elemento fundamental no modo de vida dentro dos colégios selecionados pela pesquisa.

6. Considerações Finais

O caminho percorrido pela pesquisa para compreender as representações sociais das escolas públicas nos audiovisuais, que coletamos no *Youtube*, abre mais possibilidades de investigações e gera novas questões do que propriamente uma conclusão ou uma finalização definitiva dessa temática social. O nosso interesse nessas considerações finais se configura em promover observações sobre os resultados da pesquisa, mas também em apontar novos direcionamentos, diferentes perspectivas e outras indagações.

Sabemos que a seleção de outras escolas públicas, ou até mesmo privadas, poderiam nos levar a outros resultados na pesquisa, pois cada comunidade escolar e seus sujeitos têm os seus próprios interesses e desejos sociais, políticos, ideológicos e culturais, gerando outras e diferenciadas representações. Dessa forma, as ideias, as visões de mundo e as representações do contexto social vivido pelos sujeitos criadores dos audiovisuais pode variar de comunidade para comunidade. Daí a necessidade de um recorte na pesquisa e de escolhas conceituais e metodológicas.

Nossa pesquisa ficou atenta a essas particularidades, pois esse trabalho em nenhum momento teve a pretensão à universalidade, à objetividade e à neutralidade, elementos que não se adequam ao estudo que prioriza o seu recorte social, investigativo, teórico e metodológico. Nessa perspectiva, analisando o conteúdo do material empírico disponibilizado na internet, adotando referenciais teóricos e metodológicos bem definidos, nossa investigação buscou na compreensão e nas reflexões sociológicas e filosóficas subsídios para alcançar os resultados expostos. Priorizamos o rigor metodológico, a clareza conceitual e a delimitação temática como aportes investigativos para compreensão das complexidades do nosso objeto de estudo.

Com a quantidade de audiovisuais coletados e analisados, mesmo com os filtros de seleção excluindo muitas produções, visto que só coletamos os materiais que faziam referência no seu título ao nome das duas escolas públicas de Macaé, chegamos à conclusão que os estudantes são criadores constantes e em número elevado de representações audiovisuais da escola. Os alunos geram um farto material simbólico

sobre diversos aspectos da unidade escolar: a estrutura física, a organização ou desorganização, a disciplina ou a ausência dela, os acontecimentos, os eventos, os relacionamentos de saber e de poder, as atividades escolares ou culturais, os conflitos, enfim, tudo que pulsa de maneira vivaz dentro do colégio.

Foram coletados quarenta e oito audiovisuais que retrataram com diferentes formatos, ângulos, conteúdos, olhares, linguagens, cenas e sujeitos, o que os discentes pensam e veem da escola. A heterogeneidade e a complexidade dos vídeos, nas suas formatações e temáticas, dificultam uma análise em bloco ou unitária dos conteúdos do material, mas abre um viés para o entendimento da pluralidade e diversidade de representações sociais da escola, minando qualquer visão homogênea, única e consolidada do que a escola é ou deveria ser segundo os gestores, os docentes, os pais, a mídia etc. Por isso classificamos o material empírico nas seis categorias apresentadas, a saber: conflitos, eventos, atividades escolares, denúncias, brincadeiras e amizade. Os conteúdos que mais sobressaíam nesses materiais foram a base para esse enquadramento do material nas categorias supracitadas.

Os dados apontam que da perspectiva dos estudantes, de acordo com os temas e conteúdo dos audiovisuais coletados, a escola é representada para além de uma instituição de ensino e formação moral e intelectual, de modo que outros elementos sociais são tão essenciais como a aprendizagem e as competências éticas para a vida em sociedade. As relações sentimentais, como as amizades e os amores fraternos, e as práticas lúdicas, tais como as brincadeiras, as músicas, as danças, os jogos, as piadas e as iniciativas culturais, subvertem um *status quo* da representação tradicional da escola como lugar do ensino e da aprendizagem e o transformam em *lócus* de relações afetivas e de ações de carnavalização da instituição.

Os estudantes estão equipados e são sujeitos produtores de textos, imagens e audiovisuais na sociedade midiaticizada (MORAES, 2006). A sociedade contemporânea apresenta uma multidão equipada (BRASIL & MIGLIORIN, 2010) que cada vez mais produz, recria, consome e compartilha seus pensamentos e representações através dos recursos tecnológicos e da internet. Assim, os estudantes equipados, através dos seus *posts*⁴⁵ (textuais, imagéticos, sonoros ou audiovisuais) no *Facebook*, *Youtube*, *WhatsApp*,

⁴⁵ Termo que se refere à postagem ou publicação na internet.

Instagram, *Twitter*⁴⁶, ou em outra rede social, apresentam o seu cotidiano e as suas visões da escola.

Dessa forma, os estudantes equipados têm a possibilidade de romper os silenciamentos que lhe são impostos dentro das instituições escolares e de superarem a falta de visibilidade. Com as suas publicações nas redes sociais, muitas vezes sem o conhecimento e a ação disciplinadora dos gestores, docentes e outros adultos, os alunos de maneira alternativa e subversiva divulgam os seus discursos, olhares e imagens do universo escolar.

Atualmente, evidências disso são os vários vídeos, imagens, fotos e textos de denúncias que estão se proliferando ainda mais no *Facebook*, no *WhatsApp* e no *Youtube* sobre as ocupações promovidas por estudantes das escolas públicas⁴⁷, gerando um farto material simbólico das ações políticas e sociais desses estudantes equipados nas redes sociais.

Figura 71. Cartaz Ocupa Matias Neto



Foto: Reprodução do *Facebook*, página Ocupa Matias Neto.

⁴⁶ Os dados da Pesquisa Brasileira de Mídias 2015 – SECOM, do Governo Federal, apontam que as cinco redes sociais mais utilizadas são as indicadas acima. Cf. www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf

⁴⁷ Segundo a página no *Facebook* da ANEL, entidade nacional que organiza os estudantes, já são 37 escolas públicas estaduais ocupadas em todo Estado do Rio de Janeiro.

Figura 72. Página Virtual Ocupa Matias Neto



Foto: Reprodução do *Facebook*, página Ocupa Matias Neto.

A todo instante, novas postagens surgem de maneira vertiginosa nas redes sociais. Os estudantes representam e compartilham suas iniciativas de lutas, de disputas, de tensões, de relações de poder, mas também de alegria, amizade, cooperação, união, identidade e cultura. A juventude estudantil munida com seus celulares, câmeras filmadoras ou fotográficas, e demais aparatos tecnológicos, expõe as potencialidades tecnológicas e virtuais para discursar e apresentar a vida estudantil.

Os dois colégios selecionados pela nossa pesquisa, Colégio Estadual Matias Neto e Colégio Estadual Luiz Reid, estavam ocupados e participando ativamente da greve dos professores da rede estadual. Após a finalização da coleta e análise da nossa pesquisa, uma nova onda de materiais imagéticos e audiovisuais tem surgido na internet como forma de enfrentamento e resistência.

Figura 73. Youtube 68

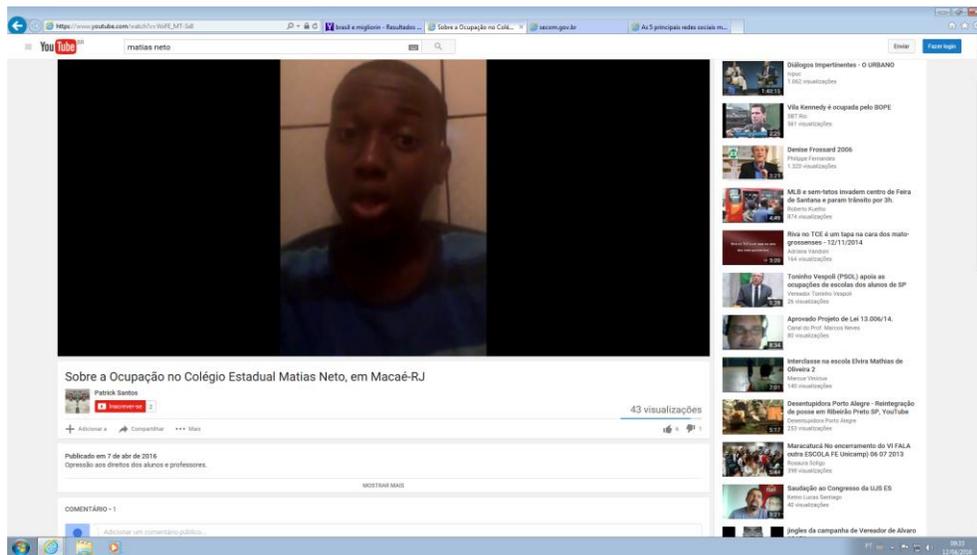


Foto: Reprodução do Youtube, Sobre a Ocupação no Colégio Estadual Matias Neto, em Macaé-RJ

Figura 74. Facebook Ocupa Matias Neto 1



Foto: Reprodução do Facebook, página Ocupa Matias Neto.

Figura 75. Facebook Ocupa Matias Neto 2



Foto: Reprodução do *Facebook*, página *Ocupa Matias Neto*.

Dessa forma, novos estudos podem partir da nossa experiência investigativa e dos resultados alcançados, aproveitando essas novas produções audiovisuais. Essa pesquisa apontou para a necessidade de dar voz e ouvir os discursos desses jovens estudantes, não ignorando esse farto material empírico que está num *élan* contínuo e imparável.

As múltiplas e diversas representações sociais da escola pública encontradas no material audiovisual nos permitiram fazer muitas reflexões de cunho filosófico, sociológico e antropológico. Questões filosóficas debatidas na história do pensamento Ocidental, de Platão (1970) a Foucault (1981), de Aristóteles (1979) a Bauman (2004), de Santo Agostinho (1979) a Ortega (2002), foram revisitadas no decorrer dessa pesquisa.

Por isso, tornaram-se pertinentes reflexões como a ideia de amizade para os estudantes, a definição de amizade, os tipos de amizade na contemporaneidade e como os jovens representam suas relações de afetividade e carinho. Essas reflexões demonstram como a coletividade, os laços afetivos e a coesão social, apesar da liquidez apontada por alguns estudiosos (BAUMAN, 2004), ainda apresentam em alguns momentos estados de solidez, fortificação e presença na instituição escolar. A conexão

entre o pensamento filosófico e a ideia de amizade é expressa nas palavras de Ortega (2002):

A problemática da amizade no pensamento ocidental está unida à questão da filosofia, ela “é interior à filosofia”, como nos diz Deleuze, pois “não se pode saber o que é a filosofia sem viver essa questão obscura, e sem respondê-la, mesmo se for difícil”. Sabemos que o filósofo não é o sábio, mas o amigo, amigo da sabedoria, da verdade, o que fornece à amizade uma dimensão não somente ontológica – a reflexão platônica da *philia* é fundamentalmente ontológica – ao vincular a questão da amizade à da verdade, mas também, devido precisamente a essa ligação, à política.

Compreendemos a ideia de amizade e a sua diversidade na filosofia e na história, identificando como, na prática cotidiana dos estudantes e nas suas representações audiovisuais, essas relações sociais e políticas são importantes e valorizadas. As relações afetivas estabelecidas dentro das instituições escolares são um dos alicerces fundamentais dessa estrutura social e política, como demonstraram a elevada quantidade de audiovisuais que tematizavam, destacavam e, até mesmo, exaltavam as relações de amizade entre os estudantes.

Portanto, a tese abre outros horizontes filosóficos e sociais para uma investigação social sobre o que os jovens entendem por amizade, sobre como a amizade se constitui no espaço escolar, quais são os sujeitos que criam esses laços e o porquê, quais modos de vidas afetivas podemos encontrar na instituição escolar, dentre outras possibilidades investigativas. Através de uma perspectiva mais teórica ou prática, o material coletado sobre essas relações afetivas indicam que a escola e suas representações ainda devem ser mais exploradas nessa direção.

A elevada quantidade de vídeos que representava as tarefas e as atividades escolares também sobressaiu, mostrando como a rotina de ensinar e aprender na escola também é valorizada pelos alunos. Foram dez audiovisuais que evidenciaram o desejo dos alunos em expor os seus trabalhos e atividades escolares, utilizando as redes sociais para dar visibilidade externa às suas produções intramuros.

Apenas um vídeo foi classificado na categoria denúncias. Mesmo percebendo em algumas filmagens as dificuldades estruturais das duas escolas selecionadas, tais como: paredes sujas e pichadas, cadeiras e mesas antigas e rabiscadas, pátio com poças d'água, dentre outros aspectos de deterioração e depredação, a grande maioria dos vídeos não visavam denunciar essas situações muito comum em escolas públicas estaduais⁴⁸.

O material empírico, em sua grande maioria, independente da categoria classificada, visava destacar os aspectos positivos do ambiente escolar, as relações afetivas, as brincadeiras, a cultura, as atividades esportivas, a realização das tarefas escolares, enfim, os conteúdos retratavam como é bom, alegre e valorizado estar com os colegas na escola, seja estudando, cantando, dançando, fazendo piada, jogando bola, criando e relacionando-se afetivamente.

Por isso, temos também um número reduzido de audiovisuais que retratam situações de conflitos, violências ou tensões. Esses elementos estão presentes na rotina escolar, como em qualquer instituição social, mas o desejo de registrar e compartilhar tais situações ainda é menor do que de gravar relacionamentos afetivos e amistosos. Além disso, a disciplinarização escolar sempre cria mecanismos de controle dos registros audiovisuais desses conflitos internos, sufocando o máximo possível a divulgação externa dessas situações entre os membros da comunidade. Ou seja, os docentes, os gestores e demais funcionários, mas também os próprios alunos, tentam o máximo possível evitar que tais imagens de conflitos porem nas redes sociais, caracterizam-se, pois, como evidências das relações de poder, abordadas por Michel Foucault (1997).

Algumas ausências ou baixas incidências da presença de alguns sujeitos sociais nas filmagens foram notadas. Não obtivemos registros de diretores, inspetores ou coordenadores pedagógicos nos audiovisuais. A presença de docentes nos vídeos é mínima, sendo registrada apenas nos vídeos de amizade e homenagem às turmas que se formaram. Os adultos, na grande maioria dos audiovisuais, estão praticamente excluídos das representações, o que nos leva à ideia de que os estudantes desejam registrar e divulgar os seus momentos, as suas relações com os pares, de preferência longe da presença e dos olhares disciplinadores dos adultos da instituição de ensino.

⁴⁸ Com as ocupações dos estudantes nas escolas públicas, um novo material empírico tem sido construindo nas redes sociais denunciando as questões críticas e de organização escolar pública.

A maior parte dos audiovisuais foi classificada na categoria brincadeiras e representa a escola como um ambiente de diversão e humor. Algumas das práticas e comportamentos humorísticos registrados nas produções subvertem a ordem e a disciplina escolar, abrindo espaço para a carnavalização do espaço e do comportamento dos estudantes.

Promover uma guerra de bolinhas enquanto os colegas estudam, jogar bola dentro da sala de aula, cantar *funk* ou pagode na hora da aula, dançar *funk* e sensualizar o próprio corpo, fazer piadas, ironias e imitações enquanto alguns pares copiam uma matéria no quadro são só algumas das práticas que denominamos de carnavalização que encontramos nas representações da escola, rompendo as normas que regulam os comportamentos na instituição. Assim, a escola é representada como um espaço de brincadeiras e com momentos de subversão temporária das normas e regimentos internos, muitas das vezes sem o conhecimento dos gestores e docentes, mas livremente divulgado e compartilhado no *Youtube* e em outras redes sociais.

Refletindo de forma mais ampla sobre a tese da pesquisa, os audiovisuais oferecem elevada relevância as representações sociais da escola como um lugar de diversão entre pares, um espaço que precisa ser subvertido para atender às demandas dos estudantes, desejosos de brincadeiras, de humor e de cultura que está no seu círculo de identidade. Nos vídeos, o colégio é o espaço onde se convive e se diverte com os amigos, mesmo que para isso tenha que se alterar a ordem estabelecida e imposta.

Por fim, acreditamos que essa tese marca uma contribuição para um olhar mais atento e cuidadoso aos anseios e vontades dos estudantes, valorizando os discursos e as imagens que eles produzem e compartilham *online* e *offline*, observando e ouvindo o que pensam e como pensam as suas escolas. Dessa forma, poderemos rever práticas e normas escolares determinadas de cima para baixo, que não atendem às demandas dos usuários das escolas e avançar na qualidade do sistema de ensino público.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In: **Revista Brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 5 e n. 6, p. 25 – 36, maio/dez. 1997.

AGABEM, Giorgio. **O que é um dispositivo?** *In.*

www.periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/download/12576/11743 Acessado em 10 de março de 2013.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões; De Magistro. Col. Os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ALEGRIA, João & LEITE, Camila. **Imaginário, linguagem audiovisual e identidade em vídeos realizados por jovens.**<http://www.useres.rdc.puc-rio.br/midiajuventude/imaglinguotexto.html> Acessado em 10 de junho de 2013.

ALVES, Nilza Gonzaga. **Minha vida é uma tela aberta:** diários de jovens no Youtube. Dissertação de Mestrado em Educação. Niterói RJ, Universidade Federal Fluminense, 2011.

ALVES, Isidoro M. da Silva. **O carnaval devoto.** Petrópolis: Vozes, 1980.

ANDRADE, Denise Pires. **Produção e recepção audiovisual em educação em saúde:** leituras de jovens do RAP da saúde sobre um vídeo educativo. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro-RJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

ARAUJO, Denize C (org.). **Imagem (ir)realidade:** comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARISTÓTELES. **Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética. Col. Os Pensadores.** São Paulo: Nova Cultural. 1979.

ARISTÓTELES. A amizade. In. Moraes Neto, Joaquim José de. **A amizade em Aristóteles.** Londrina: Ed. UEL, 1999.

ARMES, Roy. **On vídeo: o significado do vídeo nos meios de comunicação.** São Paulo: Summus, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec/ Universidade de Brasília, 1987.

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBOSA, Andréa & CUNHA, Edgar T. da. **Antropologia e imagem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BARBOSA, Alexandre F. (coord.). **Pesquisa sobre os usos das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras** [livro eletrônico] TIC educação 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.

_____. **Pesquisa sobre os usos das tecnologias da informação e comunicação nas escolas brasileiras** [livro eletrônico] TIC educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.

_____. **TIC KIDS Online Brasil 2013: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil** [livro eletrônico]. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.

_____. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil** [livro eletrônico]: TIC Kids Online Brasil 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.

_____. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros.** [livro eletrônico]: TIC Domicílios 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.

_____. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros.** [livro eletrônico]: TIC Domicílios 2013. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.

BARBOSA, Lúvia. **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação.** Blumenau: Odorizzi, 1998.

BATISTA, Lucineia de Fátima S. **Jovens Youtubers: processos de autoria e aprendizagens na contemporaneidade.** Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro-RJ, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

BAUER, W. Martin & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Medo Líquido.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Vidas em Fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BECKER, Howard S. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BELÉM, Rosemberg Cavalcanti. **Representações sociais sobre a indisciplina escolar no ensino médio**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Recife, Universidade Federal de Pernambuco. 2008.

BELLONI, Maria Luiza. **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BECKER, HOWARD S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOFF, Leonardo. **Ética e Moral: a busca dos fundamentos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. “A ‘juventude’ é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRASIL, André & MIGLIORIN, César. “Biopolítica do amador: generalizações de uma prática, limites de um conceito”. **Revista Galáxia**, São Paulo: nº 20, p.84-94, dez. 2010.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CABRERA, Julio. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CANCLINI, Néstor G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHERVEL, André. L’ histoire des disciplines scolaires. Paris: **Histoire de L’ educacion**, n.8, 1988, p. 59-119.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORTINA, Adela. **Ética Mínima**. São Paulo, Martins Fontes, 2009.

_____. **Ética**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

COSTA, Marisa V. "Imagens do consumismo na escola – a produtividade da cultura visual". In: Instrumento: **Revista de estudo e pesquisa em educação/Universidade de Juiz de Fora**: Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

_____. (org.) **A educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CRARY, Jonathan. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997a.

_____. **A casa & A Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997b.

_____. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. O carnaval como um rito de passagem. In: _____

Ensaio de antropologia estrutural. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 19-66.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** A questão da identidade. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2007.

DESCHAMPS, Jean-Claude & MOLINER, Pascal. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

DUARTE, Rosália. “Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo”. In: **Cadernos de Pesquisa** nº 115: 139-154. São Paulo, 2002.

_____ *et al.* “Produção e análise de vídeogravações em pesquisas qualitativas”. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.2, p.249-262, maio/ago. 2011.

DUARTE, Jorge. & BARROS, Antonio. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DURKHEIM, Émile. “Representações coletivas e representações individuais”. In: **Sociologia e Filosofia**. São Paulo: Ícone, 1999.

_____. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

EPICURO., SÊNECA., *et all.* **Antologia de textos. Col. Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

FERNANDES, Sandra Maria. **Foucault: a experiência da amizade**. Natal: Dissertação de Mestrado. – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

FILHO, Luiz Augusto Coimbra. **Documentário e Virtualização: propostas para uma microfísica da prática documentária**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado. UFRJ, 2005.

FILHO, João Freire. **Reiventações da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Artmed, 2009.

FRAGOSO, Suely. *et al.* **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANÇA, Júnia Lessa & VASCONCELLOS, Ana Cristina. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

_____. **Um diálogo sobre os prazeres do sexo**. NIETZSCHE, FREUD e MARX *Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Landy, 2005.

_____. **TEXTOS DE FOUCAULT EM PORTUGUÊS**. "Da amizade como modo de vida." Disponível: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Consultado em: 05 de out. de 2015;

_____. **De l'amitié comme mode de vie**. *Gai Pied*, nº 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>. Acesso em: 10 nov. 2006. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

FURTADO, Beatriz (org.). **Imagem contemporânea: cinema, tv, documentário, fotografia, videarte, games...** (vol.I). São Paulo: Hedra, 2009.

_____(org.). **Imagem contemporânea: cinema, tv, documentário, fotografia, videarte, games...** (vol.II). São Paulo: Hedra, 2009.

GARCEZ, Andrea Müller. **Representações sociais do cyberbullying na Mídia e na Escola**. Tese de Doutorado em Educação. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2014.

GERBASE, Carlos; PELLANDA, Eduardo C.; TONIN, Juliana (orgs.). **Meios e mensagens na aldeia virtual**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social** (Org.). Teoria, Método e Criatividade, Petrópolis: Vozes. 2002.

GONÇALVES, Marco Antonio. & HEAD, Scott. **Devires imagético**: a etnografia, o outro e suas imagens (orgs.). Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

GREEN, J. & BURGESS, J. **Youtube e a revolução digital**: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

GUARESCHI, Pedrinho. & JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis. Vozes, 2011.

HENRIQUES, Claudio Cezar & SIMÕES, Darcila (orgs.). **A redação de trabalhos acadêmicos**: teoria e prática. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2010.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

HOOFT, Stan Van. **Ética da virtude**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

HOUAISS, Antônio. & VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva: 2017.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real**: estética, mídia e cultura: Rocco, 2007.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. GREEN, Joshua. & FORD, San. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JODELET, Denise (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNIOR, Eduardo N. **A imagem**. São Paulo: Ática, 2006.

KISHIMOTO, Tizuko M (org.). **Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo, Cortez, 1999.

KLEIN, Otavio José. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. **Estudos de Comunicação**, nº 1, p.215-231, abr. 2007. Disponível em: www.labcom.ubi.pt/ec/01/docs/artigos/klein-otavio-genese-do-conceito-de-dispositivo.pdf
Acesso em: 10/03/2015.

LAERTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora UNB, 1977.

LEMOS, André, **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed.34, 2011.

LOURAU, René. **A análise institucional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

LÜDKE, Menga. & ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARTÍN-BARBERO & REY, GERMÁN. Os exercícios do ver. São Paulo: Editora SENAC, 2004. MÉDOLA, Ana Sílvia L. et al (orgs.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MINAYO, Marica Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONGIN, Olivier. **A violência das imagens: ou como eliminá-la?**. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998.

MONTAÑO, Sonia. et al. **Impactos das novas mídias no estatuto da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORAES, Dênis (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2011.

NICOLACI-da-Costa, Ana Maria. **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2006.

NICOLACI-da-Costa, Ana Maria & ROMÃO-Dias, Daniela. **Qualidade faz diferença: métodos qualitativos para a pesquisa em psicologia e áreas afins.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2013.

NÓVOA, Antonio (org.). **As organizações escolares em análise.** Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

ORTEGA, Francisco. **Genealogias da amizade.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

_____. **Amizade e Estética da Existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Exclusão étnico-racial: um mapeamento das desigualdades étnico-raciais no município de Macaé. Análise sociológica da pesquisa domiciliar do /programa Macaé Cidadão.** Macaé: Gráfica e Editora Salle, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Rosana Alves de. **A produção de vídeo por celular e a representação de identidades juvenis: um estudo com estudantes participantes do projeto Telinha de Cinema.** Dissertação de Mestrado em Educação. Brasília- DF, Universidade de Brasília, 2013.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *et al* (orgs). **Linguagens da violência.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PEREIRA, Marcus Vinicius. **Produção e recepção de vídeos por estudantes de ensino médio: estratégia de trabalho no laboratório de física.** Tese de Doutorado em Educação em Ciências da Saúde. Rio de Janeiro-RJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Odília Nair Silva. **Representações sociais da escola:** Discurso de adolescentes com diferentes percursos escolares. Porto: Universidade do Minho, 2013.

PERÉZ-GOMÉZ, A. I. **A cultura Escolar na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social para principiantes:** estudo da interação humana. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança:** Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PLATÃO. **A República.** Col. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural. 1997.

_____. **Lisíde.** São Paulo: Edições Melhoramentos, 1970.

PONTE, Maria Gláucia Ferreira da. **As representações sociais da escola pública nos Jornais de Teresina (1960 – 1989).** Teresina, Universidade Federal do Piauí, 2005.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais.** Ptscribd.com/doc/557594/Nativos-Digitais-Imigrantes-Prensky. Acessado em 10 de março de 2013.

PRÉ-SOCRÁTICOS. **Os pré-socráticos:** fragmentos, doxografia e comentários. **Col. Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador:** comunicação, cultura, cognição: Porto Alegre: Sulina, 2007.

REVEL, Judith. **Dicionário de Foucault.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

RIBEIRO, Daniella Costantini das Chagas R. **As representações do “eu” na rede social Youtube**: quando o íntimo atravessa os limites do público e do privado. Dissertação de Mestrado em Cognição e Linguagem. Campos dos Goytacazes RJ, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2012.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social para principiantes**: Estudo da interação humana. Petrópolis: Vozes, 2012.

ROSA, Selma Almeida. **Representações sociais de alunos da rede pública estadual de ensino sobre escola, escola pública e particular**. Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes/UEL, 2015.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In.: BAUER, Martin W. & Gaskell (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

_____. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. **Temas em Psicologia**, n.3, 1996, p.19-33.

SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora Unicamp. 2012.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: A escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Rogério Oliveira. **Violência e Juventude:** um estudo de representações sociais em Uberlândia-MG. Dissertação de Mestrado em Educação. Brasília DF, Universidade de Brasília, 2007.

SINGER, Peter. **Um só mundo:** A ética da globalização. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SÓFOCLES. **Rei Édipo.** São Paulo: UESP, 2005.

SOUSA, Yuri Sá Oliveira. **Maconha e representações sociais:** a construção discursiva da cannabis em contextos midiáticos. Dissertação de Mestrado. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.

SPOSITO, Marilia Pontes. **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:** Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing Digital.** São Paulo: Novatec editora, 2009.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada:** filosofia da sensação. Campinas: Editora, 2010.

VANOYE, Francis. & GOTLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica.** Campinas: Papyrus, 2006.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar, despertar psicomotor.** Rio de Janeiro: Sprinter, 1996.

VIANNA, Hermano. **Galerias Cariocas:** territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

ZUIN, Antônio A. S. **Violência e tabu entre professores e alunos:** a internet e a reconfiguração do elo pedagógico. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

8. VIDEOGRAFIA

Títulos dos audiovisuais coletados no Youtube:

Adele – someonelikeyou – loucura no luizreid

Bagunça no Luiz Reid

Basquete Luiz Reid

Bullyng – colégio estadual luiz reid – macaé-rj

Bullyng no Matias Neto

Clube de ciências – Matias neto

Colégio E. Luiz Reid manifestação

Colégio estadual luiz reid debaixo d'água

Corporação estadual Luiz Reid

Corporação estadual Luiz Reid (celur Macaé-Rj)

CN 4001/2010 – luiz reid

Dançarina do luiz reid

Distração mais bonita ki tem – luiz reid

Ed. Física do Colégio Matias Neto

Ensaio das alunas e banda do Colégio Matias Neto – 27-06-2013

Fatos históricos do CE Luiz Reid, Clip da gincana Fatos históricos do CE Luiz Reid, Clip da gincana Cn 3001/2010

Escola Luiz Reid

Formatura CN/2011 – Colégio Estadual Luiz Reid

Formatura de professores C.N. Luiz Reid

Galeria Luiz Reid 2011- Gabri Herpes

Guilherme e Carlos Wendell – luiz reid (turma: 3002 FG)

Harlemshake – Matias Neto

Instalação de artes Matias Neto

Isso é Luiz Reid mermão. Kkkk

Kkkkkkkkkk comédia no luiz reid:}

Luiz reid

Matias Neto turma do fundão

Matias Neto – Questão racial – turma 1005

Maxwell Vaz – Entrevista com os Alunos do Colégio Luiz Reid – Macaé/RJ

Meninos jogando bola Luiz Reid

Meus amigos do Matias Neto

Nicole Luiz Reid

O grande mico escolar “queda luiz reid

Os malucos e a pirâmide do luiz reid em macaé

Piscina no colégio estadual luiz reid

Professor Cosme – Luiz Reid

Sarau pedagógico (clipe), literatura: arte-educação/CE Luiz Reid/ 2011

Thiaguinho e Matheus 7 no Matias Neto

Toquinho brutal Luiz Reid

Toquinho brutal Luiz Reid2

Turma CN 1001 (Luiz Reid) – fazendo ahmuleke

Turma 1002 luiz reid a melhor

Turma 3002 – 2012 luiz reid

Vídeo da formatura de professores do colégio estadual luiz reid

Video gravado por mim em 2009 no colégio luiz reid turma 801

9. ANEXO

Segundo dados da SECOM, do Governo Federal, entre as redes sociais e os programas de trocas de mensagens instantâneas mais usadas estão o Facebook (83%), o Whatsapp (58%), o Youtube (17%), o Instagram (12%) e o Google+ (8%). O Twitter foi mencionado apenas por 5% dos entrevistados.

